LUMEN FLUENS
ESTUDOS COMPARADOS

HUGO TOMAZETI NETO

LUMEN FLUENS E PLATÃO:
ONDE NOS TOCAMOS, ONDE NOS SEPARAMOS

Estudo Comparado X

GOIÂNIA

2026

HUGO TOMAZETI NETO

LUMEN FLUENS E PLATÃO:
ONDE NOS TOCAMOS, ONDE NOS SEPARAMOS

Estudo Comparado X

Estudo Comparado X da série “Onde nos tocamos, onde nos separamos”, do Lumen Fluens, sobre o Cânon v1.2. Versão 1.1, com as decisões do fundador de 23 de outubro de 2026. Preparado com assistência de inteligência artificial (Claude, Anthropic) sob direção e revisão do autor.

GOIÂNIA
2026

A luz não se acende — ela se revela.

Cânon Lumen Fluens, v1.2, Os Quatro Pilares, I

RESUMO

Este estudo compara a filosofia de vida Lumen Fluens, em seu Cânon v1.2, com o pensamento de Platão, seguindo o princípio da série de Estudos Comparados: apresentar a doutrina visitada em sua melhor forma e só depois marcar as fronteiras. Platão é exposto pelos diálogos, no grego da edição Burnet — Apologia, Críton, Fédon, Górgias, República, Banquete, Fedro, Teeteto, Timeu, Leis — e pela tradição que o lê. O estudo encontra sete pontos de contato (a luz que faz ver e a Lux; a conversão e a luz que se revela; a vida examinada e o Examinar; o daimonion e a Bússola; a harmonia da alma e a integridade; o regresso à caverna e a lamparina no rio; a inocência do deus e a recusa da teodiceia) e oito fronteiras (um só Bem e a luz de cada um; conquista e revelação; a escada e o não ranking; o mal como ignorância e o lobo; a prisão e o templo; a Forma e o valor; a cidade e o rio; o nome). Propõe a fórmula “o Lumen Fluens aceita de Platão o giro e recusa a escada”, reúne o que Platão oferece ao tratado da justiça e às Fichas da série e entrega ao fundador onze questões, das quais seis novas foram decididas em 23 de outubro de 2026, com a fórmula. Toda citação traz localização de Stephanus e marcador de verificação; nenhuma edição brasileira ou portuguesa foi aberta.

Palavras-chave: Platão; Lumen Fluens; caverna; cuidado da alma; conversão; justiça; filosofia comparada.

ABSTRACT

This study compares the philosophy of life Lumen Fluens, in its Canon v1.2, with the thought of Plato, following the principle of the Comparative Studies series: to present the visited doctrine in its best form and only then to draw the borders. Plato is expounded from the dialogues, in the Greek of Burnet’s edition — Apology, Crito, Phaedo, Gorgias, Republic, Symposium, Phaedrus, Theaetetus, Timaeus, Laws — and from the tradition that reads him. The study finds seven points of contact (the light that makes one see and the Lux; conversion and the light that reveals itself; the examined life and the Examining; the daimonion and the Compass; the harmony of the soul and integrity; the return to the cave and the lamp in the river; the innocence of the god and the refusal of theodicy) and eight borders (one Good and the light of each; conquest and revelation; the ladder and non-ranking; evil as ignorance and the wolf; the prison and the temple; the Form and value; the city and the river; the name). It proposes the formula “Lumen Fluens accepts from Plato the turning and refuses the ladder”, gathers what Plato offers to the treatise on justice and to the series’ Fichas, and hands the founder eleven questions, six of them new and decided on 23 October 2026 together with the formula. Every quotation carries a Stephanus location and a verification marker; no Brazilian or Portuguese edition was opened.

Keywords: Plato; Lumen Fluens; cave; care of the soul; conversion; justice; comparative philosophy.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

[V-pt] / [V-en] / [V-es]	citação conferida em edição portuguesa, inglesa ou espanhola
[V-gr]	citação de Platão conferida no grego da edição Burnet (Perseus)
[V-extr]	citação de autor da tradição conferida em edição estrangeira
[V via secundária]	citação lida por intermédio de outro autor, nomeado no Apêndice A
[tradução do estudo]	tradução de trabalho feita pelo estudo, a partir do francês, do espanhol ou do inglês
[paráfrase]	sentido fiel ao texto; palavras do estudo
[tese a confirmar] / [localização a confirmar] / [página a confirmar]	o que ainda falta conferir
[leitura do estudo] / [inferência do estudo] / [hipótese do estudo]	marcas de autoria do estudo, distintas das três vozes
decisão n.º 1–7	decisões do fundador de 17 de outubro de 2026, numeradas como no Prólogo do Estudo VII
decisão n.º 1–12 (19/10)	decisões do fundador de 19 de outubro de 2026, numeradas como no Prólogo do Estudo VIII
decisão n.º 1–13 (23/10)	decisões do fundador de 23 de outubro de 2026 sobre o Estudo IX, numeradas como no Prólogo daquele estudo
decisão n.º 1–10 (23/10, Estudo X)	decisões do fundador de 23 de outubro de 2026 sobre este estudo, numeradas na seção 1.2
Cânon v1.2	Cânon do Lumen Fluens, versão 1.2 (agosto de 2026), texto publicado
periagogé	o giro da alma inteira (*República* VII, 518d), a primeira metade da fórmula
daimonion	o sinal divino de Sócrates, posto diante da Bússola

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO: O ESTADO DA QUESTÃO E O MÉTODO 10
1.1 Como ler este estudo 11
1.2 Decisões do fundador (versão 1.1, 23 de outubro de 2026) 13
1.3 O que o IX antecipou 14
2 PLATÃO EM SUA MELHOR FORMA 15
2.1 Uma vida e uma escola 15
2.2 Sócrates e o cuidado da alma 15
2.3 O mal como erro e a pena como cura 17
2.4 A alma, a reminiscência e o que permanece 17
2.5 A alma tripartida e a justiça como harmonia 18
2.6 O Bem, o sol, a linha e a caverna 19
2.7 Eros e a escada do belo 20
2.8 O tempo, o fluxo e o cosmos 21
2.9 Deus é inocente: Er e as *Leis* 22
2.10 A escrita, o mito e o divino como material 23
2.11 O que levar daqui 23
3 ONDE NOS TOCAMOS 25
3.1 A luz que faz ver e a Lux 25
3.2 A conversão e a luz que se revela 26
3.3 A vida examinada e o Examinar 27
3.4 O *daimonion* e a Bússola 28
3.5 A harmonia da alma e a integridade 29
3.6 O regresso à caverna e a lamparina no rio 29
3.7 Deus é inocente e a recusa da teodiceia 30
4 ONDE NOS SEPARAMOS 32
4.1 Um só Bem e a luz de cada um 32
4.2 Conquista e revelação 33
4.3 A escada e o não ranking 34
4.4 O mal como ignorância e o lobo 35
4.5 A prisão e o templo 37
4.6 A Forma e o valor 38
4.7 A cidade e o rio 39
4.8 O nome: o Bem, os deuses e a Luz 40
5 PLATÃO ANTES DAS CASAS QUE JÁ VISITAMOS 42
5.1 O estoicismo: Sócrates como modelo da Stoa 42

5.2 O cristianismo: Agostinho e os livros dos platônicos 43
5.3 Hegel: a dialética e a Academia 44
5.4 O existencialismo: Kierkegaard e Jaspers diante de Sócrates 45
5.5 Levinas e Ricoeur: o Bem e o sol 45
5.6 Buber e o diálogo 46
5.7 O que não há: budismo, Vedanta, taoísmo 47
5.8 O padrão 48

6 PRÉVIAS: AUTORES QUE VIRÃO 49
6.1 Aristóteles 49
6.2 Agostinho 50
6.3 Hannah Arendt 51
6.4 Gabriel Marcel e Karl Jaspers 52
6.5 Charles Taylor 53

7 SÍNTESE, FÓRMULA E QUESTÕES ABERTAS 54
7.1 O que o estudo encontrou 54
7.2 A fórmula 55
7.3 Questões abertas 56
7.4 O que Platão oferece 58
7.5 A lamparina 58

REFERÊNCIAS 60

APÊNDICE A — FONTES CITADAS, POR CAPÍTULO 69

APÊNDICE B — CONFERÊNCIAS PENDENTES 88

APÊNDICE C — PAINEL DE VERIFICAÇÃO 92

1 INTRODUÇÃO: O ESTADO DA QUESTÃO E O MÉTODO

Gênero: Estudo Comparado · Nível: avançado · Parte do cânon: todo o cânon, em diálogo externo — em especial a Lux, o Flumen, a Mutatio, o Corpus, a Bússola, as Águas Comuns e o Examinar

Princípio da série — Comparar não é competir. Cada estudo honra a doutrina visitada apresentando-a em sua melhor forma, e só então marca as fronteiras. Uma filosofia que precisa diminuir as outras para existir não confia na própria luz.

Versão 1.1, 23 de outubro de 2026 — com as decisões do fundador (ver o Prólogo). Versão 1.0, para validação: 23 de outubro de 2026.

Platão é o primeiro clássico da série. O fundador decidiu, em 23 de outubro de 2026, a ordem em que os clássicos entram — Platão, Aristóteles, Agostinho; depois Arendt, Marcel e Jaspers, Taylor (decisões do fundador de 23 de outubro de 2026, numeradas como no Prólogo do Estudo IX, n.º 11). O Estudo IX já o tinha anunciado pela luz (6.1): o Bem está no inteligível como o sol no visível, a educação não é pôr vista em olhos cegos, o tempo é imagem móvel da eternidade. Depois de três contemporâneos, Hegel, Levinas e Ricoeur, a série volta a uma fonte de que as casas do capítulo 5 beberam, e a volta tem um risco próprio. Com Hegel, Levinas e Ricoeur a distância se via; com Platão a semelhança de imagem pode esconder a diferença de coisa. Um filósofo da luz diante de uma doutrina da luz é o teste mais direto que a série podia fazer, e o mais traiçoeiro.

A resposta curta, que o estudo inteiro desdobra: Platão entra no Lumen Fluens pelo giro da alma e pelo exame, e encontra duas fronteiras, a do Bem e a da escada. Entra pelo giro, porque a educação, na caverna, não é "produzir o ver" (*República* VII, 518d; ver 2.6) [V-gr]: é voltar a alma inteira para a luz com a vista que ela já tem. O cânon diz que a luz "não se acende — ela se revela" (Cânon v1.2, "Os Quatro Pilares", I, "Princípio"). Entra pelo exame, porque a vida "não examinada" não vale a pena ser vivida (*Apologia*, 38a; ver 2.2) [V-gr], e o cânon fecha cada dia com duas perguntas (3.3).

Encontra a fronteira do Bem, porque em Platão há um só Bem, de que o sol é "filho", e a luz é um terceiro gênero entre a vista e o visível (*República* VI, 507d–e, 508b–c; ver 2.6) [V-gr]. No cânon há uma Lux em cada pessoa, a que cada um dá o nome que tem, e a origem fica, de propósito, sem nome imposto pelo cânon (4.1). E encontra a fronteira da escada, porque a subida tem graus e a escada de Diotima ordena o que se ama, e o cânon diz que "cada luz é intrínseca — não relativa, não comparativa, não sujeita a ranking" (Tratado da Luz Interior, "Fundamentação") (4.2, 4.3).

O estudo propôs ao fundador uma fórmula, que ele adotou em 23 de outubro de 2026 (7.2; "Decisões do fundador", n.º 1): **o Lumen Fluens aceita de Platão o giro e recusa a escada.** Aceita o giro: a vista já está dada, falta a direção. Recusa a escada: nenhum degrau entre pessoas; "escada" nomeia aqui o ranking de pessoas, e não a escada

do *Banquete*, que ordena o que se ama. O que em Platão ordena objetos e graus de visão dependia de (ab) e (ac), e o que mais a fórmula diga dependia de perguntas que o capítulo 7 reúne — sobretudo de (ab), se a Lux admite graus de visão sem graus de valor, e de (aa), se a imagem do sol pode ser tomada como estrutura sem que o Bem seja nome da Luz. As duas foram respondidas no mesmo dia (n.º 2 e 3): graus de visão, nunca de valor; o sol é estrutura, e o Bem não é nome da Luz.

1.1 Como ler este estudo

Três vozes atravessam o texto e permanecem separadas. **Platão diz** o que está nos diálogos, citado e localizado pela paginação de Stephanus, com o livro quando o há: a *Apologia*, o *Críton*, o *Alcibíades I*, o *Protágoras*, o *Górgias*, o *Mênon*, o *Fédon*, a *República*, o *Banquete*, o *Fedro*, o *Timeu*, o *Crátilo*, o *Teeteto*, as *Leis* e a *Carta VII*. O que Platão põe na boca de uma personagem é dito como de Platão, e a personagem é nomeada quando não é Sócrates. **A tradição lê** o que um intérprete nomeado faz do texto: Rocha Pereira, Perine, Cornelli, Pimenta Marques, Trindade Santos, Iglésias, Casertano, Jaeger, Reale, Cornford, Vlastos, Annas, Kahn, Hadot, Foucault, Dixsaut, Brisson, Guthrie, e os leitores brasileiros e portugueses por cujas páginas muitas passagens chegaram até aqui. **O cânon responde** com as palavras do Cânon v1.2, dos três Tratados, da Disputatio, do Catecismo, das Meditações Práticas e das decisões do fundador, sempre pelo nome do elemento: Lux, Flumen, Mutatio, Corpus, Bússola, Abrigo, Vigília, Águas Comuns, Regra da Misericórdia, Examinar.

"Nas fontes do cânon" quer dizer o Cânon v1.2, os Tratados, a Disputatio, o Catecismo, as Meditações e as decisões. As Fichas dos Estudos I a VII não são cânon e se citam como tais; os Estudos VII, VIII e IX entram como leitura anterior do estudo e se citam como tais. O que passa das três vozes é do estudo, e vem marcado: [leitura do estudo], [inferência do estudo], [hipótese do estudo]. O estudo não decide: propõe e pergunta.

As citações trazem marcadores de verificação, e este estudo tem uma particularidade que convém declarar na primeira página. O grego de Platão foi conferido no texto de Burnet, pela Perseus Digital Library, com o inglês de Shorey, Fowler, Lamb e Bury à vista. Nenhuma edição brasileira ou portuguesa dos diálogos foi aberta, e o português de Platão é, quase sempre, tradução do estudo a partir do grego. Onde uma tradução portuguesa aparece, ela chegou por intermédio de quem a cita, em fragmento curto.

Por isso [V-gr] indica que a passagem foi conferida no grego; [V-en], no inglês; [V-pt via secundária: autor, ano], que a tradução portuguesa foi lida dentro de outro texto; [V-es], na edição espanhola. [paráfrase] diz que há a tese sem a letra. [tese a confirmar], [localização a confirmar] e [página a confirmar] dizem o que falta conferir, e o estudo prefere uma lacuna marcada a uma citação falsa. Nas Fontes de cada capítulo a ordem dos

marcadores é fixa: primeiro a verificação, depois a natureza (tradução do estudo, paráfrase), e o grego conferido vai entre «». O *Alcibíades I* e a *Carta VII* levam [autenticidade disputada]. Dentro das aspas fica a grafia da edição; fora delas, o português do Brasil.

Cuidados de vocabulário, que o capítulo 2 enumera (2.11) e cada capítulo repete onde trabalha. “Luz”, sem maiúscula, é a do dia e a do sol: em Platão ela é um terceiro gênero entre o olho e a cor, o sol é “filho” do Bem, e o Bem não é dito luz; “a Lux” é a de cada pessoa. “Alma” é a *psyché* de Platão; o cânon a usa duas vezes, numa só prática. “Bem” é o Bem de Platão; no cânon há “viver bem”. “Justiça” é a da alma e da cidade, e a devida ao lobo. “Exame” é o *elenchos*, feito com outro, e o Examinar, feito com as duas perguntas do pilar I; “conversão” é a *periagogé*, e a Mutatio não se chama conversão. “Terceiro” ganha, com o terceiro gênero, um quinto sentido na série. O *há* é o termo de Levinas, e a Necessidade do *Timeu* não é ele. O grego vai transliterado, em itálico, só nos termos consagrados, com a tradução na primeira ocorrência de cada seção. “Fonte” e “eterno” não servem como letra do cânon para o Bem como fonte do ser nem para a eternidade: a letra de “eterno” é só “O eterno dança no tempo” (Cânon v1.2, “Origem”), e para “fonte” não há letra de doutrina.

Quando um capítulo diz que Platão não trata de algo, a afirmação vale só para as obras que o estudo leu.

O estudo segue a regra da série: comparar não é competir. Platão é exposto primeiro em sua melhor forma, pelos diálogos, na ordem do pensamento e não da cronologia disputada (capítulo 2). Só depois se procura onde o cânon já anda ao seu lado (capítulo 3) e onde se separa dele (capítulo 4).

O capítulo 5 inverte a pergunta dos estudos anteriores. Não o que Platão disse das casas que a série visitou, porque ele veio antes das casas que o capítulo visita, mas o que cada casa recebeu dele: o estoicismo, o cristianismo, Hegel, o existencialismo, Levinas e Ricoeur, Buber. E, com honestidade, o que não há: o Oriente, de que nenhum intérprete nomeado o aproxima. O capítulo 6 abre as portas seguintes: Aristóteles, o Estudo XI já decidido, Agostinho, Arendt, Marcel e Jaspers, Taylor. O capítulo 7 reúne a síntese, a fórmula, as questões que o estudo deixa abertas, numa só lista, e o que Platão oferece à Regra de Vida, ao tratado da justiça e às Fichas. Seguem as fontes do Prólogo e as de cada capítulo, a bibliografia, as conferências pendentes e o painel de verificação.

As decisões do fundador de 17 de outubro de 2026 (numeradas como no Prólogo do Estudo VII, n.º 1 a 7), de 19 de outubro (como no Prólogo do Estudo VIII, n.º 1 a 12) e de 23 de outubro (como no Prólogo do Estudo IX, n.º 1 a 13) valem como palavra dele e não são reabertas. Nenhuma delas foi tomada sobre Platão: as de 23 de outubro respondem a Ricoeur, as de 19 a Levinas, as de 17 a Hegel. Quando o estudo as relaciona a Platão, pergunta se a leitura vale, e marca. A Antífona, parte do cânon, não é tratada neste estudo.

1.2 Decisões do fundador (versão 1.1, 23 de outubro de 2026)

O fundador leu a versão 1.0 e respondeu ao que o estudo lhe perguntava. As decisões valem como palavra dele e são numeradas à parte das de 17 de outubro (Estudo VII), das de 19 de outubro (Estudo VIII) e das de 23 de outubro sobre o Estudo IX, tomadas no mesmo dia. Quando o corpo do estudo diz "decisão n.º N de 23 de outubro" sem mais, refere-se às do Estudo IX; as desta lista são citadas como "decisão n.º N de 23 de outubro sobre o Estudo X". Não alteram o texto do Cânon v1.2: fixam como o cânon deve ser lido nos pontos em que o estudo perguntou. No corpo, cada questão decidida leva a marca "[Decidida pelo fundador em 23/10/2026 (Estudo X, n.º N): …]".

1. **A fórmula** está adotada: o Lumen Fluens aceita de Platão o giro e recusa a escada. O giro é o voltar-se da alma inteira, que não produz a vista e sim a direção; a escada recusada é o ranking de pessoas, e não a escada do *Banquete*.
2. **A Lux admite graus de visão, nunca de valor** (questão (ab)): a mesma luz pode estar mais ou menos vista, "encoberta", sem que isso ordene pessoas. O giro fica como está.
3. **O sol é estrutura; o Bem não é nome da Luz** (questão (aa)): a imagem da luz que faz ver pode ser tomada como estrutura, e o que Platão pôs no alto fica onde ele o pôs. A herdada (h) está respondida: a fonte da Luz continua sem nome no cânon.
4. **Cabe no cânon um amor que sobe** (questão (ac)): a escada de Diotima ordena o que se ama, não quem ama; ordenar objetos não é ranquear pessoas.
5. **A cura de Platão é material do tratado da justiça** (questão (ad)): a pena como remédio da alma (*Górgias*; *Leis* IX) entra no tratado ao lado das peças de Ricoeur e de Levinas, sem ordem escolhida; (g) continua aberta até o tratado.
6. **Só templo** (questão (ae)): o corpo não encobre a luz. As causas do encobrimento continuam as três que o Tratado da Luz Interior nomeia — medo, hábito e adaptação às expectativas alheias.
7. **O veto da Bússola é a própria Luz na pessoa, sem voz externa** (questão (af)): a decisão n.º 5 de 23 de outubro sobre o Estudo IX, que leu a voz do outro "em mim" como a própria Luz, estende-se à Bússola. A herdada (i) está respondida; o sinal de Sócrates fica em Platão.
8. **Sócrates entra na Ficha do Estudo II**, como o modelo que Sêneca e Epicteto tomam para o exame e o portar.
9. **Não adotados**: o esvaziamento do Filho não entra na revisão da Ficha do Estudo III; o Estudo XII não recebe a pergunta pelo "mestre interior".
10. **Publicação** como o Estudo IX: integral, resumo trilíngue e nota de decisões.

Continuam abertas (j) e (k); (g) fica aberta até o tratado da justiça.

1.3 O que o IX antecipou

O Estudo IX escreveu a prévia de Platão antes da pesquisa de fontes do estudo, e ela ajustou duas coisas, acrescentou uma terceira e mudou a letra de uma pergunta. A imagem do sol: o IX dizia que o Bem "dá às coisas vistas não só o poder de serem vistas" (Estudo IX, 5.1), e a letra distingue três coisas — a luz, que é um "terceiro gênero" (*República* VI, 507d–e) [V-gr], o sol, "filho" do Bem (508b–c) [V-gr], e o Bem, que está "mais além da essência" (509b) [V-gr]. O Bem não é dito luz, e a comparação com a Lux passa pelo terceiro gênero, não pelo Bem (3.1, 4.1).

A conversão: a frase corrente de que "o poder de ver já está na alma" é paráfrase apoiada em 518d; a letra fala de uma força de aprender presente na alma (518b–c) [paráfrase] e de uma arte que volta a vista que já se tem (518d) (4.2) [leitura do estudo]. O X acrescenta ao IX o "de repente": há dois, o da caverna, que ainda não vê (515c, 516a), e o do *Banquete*, que vê ao fim do percurso (210e), e o estudo não os confunde (2.6, 2.7).

E a pergunta que o IX fez ao fundador em nome de Platão — se a imagem do sol pode ser lida como estrutura sem que o Bem passe a ser nome da Luz — não é a herdada (h), como o IX a pôs: é nova, e aqui se chama (aa) (4.1, 7.3).

2 PLATÃO EM SUA MELHOR FORMA

Fala aqui Platão; a tradição entra, com intérprete nomeado, para situar; o cânon só é apontado em 1.11. O percurso segue a ordem do pensamento, não a da cronologia, que ninguém fecha. Platão nunca fala em nome próprio: o que se atribui a ele é o que põe na boca de uma personagem, e o capítulo avisa quando quem fala não é Sócrates. Ele é o primeiro dos clássicos por palavra do fundador (decisão n.º 11 de 23 de outubro de 2026, numerada como no Prólogo do Estudo IX).

2.1 Uma vida e uma escola

Do homem e da escola só se tem o que as fontes antigas contam, e as datas não fecham.

Diógenes Laércio conta que Platão nasceu em Atenas, filho de Aríston e de Perictíone, descendente de Sólon, irmão de Adimanto e de Glauco (*Vidas* III.1–4). Apolodoro põe o nascimento "na 88.ª Olimpíada, no sétimo dia do mês Targélion", e Hermipo conta que ele morreu num banquete de casamento "no primeiro ano da 108.ª Olimpíada, no seu octogésimo primeiro ano" (*Vidas* III.2) [V-en]. As datas modernas divergem (427–347 em Hicks; "429?–347" na *Stanford Encyclopedia of Philosophy*, no verbete de Kraut [V-en]); o estudo adota c. 428/427–348/347 a.C. e marca a incerteza.

Aos vinte anos, "segundo se diz", foi discípulo de Sócrates, condenado por impiedade em 399 (*Vidas* III.5–6) [V-en]. No dia da morte do mestre estava ausente, e é uma personagem do *Fédon* que o diz: "Mas Platão, creio, estava doente" (*Fédon*, 59b) [V-gr]; Perine lê a frase como ocultamento do autor (Perine, 2014, na resenha de Valverde, 2015). Platão "viveu na Academia, um ginásio fora dos muros, num bosque que tem o nome do herói Hecademo" (*Vidas* III.7, 41) [V-en]; a fundação em c. 387 é a data corrente e não foi conferida. A *Carta VII* [autenticidade disputada] fala de uma chegada a Siracusa "com cerca de quarenta anos" (*Carta VII*, 324a) [V-gr]. Quase tudo é diálogo, a *Apologia* é a exceção, e não há ordem cronológica segura (Kraut). O nome de Platão aparece três vezes na obra dialógica (Perine, 2014): o que se atribui a ele é leitura do que dizem as personagens [leitura do estudo].

O homem pouco aparece; quem os diálogos mostram é Sócrates.

2.2 Sócrates e o cuidado da alma

Sócrates aparece nos diálogos como missão, não saber, cuidado da alma, exame e sinal.

Platão diz, na *Apologia*, que a missão nasce de um dito do deus: "Perguntou se havia alguém mais sábio do que eu; e a Pítia respondeu que ninguém era mais sábio" (*Apologia*, 21a). Sócrates examina os que passam por sábios e conclui: "Pareço, então, ser

mais sábio do que ele nisto, e só nisto: o que não sei, tampouco julgo saber” (*Apologia*, 21d) [V-gr]. O não saber vem junto de não julgar saber [leitura do estudo]. O ato é interrogar, examinar, refutar (*Apologia*, 29e), e o critério é o cuidado: “e da sabedoria, da verdade e da tua alma, para que seja o melhor possível, não te ocupas nem te preocupas?” (*Apologia*, 29e) [V-gr].

Epimeleia, “cuidado”, aplica-se à *psyché*, “alma”, posta contra o dinheiro e a honra; o contexto não a faz ainda a alma imortal do *Fédon* [leitura do estudo]. E a vida examinada: “a vida não examinada não é vivível para um homem” (*Apologia*, 38a) [V-gr], que Malta traz como “a vida sem inspeção não vale a pena ser vivida pelo homem” (*Apologia*, 38a) [V-pt via secundária: J. W. da Silva, 2016]. No *Críton*: “não se deve tomar como o mais importante o viver, mas o viver bem” (*Críton*, 48b) [V-gr].

O sinal (*daimonion*) é “uma voz que me vem, e que, quando vem, sempre me desvia daquilo que vou fazer, mas nunca me impele” (*Apologia*, 31d) [V-gr]. No dia do julgamento ele calou, e Sócrates lê o silêncio como indício de um bem (*Apologia*, 40a–b); no *Teeteto* o mesmo sinal também permite a convivência com alguns (*Teeteto*, 151a).

O *Alcibíades I* [autenticidade disputada] leva o cuidado a uma tese: o homem é nada ou, se é algo, nada além de alma (*Alcibíades I*, 130c), e “quem manda conhecer-se manda-nos, pois, conhecer a alma” (130e) [V-gr]. Para se ver, o olho precisa de um olho: “assim se verá a si mesmo” (133a; ver 3.3) [V-gr]. O diálogo está em disputa: Renaud e Tarrant não pretendem defender a autenticidade (resenha de Lautner, 2016); Foucault vê nele “a única teoria global do cuidado de si” de Platão (*A hermenêutica do sujeito*, p. 46, via Barros, 2021) [V-pt via secundária: Barros, 2021; página a confirmar no original]. O estudo não funda nele nenhuma tese do Platão certo.

As vozes do exame nem sempre são de Sócrates: em Crítias, o preceito de Delfos é saudação do deus (*Cármides*, 164d–165a); em Nícias, quem conversa com Sócrates acaba dando conta da vida que viveu (*Laques*, 187e–188a); é o Estrangeiro de Eleia quem chama o *elenchos*, a refutação, de “a maior das purificações” (*Sofista*, 230d) [V-gr]. No *Teeteto*, Sócrates é parteira de almas, “estéril em matéria de sabedoria” (*Teeteto*, 150c) [V-pt via secundária: J. B. da Silva, 2017]. Vlastos lê o *elenchos* como método adversativo que ainda assim pode estabelecer a verdade; Hadot, o diálogo socrático como exercício espiritual; Jaeger, o cuidado da alma como nova forma da educação [tese a confirmar]. A última fala do mestre, na versão de Nunes, é “Devemos um galo a Asclépio. Não te esqueça de saldar esta dívida!” (*Fédon*, 118a) [V-pt via secundária: Silveira, Mascia e Azeredo, 2020]; o texto não a interpreta, e a leitura é contestada.

Se cuidar da alma é examiná-la, resta saber de onde vem o erro que o exame encontra.

2.3 O mal como erro e a pena como cura

O mal é erro de quem não sabe, e dessa tese o *Górgias* tira a cura.

Platão diz, no *Protágoras*, pela boca de Sócrates interpretando um poema: “Pois eu creio, mais ou menos, que nenhum dos homens sábios julga que alguém erre voluntariamente ou pratique voluntariamente ações vergonhosas e más; sabem bem que todos os que praticam o vergonhoso e o mau o fazem involuntariamente” (*Protágoras*, 345d–e) [V-gr]. A tese é atribuída aos sábios, e não dita em voz própria [leitura do estudo]. Dela vem que “o saber é algo belo e capaz de governar o homem” (*Protágoras*, 352c), que ser vencido pelo prazer é “a maior ignorância (*amathia*)” (357e) e que “ninguém vai voluntariamente ao que é mau, nem ao que julga ser mau” (358c–d), sobre a premissa de que “o agradável é bom e o penoso é mau” (358a–b) [V-gr]. Vigo nota que o verbo significa errar, e não pecar (Vigo, 2013); Frede e Lee falam do caráter intelectualista dessa ética (*Stanford Encyclopedia of Philosophy*, 2023). Ceder ao prazer, nessa conta, é erro de medida, isto é, falta de saber [leitura do estudo].

No *Górgias* a tese ganha face prática. Platão diz: “Em que cometer injustiça é, de fato, o maior dos males” (*Górgias*, 469b); “se fosse necessário cometer ou sofrer injustiça, escolheria antes sofrê-la que cometê-la” (469c). Quem paga a pena “sofre coisas boas” (477a), pois “a pena, creio, torna sensatos, faz mais justos e se torna medicina da maldade” (478d). Daí o conselho de ir ao juiz como ao médico e de “acusar antes de tudo a si mesmo” (480a–c) [V-gr]: o voluntário está na busca da cura, não no mal [leitura do estudo].

Não querer o mal, porém, não basta. Sócrates pergunta se “é preciso também preparar algum poder e alguma arte (*techne*), de modo que, se não os aprender e exercitar, cometerá injustiça” (*Górgias*, 509d–e), e logo recorda o acordo de que “ninguém, querendo, comete injustiça” (509e) [V-gr]: o involuntário de Platão não é inocência [leitura do estudo]. O relato do juízo, que Sócrates dá por relato verdadeiro (523a), distingue duas funções do castigo: “ou tornar-se melhor e aproveitar, ou tornar-se exemplo para os outros”, e dos incuráveis “saem os exemplos” (525b–c) [V-gr]. O diálogo termina com a justiça praticada como primeiro bem e a pena que cura como o segundo: “tornar-se justo e pagar a pena, castigado” (527b) [V-gr]. O mal fica ligado ao saber, a pena à cura, e sobra um resto, os incuráveis, a que a cura já não alcança.

A pena cura uma alma; falta dizer o que Platão entende por alma.

2.4 A alma, a reminiscência e o que permanece

O *Mênon* pergunta como se pode procurar; o *Fédon*, o que a alma é quando está só.

Platão diz, pela boca de Mênon, o problema de que tudo parte: “como saberás que isso ‘que encontraste’ é aquilo que não conhecias?” (*Mênon*, 80d). Sócrates responde com um dito de sacerdotes e poetas: a alma, imortal e “nascido muitas vezes, e tendo visto tanto as coisas [que estão] aqui quanto as [que estão] no Hades, enfim todas as coisas, não há o

que não tenha apreendido” (81c), de modo que procurar e aprender são “uma rememoração” (*anamnesis*, 81d). No escravo, o ensino é interrogar: ele chegará à ciência “sem que ninguém lhe tenha ensinado, mas sim interrogado, recuperando ele mesmo, de si mesmo, a ciência” (85d) [V-pt via secundária: Corbani, 2024]. Antes, o escravo erra e chega à perplexidade (82e–84c); Sócrates garante só que crer no dever de investigar nos torna mais corajosos e menos preguiçosos (86b–c).

Platão diz, no *Fédon*, que “o saber não consiste senão nisto: em segurar determinado conhecimento que se alcançou e impedir que se perca” (*Fédon*, 75d) [V-pt via secundária: T. R. Silva, 2022], e que a alma, quando investiga sozinha, “vai para o que é puro, sempre, imortal e sempre o mesmo, e, por ser-lhe aparentada, está sempre com isso; cessa seu errar; e esse estado da alma chama-se sabedoria” (79d) [V-en]. O reverso é o corpo. Filosofar é exercitar-se em morrer (64a), a alma “raciocina melhor precisamente quando nenhum empeço lhe advém de nenhuma parte” (65c) [V-pt via secundária: dissertação da UFMG, autoria a confirmar], e a morte é “libertação e separação” da alma em relação ao corpo (67d–e) [V-gr]. Ao corpo se imputam o alimento, a doença, as guerras e as facções (66b–c), como opinião dos amigos do saber, e não como definição [leitura do estudo]; e a imagem mais dura é a da prisão, em que o prisioneiro é cúmplice da prisão, que se faz pelo desejo, e a filosofia o solta devagar (82e–83a).

Cornelli, resenhando Casertano, nota que o *Fédon* não define a alma, concebe-a a partir do oposto, o corpo, e faz da hipótese das Ideias somada à reminiscência uma “terceira via”, um “entre” (Cornelli, 2024) [V-pt]. O corpo do *Fédon* é obstáculo e prisão, mas Platão tem em outro lugar uma voz que o pede em proporção com a alma (2.8), e o estudo não resolve a tensão [leitura do estudo].

O *Fédon* diz o que a alma é pelo oposto; a *República* o diz por dentro.

2.5 A alma tripartida e a justiça como harmonia

A *República* procura a justiça na alma por paralelo com a cidade, e o *Fedro* diz a mesma alma em imagem.

Platão diz que a justiça da alma se procura pela da cidade (*República* IV, 435b), que a prova de haver partes é lógica, pois a mesma coisa não faz nem sofre contrários ao mesmo tempo (436b), e que as duas primeiras partes são a que calcula e a dos desejos (439d); o ímpeto, a terceira, é súdito e aliado da razão (441e–442a). O governo cabe à razão: “o comandar cabe à razão, porque ela é sábia e cuida da alma toda” (441e–442a). A justiça está “em referência não às ações exteriores (*peri ten exo praxin*) do homem, e sim à ação que se dá em seu íntimo” (443c–d) [V-pt via secundária: Bolzani Filho, 2022]. O justo é aquele que, “tendo governado a si mesmo, ordenado e feito amigo de si, e ajustado os três […] tornando-se inteiramente um só a partir de muitos, sensato e afinado” (443d–e) [V-gr]. A injustiça é revolta de uma parte contra a alma inteira, e a virtude, saúde da alma (444b,

444d–e). O Livro IX devolve a imagem em figura: “o homem de dentro seja o mais senhor do homem inteiro e cuide da fera de muitas cabeças como um lavrador” (*República* IX, 589a–b) [V-gr].

No *Fedro* a alma é dita em imagem confessada: “Que ela então se assemelhe ao congênito poder de um alado jugo e seu cocheiro” (*Fedro*, 246a) [V-pt: Cavalcante de Souza, 1998; página a confirmar]; Sócrates avisa que dizer o que a alma é pede exposição divina e longa, e que só se diz a que ela se assemelha (246a). O texto dá a ordem: primeiro a harmonia de dentro, depois, como consequência, a ação de fora (*República* IV, 443e). Annas vê no vínculo entre a ordem interior e o agir justo o ponto delicado da justiça como harmonia [tese a confirmar].

A ordem de dentro pede um fim a que se voltar, e esse fim é o Bem.

2.6 O Bem, o sol, a linha e a caverna

A ordem do trecho mais lido de Platão — o Bem, o sol, a linha, a caverna, a volta — vem aqui separada do resumo corrente.

Platão diz que toda alma persegue algo sem saber dizer o quê: “aquilo que toda alma persegue e por causa de que faz tudo, adivinhando que é algo, mas perplexa e sem conseguir apreender de modo suficiente o que é” (*República* VI, 505d–e). Sócrates recusa dizer o que o Bem é e fala só do “filho” dele (506d–e). A imagem começa pela luz, que é um terceiro: “se não sobrevier um terceiro gênero, próprio por natureza para esse fim, sabes que a vista nada verá e as cores serão invisíveis” (507d–e) [V-gr], e esse terceiro é a luz (507e).

O sol não é a vista, é causa dela e é visto por ela; é “filho” do Bem, que o gerou em proporção a si, e o olho é o mais solar dos órgãos (508b–c). O Bem dá aos conhecidos a verdade e ao que conhece o poder de conhecer, é causa do saber, e não é saber nem verdade (508e–509a); e dá o ser: “o Bem não sendo essência (*ousia*), mas ainda mais além (*epekeina*) da essência, superando-a em dignidade e poder” (509b) [V-gr]. Glauco responde com espanto (509c). A fórmula é dita uma vez, e a luz da imagem é a do dia; o Bem não é dito luz, e o sol é imagem, não identidade [leitura do estudo].

A linha dividida ordena graus de clareza e de verdade: “Supõe então uma linha cortada em duas partes desiguais” (509d) [V-pt via secundária: Santos, 2024]. A alma é forçada a investigar “a partir de hipóteses, sem poder caminhar para o princípio, mas para a conclusão” (510b); o caminho dialético usa as hipóteses como “degraus” e “pontos de apoio” até o que não admite hipótese (511b) [V-pt via secundária: Corbani, 2025]. A linha é de objetos e de estados da alma, não de pessoas [leitura do estudo].

Platão diz da caverna que ela é imagem da nossa natureza quanto à educação e à falta dela, e que os prisioneiros são “como nós” (*República* VII, 514a, 515a) [V-gr]. A libertação é cura de um vínculo e de uma tolice, e o “de repente” (*exaiphnes*) que a abre

não vê: obrigado a levantar-se e a voltar o pescoço, o liberto sente dor e não discerne os objetos (515c, 516a). A vista precisa de hábito, primeiro as sombras, depois os reflexos, depois as coisas (516a), e por fim o sol, visto ele mesmo, no seu lugar (516b). O Bem é o último a ser visto, e quem for agir com sensatez deve tê-lo visto (517b–c); antes, Sócrates ressalva: “Deus sabe se é verdade” (517b) [V-gr].

A educação, então, não é o que dizem os que prometem pôr ciência numa alma que não a tem, como quem insere vista em olhos cegos: o argumento aponta uma força presente em cada alma e o órgão com que cada um aprende, que há que girar “com a alma toda” (518b–c). A letra do passo seguinte é esta: “disto mesmo haveria uma arte, a da *periagogé* — de que modo se voltará (*metastraphesetai*) o mais fácil e eficazmente —, não a de lhe produzir o ver, mas, como ele já o tem, mas não voltado como convém nem olhando para onde devia, arranjar isto” (518d) [V-gr]. A fórmula corrente “o poder de ver já está na alma” é paráfrase que se apoia em 518d; a letra de 518c fala de uma força de aprender, e a de 518d, de uma vista que já se tem e se volta. A *periagogé* é voltar e é arte (*techne*); a letra não a diz conquista nem revelação [leitura do estudo]. E a virtude do pensar, “mais divina”, nunca perde a potência: conforme a direção da volta, torna-se útil ou nociva (518e–519a).

Resta o regresso. Os melhores devem ser forçados a ver o Bem e a subir, e depois não se lhes permitirá ficar lá em cima (519c–d); Glauco objeta que é injustiça (519d), e Sócrates responde que a lei visa a cidade toda (519e–520a). “É preciso, pois, que cada um desça, na sua vez, à morada comum dos outros e se habitue a contemplar as coisas obscuras; […] e assim a cidade será habitada por nós e por vós em vigília, e não em sonho” (520c) [V-gr]. Rocha Pereira dá aos Livros VI e VII o título de “Ensaio sobre o Bem” (Introdução, p. XVI, via Corbani, 2025) [V-pt via secundária: Corbani, 2025]; a escola de Tübingen–Milão (Reale, Krämer) faz do Bem a Unidade e põe a doutrina mais alta nas lições não escritas (via Valverde, 2015); Annas vê no Bem o ponto fraco do argumento [tese a confirmar].

A subida acaba na visão do Bem; no *Banquete*, o que sobe é o amor.

2.7 Eros e a escada do belo

No *Banquete* e no *Fedro* o que se busca ganha nome de amor, e a lembrança ganha beleza.

Platão diz, pela boca de Sócrates que repete Diotima, que Eros é um grande *daimon*, um intermediário entre o deus e o mortal (*Banquete*, 202d–e); não é o *daimonion* da *Apologia* [leitura do estudo]. O filósofo está entre o sábio e o ignorante, e só deseja quem se sabe carente (204a–b). O amor é geração no belo, “segundo o corpo e segundo a alma” (206b) [V-gr].

O caminho tem guia e degraus: começa-se por um belo corpo, passa-se à beleza das almas, e, na tradução de Cavalcante de Souza, é “subir sempre, como que servindo-se de

degraus, de um só para dois e de dois para todos os belos corpos” (210a–211c). No termo do percurso, “súbito perceberá algo de maravilhosamente belo em sua natureza” (210e–211b) [V-pt via secundária: Pamplona, 2020], um belo que não nasce nem perece e não aparece como rosto, mãos ou discurso (211a). Se a vida vale ser vivida em algum ponto, diz Diotima, é ali, na contemplação do próprio belo (211d). Esse “de repente” é o do fim de um longo percurso; o da caverna é o de uma libertação que cega (2.6). A escada ordena objetos, corpo, alma, leis, saberes, o Belo, e Diotima não manda abandonar os belos de cá: manda subir por meio deles [leitura do estudo].

O *Fedro* é a face da lembrança. Platão diz que a essência que só a inteligência, “piloto da alma”, contempla é “sem cor, sem figura, intangível” (*Fedro*, 247c), e que aprender é “reminiscência daqueles seres que outrora viu nossa alma, quando caminhou com um deus” (249c). Quem usa bem tais lembranças “é advertido pela maioria como se em falso se movesse, quando de fato, divinamente possesso, não o percebe a maioria” (249d) [V-pt: Cavalcante de Souza, 1998; página a confirmar]. Vlastos critica o amor platônico por amar propriedades e não a pessoa [tese a confirmar].

O que sobe está no tempo, e é do tempo que Platão fala em seguida.

2.8 O tempo, o fluxo e o cosmos

Platão pensa o devir: o tempo do *Timeu*, o rio de Heráclito dito por Sócrates, o fluxo posto à prova no *Teeteto*, e o corpo outra vez, agora em proporção.

Platão diz, no *Timeu*, que o artífice planejou “uma imagem móbil da eternidade” e “fez da eternidade que pendura na unidade essa imagem eterna que se movimenta de acordo com o número e a que chamamos de tempo” (*Timeu*, 37d–e) [V-pt via secundária: P. R. da Silva, 2023]. É o tempo do céu, não a definição do tempo vivido [leitura do estudo]. O cosmos é misto: “a geração deste mundo nasceu misturada, da combinação da Necessidade (*ananke*) e da Inteligência (*nous*); e como a Inteligência dominava a Necessidade, persuadindo-a a conduzir ao melhor a maior parte do que vem a ser, assim, por a Necessidade ceder à persuasão inteligente, se constituiu no princípio este Todo” (48a) [V-gr]. Resta uma causa errante (47e–48a): a Inteligência persuade a Necessidade, e não a vence.

Do fluxo, Sócrates diz: “Heráclito diz, em algum lugar, que tudo se move e nada permanece, e, comparando os seres à corrente de um rio, diz que não se poderia entrar duas vezes no mesmo rio” (*Crátilo*, 402a) [V-gr]. O verbo da letra é mover-se, e “tudo flui” não ocorre nas passagens lidas [leitura do estudo]. Graham nota que o fragmento B12 diz que algumas coisas permanecem as mesmas só mudando (*Stanford Encyclopedia of Philosophy*, verbete “Heraclitus”). No *Teeteto*, Sócrates reúne os sábios “exceto Parmênides” numa doutrina, “nunca é coisa alguma, mas sempre vem a ser” (152e), e a refuta: o fluxo universal destrói o dizer, pois “não se deve dizer nem este ‘assim’ — pois o ‘assim’ já não

estaria em movimento — nem tampouco ‘não assim’; […] a esses falantes é preciso dar outra voz, pois segundo a própria hipótese não têm palavras” (183a–b) [V-gr]. Platão examina o fluxo como tese de outros e recusa um fluxo sem nada que permaneça: nada se diz sem algo que fique [leitura do estudo].

O corpo reaparece com duas vozes. No *Crátilo*, Sócrates relata uma etimologia que atribui a alguns e aos órficos: “Pois alguns dizem que ele [o corpo] é o túmulo da alma, como se estivesse sepultada na vida presente; […] imagem de prisão; seria, pois, para a alma o corpo (*soma*), como se chama, até que pague o devido” (400c) [V-gr]. No *Górgias* a imagem é dito de um dos sábios, em contexto de mito e ironia (493a). No *Timeu*, a salvação para os dois males é não exercitar a alma sem o corpo nem o corpo sem a alma (88b); a proporção entre os dois é a maior de todas (87c–d); e o deus deu a cada um, como *daimon*, a espécie de alma que nos eleva ao parentesco do céu, a planta celeste, que se trata assemelhando o que pensa ao que é pensado (90a–d). O corpo é prisão e obstáculo no *Fédon* e no *Crátilo*, e parceiro em proporção no *Timeu* [tese a confirmar no *Timeu*]; o estudo marca as duas vozes e não as concilia.

Um cosmos feito de inteligência e de necessidade levanta a pergunta de quem é a culpa.

2.9 Deus é inocente: Er e as *Leis*

O problema do mal na *República*, no mito de Er e nas *Leis* deixa à vista uma tensão que Platão não resolve.

Platão diz, pela boca de Glauco, a exigência: “Queres parecer ter-nos persuadido, ou persuadir-nos de verdade, de que de todo modo é melhor ser justo que injusto?” (*República* II, 357a–b). A resposta traz uma lei sobre os deuses: “Logo o bom não é causa de todas as coisas, mas das que vão bem é causa, e das más é sem culpa (*anaition*)” (379b); dos males “é preciso procurar outras causas, e não o deus” (379c); dizer que um deus bom causa males “há de ser combatido por todos os meios”, mas, se disserem que os maus, ao pagarem a pena, eram beneficiados pelo deus, “isso se há de permitir” (380b) [V-gr].

No mito de Er o profeta diz às almas: “Não será um *daimon* que vos sortear, mas vós escolhereis o *daimon*. […] A virtude não tem senhor; honrando-a ou desonrando-a, cada um terá mais ou menos dela. A culpa é de quem escolhe; o deus é inocente” (*República* X, 617e). O primeiro sorteado escolhe a maior tirania e “não se acusava a si mesmo dos males, mas a sorte, os *daimones* e tudo antes de si” (619b–c) [V-gr]. O rio do mito de Er é o do Esquecimento (621a–c).

Nas *Leis* o princípio socrático se mantém: “Que todos os maus são, em tudo, maus contra a vontade; […] o injusto é mau, e o mau é tal involuntariamente” (*Leis* IX, 860d) [V-gr]. A injustiça é doença da alma, “o que for curável, curar, como doenças que estão na alma” (862c) e, dos incuráveis, “nem para eles mesmos é melhor viver” (862e) [V-gr]; ela é

estado da alma, separável do dano (863e). E no Livro X: “Não ponhamos menos que duas: a benfeitora e a capaz de produzir o contrário” (*Leis* X, 896e) [V-gr]; a alma boa conduz o céu, e tais almas são deuses (898c, 899b). Bieda vê nas *Leis* uma revisão do intelectualismo, com três fontes de erro, o ímpeto, o prazer e a ignorância (863b–d). A tensão está nos textos: na *República* II o deus é causa só do bem; nas *Leis* X a alma é causa do bem e do mal, e há ao menos duas almas. Os dois textos ficam lado a lado, e o estudo não os concilia [leitura do estudo].

Resta o modo como Platão diz tudo isso: por escrito e por mito.

2.10 A escrita, o mito e o divino como material

O que Platão diz do próprio escrever, do mito e do divino.

Platão diz, no mito de Teute e Tamus: “não descobriste um remédio (*pharmakon*) da memória, mas do lembrete (*hypomnesis*); e dás aos discípulos a aparência (*doxa*) de sabedoria, não a verdade” (*Fedro*, 275a–b). A escrita é como a pintura: “seus filhos ficam de pé como vivos, mas, se lhes perguntas algo, calam-se com toda solenidade” (275d–e). O discurso que vale é o “discurso vivo e animado de quem sabe, do qual o escrito se diria com justiça uma imagem”, diz Fedro (276a) [V-gr], e o dialético o semeia na alma de quem aprende (276e–277a). Na *Carta VII* [autenticidade disputada], o autor declara oposição à escrita de livros filosóficos (Kraut); Perine, com Tübingen–Milão, lê que a doutrina não se esgota nos diálogos (Valverde, 2015).

O mito é meio legítimo, dito como mito: “um belíssimo relato (*logos*), que tu julgarás mito (*mythos*), creio, mas que eu julgo relato” (*Górgias*, 523a) [V-gr]; o sol, a caverna e o Bem chegam com a ressalva de que só um deus sabe se é verdade [leitura do estudo]. O divino é, em Platão, material do pensamento dele: o deus de Delfos que manda examinar, o Bem além do ser, o artífice do *Timeu* (37c), as almas boas que são deuses, a imortalidade da alma. O estudo os apresenta com respeito, sem reduzi-los nem opô-los a nada, e a Luz do cânon fica sem nome.

Platão está exposto; resta recolher o que dele se leva.

2.11 O que levar daqui

O que os capítulos 3 e 4 testarão fica aqui nomeado, sem desenvolvimento; a letra do cânon só marca lugar.

O leitor leva, de Platão: a luz da imagem é um terceiro gênero, distinto do Bem, de quem o sol é “filho”; a letra de 518c–d fala de uma vista que se volta, com arte, graus e tempo; o exame se faz com outro, e o sinal só dissuade; a justiça é harmonia de dentro; o que subiu desce por turnos; a escada ordena objetos; o mal é erro de quem não sabe, a pena é cura, e há incuráveis; o deus é inocente, e as *Leis* põem uma alma má; o corpo tem duas vozes; o divino é material.

Do lado do cânon, o capítulo 3 verá que a luz se revela e não se acende (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I, “Princípio”) e que a Bússola só veta (Cânon v1.2, “A Bússola”); o capítulo 4, que cada luz é intrínseca (Tratado da Luz Interior, “Fundamentação”), que o lobo se define pelo ato, com ou sem intenção (Tratado da Vigília, “Definição”; decisão n.º 5 de 17 de outubro, numerada como no Prólogo do Estudo VII), que a transcendência passa pela matéria (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, IV, “Princípio”) e que o rio não é programa político (Tratado das Águas Comuns, “Fundamentação”).

Os homônimos ficam avisados. “Luz”, sem maiúscula, é a do dia e a do sol, de que o Bem é pai; Platão não diz o Bem luz, e a Lux é a de cada pessoa. “Alma” é a *psyché*; o cânon a usa duas vezes, numa só prática (“para manter a alma flexível”, Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, III, “Prática”). “Bem” é o Bem de Platão; no cânon há “viver bem” (Cânon v1.2, “Origem”) e a “privação do bem” de Agostinho (Disputatio, 2, “Sed contra”), e “bens” é palavra do Estudo VII, 3.4, e de Taylor, não do cânon. “Justiça” é a da alma e a devida ao lobo; “exame”, o *elenchos* e o Examinar; “conversão”, a *periagogé* e a Mutatio; “terceiro”, a que o terceiro gênero de Platão acrescenta mais um sentido. A Antífona, parte do cânon, não é tratada neste estudo.

O capítulo 4 formula as perguntas que daqui saem: se a imagem do sol pode ser lida como estrutura, o terceiro que faz ver sem decidir a origem, sem que “o Bem” passe a ser nome da Lux (ver 4.1); se o castigo que cura do *Górgias* pode ser proposto como peça do tratado da justiça (ver 4.4); e se o veto do sinal de Sócrates, que só dissuade, tem fonte, uma voz, ou é a própria pessoa (ver 4.8). Com isso na mão, o capítulo 3 procura onde as duas doutrinas se tocam.

3 ONDE NOS TOCAMOS

Toque não é identidade. Nas sete aproximações abaixo, o estudo procura os pontos em que a letra do cânon anda ao lado de Platão e diz até onde cada um vai. Platão fala pelo que diz; o cânon, pela letra; o que passa disso vem marcado como do estudo.

3.1 A luz que faz ver e a Lux

Platão diz que ver precisa de uma luz que não é a vista nem a cor, e o cânon diz que a luz de cada pessoa se revela; a seção mede o que as duas imagens têm em comum e onde a palavra “luz” passa a nomear outra coisa. Aqui “luz”, sem maiúscula, é a do dia e a do sol, de que o Bem é pai, e Platão não diz o Bem luz; no cânon, a Lux é a de cada pessoa.

Para haver vista, não bastam o olho e o visível: falta um “terceiro gênero” (*República* VI, 507d–e; ver 2.6) [V-gr], que Glauco chama luz (507e). O sol não é a vista, mas é causa dela e é visto por ela; é o “filho” do Bem, engendrado em proporção consigo mesmo (508b–c). O Bem, porém, não é a luz nem o sol: dá aos conhecíveis a verdade e a quem conhece o poder de conhecer (508e), e está “mais além da essência” (509b; ver 2.6) [V-gr]. Sócrates deixa por ora o que o Bem é e fala só do filho (506d–e).

O cânon responde com uma luz justificada por si mesma: “escolha filosófica precisa”, a imagem que “ilumina sem se consumir no objeto iluminado” (Tratado da Luz Interior, “Definição”). “O valor de cada pessoa é intrínseco, anterior a qualquer conquista ou circunstância. A luz não se acende — ela se revela” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I, “Princípio”). A origem fica em aberto: o que se toma das vozes “não é a origem que cada um atribui à luz — questão que o cânon deliberadamente deixa em aberto, respeitando a independência confessional — mas a estrutura” (Tratado da Luz Interior, “Fundamentação”). A letra não traz “sol” nem diz que a luz dê vista a quem olha [leitura do estudo].

A forma é comum e pequena: um terceiro que torna o ver possível, uma luz que se revela. Mas em Platão a luz serve ao ver e quem dá o ser e o conhecer é o Bem; no cânon, a Lux é valor, e a imagem se justifica pelo que a luz faz por si, não pelo que faz às coisas [leitura do estudo]. Por isso o estudo não escreve “a luz” solta numa frase que cruze as duas. Quem lê com Platão pode tomar a imagem como estrutura e deixar a origem onde está, como o Tratado toma Agostinho e Heráclito sem se filiar a nenhum [hipótese do estudo; Estudo IX, 5.1].

Há precedente de leitura “ao lado”, mas não sobre Platão: as decisões do fundador de 23 de outubro de 2026, numeradas como no Prólogo do Estudo IX, permitem, na n.º 6, ler o “há perdão” de Ricoeur “ao lado da Luz sem nome […] e sem que isso seja nomear”. Estendê-la ao Bem é pergunta, não decisão: o estudo pergunta ao fundador se a imagem do sol pode ser lida como estrutura sem que “o Bem” passe a ser nome da Luz, e o capítulo 4

formula a pergunta (ver 4.1). Se a luz do sol faz ver, falta saber quem volta o olhar para ela, e é o que a caverna pergunta (3.2).

3.2 A conversão e a luz que se revela

A caverna é a imagem de Platão para a educação, e o gesto central dela, a *periagogé* (“giro”, “volta”), é o que o cânon pode ler ao lado de “a luz se revela”. “Conversão” é aqui a *periagogé*; a Mutatio é outra coisa, como se vê abaixo.

Convém corrigir a frase corrente: “o poder de ver já está na alma” é paráfrase (Estudo IX, 5.1); a letra está em *República* VII, 518b–d. Contra os que dizem pôr ciência numa alma que não a tem, como se pusessem vista em olhos cegos, Sócrates afirma uma força presente em cada alma e o órgão com que cada um aprende, que deve ser girado, com a alma toda, do que vem a ser para o que é (518b–c; ver 2.6). Daí a arte da *periagogé*: não produzir a vista, mas voltar quem já a tem e não olha para onde devia (518d; ver 2.6). A potência de pensar não se perde; segundo a direção da conversão, torna-se útil ou nociva (518e–519a). No *Mênon*, procurar e aprender são *anamnesis* (“rememoração”: 81d; ver 2.4), apoiada numa alma imortal, muitas vezes nascida (81c). Luc Brisson estuda a reminiscência do *Mênon* com seu fundo religioso [tese a confirmar].

O cânon responde que a luz está antes do olhar: “Revelar supõe presença anterior a qualquer olhar” (Tratado da Luz Interior, “Definição”); “anterior a toda busca” (Tratado da Luz Interior, “Fundamentação”). As decisões de 23 de outubro de 2026 dizem, a propósito de Ricoeur, que “o si se conhece por rodeio — obras, símbolos, histórias —, mas o que a pessoa vale não se conquista nem se perde no caminho: a luz é dada e se revela” (n.º 1), e que “A Lux é valor; a capacidade é poder” (n.º 2). O Estudo IX leu aqui um parentesco entre a alma que se volta e a luz que “se revela” [hipótese do estudo; Estudo IX, 5.1].

Nada vem de fora: a *periagogé* não produz a vista, e a Lux não se acende. Dois cuidados limitam o parentesco. Primeiro, o poder de ver que Platão põe na alma tem mais afinidade com o poder do que com a Lux, pois o que falta à alma, em 518d, é direção, não valor; a distinção entre valor e poder foi dada a Ricoeur, e se serve a Platão é a pergunta que o capítulo 4 formula (ver 4.2) [hipótese do estudo]. Segundo, a *periagogé* não é a Mutatio, que é “pequena de propósito” (Catecismo, 16) e “não precisa ser mudança de vida” (Meditações Práticas, “A mudança deliberada da semana”). A alma muitas vezes nascida e a imortalidade que sustentam a *anamnesis* são pontos de silêncio: a letra do cânon não traz “imortal” nem diz nada de antes do nascimento, e a Ficha do Estudo III, que não é cânon, fixou “sobre o depois do rio, silêncio respeitoso” [Ficha, não cânon]. A subida em graus, da sombra ao sol (516a), e a pergunta se a mesma luz pode ser mais ou menos vista sem que o valor varie ficam também para o capítulo 4 (ver 4.2). Se a Lux está dada, o Examinar é um modo de ver onde ela ficou coberta e onde apareceu, e a letra não diz que o exame mude a direção de quem o faz (3.3).

3.3 A vida examinada e o Examinar

Sócrates faz do exame condição de uma vida humana, e o cânon pratica um exame de cinco minutos à noite; a seção mede o parentesco da forma e a distância do método. “Exame” nomeia duas coisas: o *elenchos* (“refutação”, “prova”) de Sócrates e o Examinar do cânon.

Na *Apologia*, a vida “não examinada” não é vivível para um homem (38a; ver 2.2) [V-gr], numa fala em que examinar a si e aos outros e falar da virtude cada dia é o maior bem humano. A ocupação vem do cuidado, *epimeleia*: o da alma antes do corpo e dos bens, que não são negados (30a–b; ver 2.2). O gesto é o *elenchos*: interrogar, examinar, refutar (29e; ver 2.2). No *Laques*, quem fala é Nícias: quem conversa com Sócrates acaba dando contas de si, do modo como vive e da vida que viveu (187e–188a). No *Alcibíades I* [autenticidade disputada], o cuidado de si passa pelo outro: “O olho, portanto, que contempla um olho e olha para o que há de melhor nele, aquilo com que vê, assim se verá a si mesmo” (133a) [V-gr]. Para Pierre Hadot, Sócrates é figura “atópica”, que leva à aporia e ao exame da própria vida (*Elogio de Sócrates*, pp. 19–22) [V-extr, via Carvalho, 2018].

O cânon responde com duas perguntas: “onde minha luz ficou escondida hoje? Onde brilhou?” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I, “Prática”), à noite, para encerrar “com gratidão a alguém do passado que tornou o dia possível” (Cânon v1.2, “Regra de Vida”, “Ritmo diário”). “Não é o exame de um juiz severo, contando pontos negativos”; responde-se “em voz baixa ou numa frase escrita” (Meditações Práticas, “O Examinar da noite”). “revela onde ela ficou coberta” (Tratado da Luz Interior, “Objeção provável e resposta breve”); é a resposta do Catecismo à pergunta “Como se cuida da luz no dia a dia?”: “Com o exame diário” (Catecismo, 9). A única prática que olha para trás ao longo do tempo é a Revisão do rio: “o que mudou em mim” (Cânon v1.2, “Regra de Vida”, “Ritmo de estação”). A decisão n.º 4 de 23 de outubro, tomada a propósito de Ricoeur, fixa: “A pessoa e a história, em registros distintos: o valor está na Lux, antes de qualquer história; o ‘quem’ está na história que a Revisão do rio nomeia”.

Os dois são exame da vida, não de teses, e os dois cuidam do que importa mais. O objeto muda, da *psyché* para a luz, e o método também: o *elenchos* é refutação diante de outro, e a pergunta “onde brilhou?” não tem par nas passagens reunidas; a letra do Examinar não nomeia interlocutor, e responde-se “em voz baixa ou numa frase escrita” [leitura do estudo]. O olho que se vê no olho do outro também se separa da letra. Pelas decisões do fundador de 17 de outubro de 2026, numeradas como no Prólogo do Estudo VII (n.º 3), “o olhar do outro não a fabrica, mas pode ser o primeiro a vê-la”; pelas de 19 de outubro, numeradas como no Prólogo do Estudo VIII (n.º 3), “O olhar do outro apenas vê. O olhar que pode ser o primeiro a ver a luz encoberta não convoca: o Abrigo revela e nada exige”. O cânon admite que o outro veja primeiro e não faz dele o espelho necessário [leitura do estudo].

“Vida examinada” é frase de Sócrates (*Apologia*, 38a) que o Estudo IX leu em Ricoeur e pôs como nome possível para o Examinar e a Revisão do rio (IX, 2.2); a decisão n.º 4 de 23 de outubro fixou os registros e não disse sim ao nome, e a letra do cânon não traz a expressão. Do exame que olha para trás passa-se a uma voz que olha para diante e só diz não: o *daimonion* (3.4).

3.4 O *daimonion* e a Bússola

Sócrates ouve uma voz que só o detém, e a Bússola só veta; a aproximação é de estrutura, e o estudo a mede sem estender ao *daimonion* o que o fundador decidiu sobre Ricoeur.

Platão diz, pela boca de Sócrates, que há uma voz que, quando vem, sempre o desvia do que vai fazer e “nunca me impele” (*Apologia*, 31d; ver 2.2) [V-gr]; o sinal vem desde a infância e o afastou da política. No dia do julgamento calou (40a–b), e Sócrates lê o silêncio como indício de um bem. No *Teeteto* (151a) o sinal ora proíbe, ora permite a convivência com certos jovens, o que atenua, sem desfazer, o “só dissuade”. Martin Buber, em ensaio de 1940 sobre os falsos profetas, diz que Sócrates “ouviu ocasionalmente a voz do Daimonion […]”, ao passo que a voz que instruiu Jeremias dizia o que fazer e dizer (*Israel and the World*, 1948, p. 114) [V via secundária: Šajda, 2025].

O cânon responde com uma pergunta em primeira pessoa: “a pergunta decisiva é uma só: a luz está lá? […] Se a resposta é não, não vou. Porque eu sem a minha luz sou uma mentira”; “a Bússola não escolhe os caminhos por ninguém; ela apenas veta os que exigiriam apagar a luz para percorrê-los” (Cânon v1.2, “A Bússola”). “A decisão é sempre de quem caminha” (Catecismo, 24), e quem vai aonde a luz não está “passa a viver o que não é” (Catecismo, 25). A decisão n.º 5 de 23 de outubro diz: “A voz do outro ‘em mim’ é a própria Luz”, e foi tomada sobre a voz que Ricoeur descreve (Estudo IX, 3.3).

Um veto em primeira pessoa, que não governa nem impele, é a forma comum [hipótese do estudo]. Diferem a fonte e o que cada veto guarda. O sinal é voz e vem do deus (40a–b), e a letra do cânon não chama a Bússola voz, consciência, juízo nem razão; entre as vozes que o Tratado da Luz Interior ouve, a única instância interior é o “mestre interior”, a propósito de Agostinho (“Fundamentação”), e a letra não liga essa figura à Bússola, nem a Bússola a voz alguma. O silêncio do sinal é ausência de aviso, e o “não vou” da Bússola é decisão de quem caminha. A decisão n.º 5 respondeu a Ricoeur, e o estudo não a estende ao *daimonion*. O estudo pergunta ao fundador se o veto em primeira pessoa tem fonte, uma voz, ou é a própria pessoa; o capítulo 4 formula a pergunta (ver 4.8). Um veto resguarda a unidade de quem o ouve, e é dela que Platão fala depois (3.5).

3.5 A harmonia da alma e a integridade

A justiça de Platão é uma ordem interior; a integridade do cânon é coerência entre dentro e fora. “Alma” é a *psyché* de Platão; o cânon a usa duas vezes, numa só prática (“para manter a alma flexível”: Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, III, “Prática”), e por isso, do lado do cânon, o estudo escreve “pessoa”, “núcleo”, “Lux”. “Justiça” também separa: a da alma não é a devida ao lobo (Cânon v1.2, “A Vigília”).

Platão diz que a justiça do homem tem a forma da justiça da cidade e que a alma tem partes, uma que calcula e outra dos desejos (*República* IV, 435b–c; 439d). A justiça verdadeira é referida não às ações exteriores, mas “à ação que se dá em seu íntimo” (443c–d; ver 2.5) [V-pt via secundária: Bolzani Filho, 2022], e o justo se torna “um só a partir de muitos” (443d–e; ver 2.5) [V-gr]. Cabe à razão comandar, por ser sábia e cuidar da alma toda (441e); a injustiça é a revolta de uma parte contra a alma inteira (444b). Julia Annas sustenta que a justiça como harmonia levanta a questão de ligar a ordem interior ao agir justo [tese a confirmar].

O cânon responde com uma virtude sem partes: “coerência entre o que se é por dentro e o que se vive por fora” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I, “Virtude”). “Quem diz uma coisa e vive outra vive dividido. Quem vive em integridade vive inteiro: o mesmo por dentro e por fora” (Catecismo, 8). A Bússola pergunta “Posso estar lá inteiro, sem me trair?” (Cânon v1.2, “A Bússola”).

Dividido e inteiro descrevem o mesmo perigo: “viver dividido” e a revolta de uma parte contra o todo falam de uma pessoa que não é uma só [leitura do estudo]. Mas a letra não nomeia partes, não fala de domínio de uma sobre outras nem de proporção. Em Platão, a ordem do dentro vem primeiro e a ação de fora decorre dela (443c–e); no cânon, a coerência é entre os dois. E a razão que governa (441e) não é a Bússola, que veta e não conduz [hipótese do estudo]. A saúde e a doença da alma voltam quando se pergunta pela cura (ver 4.4). Quem alcançou essa unidade pode ficar na margem, e Platão pergunta se deve voltar (3.6).

3.6 O regresso à caverna e a lamparina no rio

Quem subiu deve descer, diz Platão; quem tem luz a entrega às águas de todos, diz o cânon. A seção lê os dois movimentos lado a lado, como já fez o Estudo IX, e pesa o verbo de cada um.

Platão diz que é tarefa dos fundadores forçar as melhores naturezas a ver o Bem e a subir, e depois não deixá-las ficar lá, recusando descer para dividir os trabalhos e as honras dos prisioneiros (*República* VII, 519c–d; ver 2.6). Glauco objeta: “Quer dizer que vamos fazer-lhes esta injustiça, obrigá-los a viver pior quando podem viver melhor?” (519d) [V-en]. Cada um deve, pois, descer na sua vez à morada comum dos outros e habituar-se às coisas obscuras, e assim a cidade será habitada “em vigília, e não em sonho” (520c; ver 2.6)

[V-gr]. Maria das Graças de Moraes Augusto trata a cidade de Platão como projeto e utopia (*Kléos* 16/17, 2012–2013) [tese a confirmar; artigo não aberto].

O cânon responde com três lugares da lamparina: “de museu, quando a luz só se protege; guardada do vento, na margem; posta no rio —, e o que os separa é o devolver” (Tratado das Águas Comuns, “Definição”). A posta no rio é “a luz de cada um, entregue às águas de todos — e por elas levada mais longe do que qualquer um iria sozinho”; a margem não é falta, pois “o retiro é discreto, e guarda a luz para devolvê-la ao fluxo”; e a dívida é de quem navega: “devo ao rio o próprio fluxo” (Cânon v1.2, “As Águas Comuns”). Pelas decisões do fundador de 19 de outubro, “O Abrigo não vai até a substituição. O limite é a Bússola: ser casa para o outro nunca pede que a luz própria se apague” (n.º 4), e a assimetria é “de posição, não de valor” (n.º 5).

Quem viu não fica só: a dívida para com os outros é o ponto comum. A margem do cânon acolhe o filósofo que não quer descer, desde que o retiro devolva, e quem verifica é o Examinar de quem se retira (Estudo VII, 3.4) [leitura do estudo]. A diferença está no verbo e no fundamento. A letra não traz “descer”, “regressar” nem “caverna”, mas entregar, devolver, atracar. Em Platão o dever é imposto aos melhores por serem os que viram (519c–d), uma ordem de valor; no cânon é “devo”, em primeira pessoa, e o Abrigo “nada exige” (decisão n.º 3 de 19 de outubro) [hipótese do estudo]. Há um homônimo: “em vigília, e não em sonho” qualifica o governo da cidade, e a Vigília do cânon é o ofício de velar. A cidade como programa e o rio que não o é ficam para o capítulo 4 (ver 4.7). O que espera quem desce é o mal, e a pergunta de quem responde por ele é a de 2.7.

3.7 Deus é inocente e a recusa da teodiceia

Platão tira o deus da autoria do mal, e o cânon recusa ler a noite a partir do fim; a seção procura o que as duas recusas têm em comum e registra uma tensão que o próprio Platão deixa em pé.

Platão diz, na *República* II, que o bom não é causa de todas as coisas, mas só das que vão bem, e das más é sem culpa (379b; ver 2.9); dizer que um deus, sendo bom, causa males deve ser combatido em toda cidade de boas leis, embora se permita dizer que os maus, ao pagarem a pena, eram beneficiados (380b). No mito de Er, “o deus é inocente” (*República* X, 617e; ver 2.9) [V-gr]: a culpa é de quem escolhe, e o sorteado que escolheu a maior tirania acusa a sorte e os *daimones*, não a si mesmo (619c). Nas *Leis* X, porém, a alma é causa dos bens e dos males, e são “duas” as almas, a benfeitora e a capaz de produzir o contrário (896e; ver 2.9) [V-gr]. O estudo registra a tensão entre os textos e não a resolve. Esteban Bieda sustenta que, nas *Leis*, o próprio Platão reviu o intelectualismo socrático [V-es].

O cânon responde com a fórmula de 17 de outubro: pelas decisões do fundador (n.º 1), “o Lumen Fluens aceita a dialética como método de crescimento doutrinal e a recusa

como teodiceia”; “dialética” é aqui a de Hegel, e a dialética de Platão é outra coisa. A Vigília “não lê a noite de cima nem do fim”, e ficam fora do alicerce “o autor que o livro dá ao mal, que o cânon nem adota nem combate” (Tratado da Vigília, “Fundamentação”). A resposta ao fundo da noite é “uma luz acesa dentro da noite, que não precisa do fim para valer” (decisão n.º 2 de 17 de outubro); e o princípio declarado é que “justificar a dor do próximo é a fonte de toda imoralidade” (decisão n.º 8 de 19 de outubro).

A forma é comum: Platão tira do deus a autoria do mal, e o cânon recusa ler a noite “de cima nem do fim”. A frase de Platão cabe no espaço que a letra deixa, entre o autor que o cânon nem adota nem combate e a noite que ninguém causou; sobre atribuir ou não o mal ao deus o cânon não diz nada, e o estudo fica nisso [leitura do estudo]. Separam-se o castigo que beneficia (380b) e o mito dito “salvo” se lhe obedecermos (621b–c), com a justiça no além, de um lado, e do outro a justiça devida agora: a Ficha do Estudo VII, que não é cânon, diz que “a justiça é devida agora, não no desfecho” a propósito do tribunal do mundo de Hegel, e o estudo a lê ao lado do juízo no além do mito de Er [hipótese do estudo]. O princípio da decisão n.º 8 de 19 de outubro é o critério que o estudo propõe para ler o castigo que cura; a decisão não foi tomada sobre Platão [leitura do estudo]. Mais longe, o *Timeu* faz o mundo misto de Necessidade e Inteligência (47e–48a), mas a Necessidade é condição do cosmos, e a noite do cânon é acontecimento [hipótese do estudo]. O castigo que cura e a justiça devida ao lobo são pergunta do capítulo 4 (ver 4.4). Onde os pontos de contato acabam, começa a separação: o Bem como origem única, a subida em graus, o mal como ignorância.

4 ONDE NOS SEPARAMOS

Os capítulos anteriores deram a Platão o que lhe é devido e mostraram onde o cânon anda ao seu lado. Este marca as fronteiras, uma por seção, deixando que a casa de Platão fale primeiro: não para erguer muros, mas para dizer de que lado assenta cada uma. O capítulo não decide. As decisões do fundador de 17, 19 e 23 de outubro de 2026 valem como palavra dele; pergunta-se o que deixaram em pé. As letras (aa) a (af) são novas; (g), (h) e (i) são as herdadas.

4.1 Um só Bem e a luz de cada um

Platão põe um só Bem na origem, de que o sol é filho, e o cânon põe uma Lux em cada pessoa; a seção pergunta se a mesma imagem serve a duas coisas.

Platão diz que toda alma persegue o Bem sem apreender bem o que ele é, e Sócrates o deixa, por ora, sem definição, falando só do que mais se lhe assemelha (*República* VI, 505d–506e). O que se assemelha é o sol, que não é a vista, mas é causa dela e é chamado "filho" do Bem (508b–c) [V-gr]. Entre a vista e o visível há um "terceiro gênero", a luz (*República* VI, 507d–e; ver 2.6) [V-gr]. Do Bem se diz, por fim, que não é essência, mas está "mais além da essência" (*epekeina tes ousias*, 509b; ver 2.6) [V-gr]. Ficam três coisas distintas, a luz, o sol e o Bem, e o Bem não é dito luz. Esse "terceiro" é o quinto sentido da palavra na série, e só de Platão; "luz", sem maiúscula, é a do dia e a do sol, e "a Lux" é a de cada pessoa.

O cânon responde de outro lugar. Diz que a luz "se revela" (Cânon v1.2, "Os Quatro Pilares", I, "Princípio"; ver 3.1) e que cada luz é "intrínseca — não relativa, não comparativa, não sujeita a ranking" (Tratado da Luz Interior, "Fundamentação"), "singular, e é por isso que há algo a entregar" (Tratado das Águas Comuns, "Definição"). Nas fontes do cânon (o Cânon v1.2, os Tratados, a Disputatio, o Catecismo, as Meditações e as decisões), "sol" não ocorre, e o Bem como princípio tampouco; a luz que ali ilumina "não é só para ver — é para aquecer" (Cânon v1.2, "O Abrigo").

A fronteira passa por dois lugares. Em Platão, a luz é um terceiro que faz ver, o sol é filho de um Bem único, e esse Bem é causa do conhecer e do ser; no cânon, a imagem vale pelo que a luz é em quem a porta, e a origem fica, no Tratado da Luz Interior, deliberadamente em aberto. Mas o mesmo Tratado ensina como lidar com uma fronteira dessas: o ponto comum com outras casas não é a origem que cada uma atribui à luz, e sim a estrutura, a de que há algo na pessoa anterior ao seu desempenho ("Fundamentação"; ver 3.1).

Diante de outra casa que junta luz e Bem, o Estudo VII disse: "o cânon não decide qual luz, em outras casas, é a Luz" (Estudo VII, 4.4). A decisão n.º 6 das decisões do fundador de 23 de outubro de 2026, numeradas como no Prólogo do Estudo IX, foi tomada

sobre Ricoeur: diz que o “há perdão” “pode ser lido ao lado da Luz sem nome, sem opor nem reduzir uma coisa à outra, e sem que isso seja nomear”. Ela não fala do Bem nem de Platão. O estudo pergunta se a imagem do sol pode ser tomada como estrutura, a luz que faz ver, ficando o Bem ao lado e sem ser nome da Luz [hipótese do estudo].

Questão aberta (aa): a imagem do sol pode ser tomada como estrutura, a luz que faz ver, sem que “o Bem” passe a ser nome da Luz, e isso responde à herdada (h) ou a reformula? Primeira resposta: pode, lida ao lado da Luz sem nome, como a decisão n.º 6 leu o “há perdão”; custa estender uma decisão a um caso que ela não nomeia. Segunda: não pode, porque o sol põe fora da pessoa o que o cânon põe nela; custa deixar a imagem sem uso. Terceira: reformula (h), pois Sócrates deixa o Bem sem definição (*República* VI, 506d–e); custa tratar o Bem como nome sem conceito.

Se Platão tem um só Bem e o cânon uma luz em cada pessoa, falta ver o que a pessoa faz com a sua: subir ou deixar que se revele.

4.2 Conquista e revelação

A caverna é uma subida, e o cânon diz que a luz não se acende; a seção pergunta o que há de esforço, o que há de revelação, e o que o fundador já decidiu sobre isso.

Platão diz as duas coisas, e a seção não as separa à força. De um lado, a libertação é dura e tem graus: o prisioneiro solto “precisava de se habituar, julgo eu, se quisesse ver o mundo superior” (*República* VII, 516a) [V-pt via secundária: Cigognini, 2012], e o Bem é o último a ser visto, e com esforço (517b–c; ver 2.6). De outro lado, a educação não é pôr vista em olhos cegos: é a arte de voltar a alma inteira, e não de produzir a vista (518d; ver 2.6). A *periagogé*, o giro da alma, que o inglês de Shorey traduz por conversão, volta o que já existe: a força de aprender está presente na alma (518b–c), e a potência de pensar nunca se perde, pois segundo a direção se torna útil ou nociva (518e–519a). A fórmula corrente, segundo a qual o poder de ver já está na alma, é paráfrase apoiada em 518d, e não a letra de 518c [leitura do estudo].

O cânon responde pela decisão n.º 1 das decisões do fundador de 23 de outubro: “a luz é dada e se revela” (n.º 1); e pela n.º 2: “A Lux é valor; a capacidade é poder.” (n.º 2). As duas foram tomadas sobre Ricoeur, e não sobre Platão. Quanto a graus, a letra fala de visão, não de valor: “Ter uma luz não é o mesmo que vê-la claramente o tempo todo; a luz pode estar plenamente presente e, ainda assim, encoberta — por medo, por hábito, por adaptação às expectativas alheias.” (Tratado da Luz Interior, “Objeção provável e resposta breve”). “Ignorância” só ocorre na Ficha do Estudo IV (“Revelar, não fabricar: a ignorância encobre o que sempre esteve lá”) [Ficha, não cânon].

A *periagogé* pode ser lida com o desenho do desvio e não com o da conquista: a vista já está dada, falta a direção [leitura do estudo]. A decisão n.º 1 não a recebe nem a recusa; é a pergunta (ab). Mas o objeto do voltar é o Bem, o instrumento é uma arte

(*techne*) que outro pode exercer, e o termo é a visão do último degrau; nada disso está na letra do cânon, em que o sujeito de “se revela” é a luz e o olhar do outro “apenas vê” (decisão n.º 3 das decisões do fundador de 19 de outubro de 2026, numeradas como no Prólogo do Estudo VIII). A distinção da n.º 2, valor e poder, foi dada a Ricoeur; se serve a Platão, e de que lado ficaria o poder de ver, é a pergunta (ab) [hipótese do estudo]. E as palavras ficam separadas: a *periagogé* volta a alma inteira, com arte; a Mutatio é “pequena de propósito” (Catecismo, 16), semanal e deliberada, e não se chama conversão.

Questão aberta (ab): a subida da caverna dá graus de visão; a Lux admite graus de visão, a mesma luz mais ou menos vista, sem admitir graus de valor? Primeira resposta: admite, e a letra já o diz com “claramente” e “encoberta”; custa uma palavra para “ver mais” que não vire escala. Segunda: não admite, porque todo grau entre pessoas já é ranking; custa deixar sem palavra o encobrimento que a letra reconhece. Terceira: admite dentro de cada pessoa, ao longo do tempo, e nunca entre pessoas; custa uma cláusula que a letra não traz.

A subida da caverna ordena graus de visão; a escada de Diotima ordena mais, e ordena o que se ama.

4.3 A escada e o não ranking

A escada de Diotima é a imagem platônica mais clara de uma ordem de graus, e o cânon diz que a luz de cada um não se ordena; a seção mede as duas.

Platão diz, pela boca de Diotima, que quem vai retamente ao amor começa jovem pelos belos corpos, ama um só, percebe o parentesco de um belo com outro, honra mais a beleza das almas que a dos corpos, e segue (*Banquete*, 210a–c); é preciso “subir sempre, como que servindo-se de degraus” (211c; ver 2.7) [V-pt via secundária: Pamplona, 2020]. O percurso tem guia (210a) e tem termo (210e–211b; ver 2.7). O amor nasce da falta (204a), e Diotima não manda abandonar os belos daqui: manda subir por meio deles, e o primeiro degrau é um corpo, que o texto tem como bom (210a–211c). A linha dividida da *República* ordena objetos e as afecções da alma que lhes correspondem, não pessoas (VI, 509d–511e). Gregory Vlastos sustenta, em “The Individual as an Object of Love in Plato”, que o amor platônico ama as propriedades e não a pessoa.

O cânon responde que “cada luz é intrínseca — não relativa, não comparativa, não sujeita a ranking” (Tratado da Luz Interior, “Fundamentação”; ver 4.1). Pela decisão n.º 5 de 19 de outubro, as Águas Comuns “são assimétricas no Abrigo e recíprocas no rio […]. E a assimetria é de posição, não de valor: o outro que chega vem primeiro na ordem do dever, sem que as luzes se ordenem.” O olhar do outro, que em Diotima seria guia, “apenas vê” (decisão n.º 3 de 19 de outubro; ver 4.2). O exemplo do Catecismo é o do recém-nascido: “Um recém-nascido ainda não conquistou nada e já o tem.” (Catecismo, 6). Os degraus que a série já recusou são “os da queixa”: “o cânon guarda a cautela sem adotar os degraus da

queixa” (decisão n.º 8 de 23 de outubro); a Ficha do Estudo VII diz “Sem escada de religiões” [Ficha, não cânon]. “Eros”, “belo”, “beleza” e “desejo” não ocorrem nas fontes do cânon.

A escada ordena objetos (o corpo, a alma, as leis, os saberes, o belo), e a decisão n.º 5 de 19 de outubro fala de pessoas; nesse ponto estrito, a letra de uma não toca a letra da outra. O que resta é o guia e o caminho: a escada supõe quem já subiu e quem ainda não, e o cânon não faz da luz de ninguém um degrau. A decisão n.º 8 de 23 de outubro recusa os degraus da queixa, e não toda escada. Quanto à crítica de Vlastos, no cânon o valor da pessoa está na Lux, “anterior a qualquer conquista ou circunstância”, e não numa qualidade que ela tenha; a letra não diz que seja objeto de amor [hipótese do estudo].

Questão aberta (ac): a escada de Diotima ordena objetos e não pessoas; cabe no cânon um amor que sobe, ou toda escada fere o não ranking? Primeira resposta: cabe, se a subida ordena o que se ama e não quem ama; custa uma palavra para “amar” que a letra não tem. Segunda: não cabe, porque toda escada ordena quem a sobe; custa tratar como regra geral o que a decisão n.º 8 só disse dos degraus da queixa. Terceira: cabe como caminho de cada um, sem comparação entre pessoas, como o rodeio; custa distinguir “subir” de “ser mais”.

A escada ordena o que se ama; o *Protágoras* e o *Górgias* medem o que se erra, e é aí que a fronteira dói mais.

4.4 O mal como ignorância e o lobo

Platão faz do mal um erro de saber, e o cânon define o lobo pelo ato; a seção mede a distância e o que ela custa à justiça devida.

Platão diz, no *Protágoras*, que ninguém erra voluntariamente: a tese vem ao interpretar um poema de Simônides e é atribuída aos sábios (345d–e), e depois vira argumento, sobre a premissa combinada de que o agradável é bom (358a–b), de modo que ser vencido pelo prazer é “a maior ignorância (*amathia*)” (357e; ver 2.3) [V-gr]. O saber governa o homem, e a fraqueza da vontade (*akrasia*) é recusada.

Involuntário não é inocente. No *Górgias*, quem não quer cometer injustiça precisa também “preparar algum poder e alguma arte (*techne*)” (509d–e) [V-gr], e a pena é “medicina da maldade” (478d; ver 2.3) [V-gr]; há um resto, os incuráveis, de quem o castigo só tira o exemplo (525b–c). Nas *Leis* o princípio é mantido e a pena segue terapêutica (IX, 860d e 862c; ver 2.3), e a injustiça passa a ser estado da alma, separável do dano: a tirania, na alma, das paixões é injustiça “quer cause dano, quer não” (IX, 863e) [V-gr]. Martin Buber recusava o intelectualismo: “O homem socrático crê que toda virtude é percepção e que o conhecimento do que é reto basta para fazê-lo. Não o homem mosaico” (“Die Lehre und die Tat”, 1934, em Šajda, 2025) [V via secundária: Šajda, 2025].

O cânon responde pela autoria do ato. “A noite é o mal que ninguém causou — diante dela, vela-se. O lobo é o mal que alguém inflige — diante dele não se vela: resiste-se, e deve-se justiça, porque há uma luz devida ao outro.” (Cânon v1.2, “A Vigília”). E “é lobo quem o inflige, com ou sem intenção; a irreflexão não é noite” (Tratado da Vigília, “Definição”; decisão n.º 5 das decisões do fundador de 17 de outubro de 2026, numeradas como no Prólogo do Estudo VII). “Voluntário” não ocorre nas fontes do cânon; “ignorância” só na Ficha do Estudo IV e “involuntário” só na Ficha do Estudo II [Ficha, não cânon]. A decisão fala de intenção e de irreflexão, não de saber; dela o estudo infere que o lobo que não sabe é lobo [inferência do estudo], e a questão (ad) volta a isso. A decisão n.º 10 de 23 de outubro põe a fronteira no ato: “A fronteira entre noite e lobo passa pelo ato, não pela pessoa: a noite é o que não se causou, o lobo o que se causou, e a mesma pessoa pode estar nos dois lados sem ser um terceiro estado.”

Do que se deve ao lobo a letra diz pouco, e de propósito: “a justiça devida diante do lobo e o modo de distingui-la da vingança: não está formulada, e fica para um tratado dedicado, que este não é.” (Tratado da Vigília, “Síntese”). “Castigo” e “punição” não ocorrem; “sanção” e “reabilitação” só na decisão n.º 3 de 23 de outubro, que deixa “o perdão da vítima ao lobo” para o tratado da justiça, “depois da sanção e da reabilitação” (n.º 3). A n.º 9 faz das peças de Ricoeur e de Levinas “material do tratado da justiça, sem ordem escolhida”, e não nomeia Platão. A Regra da Misericórdia é reflexiva: “Isso é diferente de decidir o que se deve ao mal cometido contra outrem.” (Disputatio, 3, “Respondeo”).

O ponto de contato mais próximo que o estudo propõe, na letra, é Boécio: o Tratado ouve a Filosofia que consola dizer que a fortuna é dada “para recompensar ou exercitar os bons, punir ou corrigir os maus”, e responde: “O Lumen Fluens honra o gesto e não adota a providência, porque a Vigília não lê a noite de cima nem do fim.” (Tratado da Vigília, “Fundamentação”). A mesma tríade vem, em Boécio, de herança platônica, e o Tratado a deixa fora [hipótese do estudo]. O princípio declarado pela decisão n.º 8 de 19 de outubro (“justificar a dor do próximo”; ver 3.7) é o critério que o estudo propõe para ler o castigo que cura; a decisão não foi tomada sobre Platão, e não apoia a pena-remédio [leitura do estudo].

Três fronteiras se desenham [leitura do estudo]. A primeira é o critério: Platão mede o mal pelo saber do bem, o cânon o mede pelo ato; a injustiça das *Leis* existe “quer cause dano, quer não” (*Leis* IX, 863e), e o lobo existe quando alguém inflige. A segunda é a cura: em Platão a pena é remédio de quem agiu, e seu fim é o bem do punido; no cânon a justiça é devida “ao outro”, e o que ela é fica para o tratado.

A terceira é a noite. O *Timeu* faz o cosmos nascer da combinação da Necessidade com a Inteligência, e manda incluir uma causa errante (47e–48a; ver 2.8). Isso é condição do cosmos, e não acontecimento: é o registro em que a decisão n.º 6 de 19 de outubro põe a noite em Levinas (“condição em Levinas, acontecimento no cânon”), e não o da noite do

cânon; a Necessidade do *Timeu* não é o *há*, que aqui é o termo de Levinas, e não o verbo [hipótese do estudo]. Os textos de Platão guardam ainda uma tensão, que o estudo registra e não resolve: a *República* II e X fazem o deus inocente, e as *Leis* X admitem duas almas, uma capaz do contrário (ver 2.9).

Questão aberta (ad): se o lobo que não sabe é lobo (inferência do estudo a partir da decisão n.º 5 de 17 de outubro), a justiça devida a ele, a herdada (g), é cura, como no *Górgias*, ou outra coisa? Primeira resposta: cura, e a pena de Platão entra como peça do material do tratado; custa pôr à prova o princípio de 19 de outubro e um castigo que o cânon não tem. Segunda: outra coisa, a luz devida ao atingido, sem remédio para o agressor; custa deixar sem palavra o lobo que age sem saber. Terceira: fica como está, (g) aberta até o tratado; custa adiar.

Se o mal está na alma e a alma está num corpo, falta ver o que Platão e o cânon dizem do corpo.

4.5 A prisão e o templo

O *Fédon* chama o corpo de prisão, o *Timeu* pede que se cuide dele, e o Pilar IV o chama de tijolo do templo; a seção pergunta qual Platão responde ao Corpus.

Platão diz duas coisas do corpo, e a seção as mantém separadas. No *Fédon*, filosofar é exercitar-se em morrer; a alma pensa melhor sozinha, em si mesma; o corpo ocupa o homem, estorva e causa guerras, e a filosofia, ao receber a alma atada, vê que a prisão se faz pelo desejo, de modo que o prisioneiro é o principal cúmplice da própria prisão (*Fédon*, 64a, 65c, 66b–c e 82e–83a; ver 2.4). Tudo isso é dito como opinião dos verdadeiros amigos do saber, e não como definição. O jogo *sôma–sêma*, corpo–túmulo, não está nessas páginas: aparece no *Crátilo* (400c) e no *Górgias* (493a), atribuído a alguns, aos órficos e a um dos sábios (ver 2.8). No *Fedro*, o corpo é a concha da ostra a que estamos presos (250c). Gabriele Cornelli, a partir de Casertano, registra que o *Fédon* não define a alma e a concebe a partir do seu oposto, o corpo.

A outra voz está no *Timeu*: a única salvação, para os dois males, é não exercitar a alma sem o corpo nem o corpo sem a alma, para que fiquem proporcionados e sãos (88b); a alma lançada com ardor ao estudo consome o corpo (88a), e a proporção entre os dois é a maior de todas (87c–d). No *Banquete*, o primeiro degrau da escada é um corpo belo, e o texto o tem como bom (ver 4.3).

O cânon responde: “A transcendência passa pela matéria. O corpo, o lugar, o ritmo — os ‘tijolos do templo’ — não são obstáculos ao espírito: são seu instrumento.” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, IV, “Princípio”). A virtude do Pilar é a presença: “estar inteiro onde o corpo está” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, IV, “Virtude”). A Disputatio acrescenta que os Pilares III e IV “já recusam explicitamente qualquer transcendência que seja fuga da matéria ferida” (Disputatio, 2, “Sed contra”). E a Meditação: “Trata-se de

lembrar, com o corpo, que você não é só o que produz. O templo também dança.” (Meditações Práticas, “A celebração maior”), lembrança de quem se é, e não reminiscência de um saber.

A fronteira passa pelo *Fédon*, e não por Platão inteiro [leitura do estudo]. O *Timeu* e o primeiro degrau do *Banquete* estão do lado do cuidado. A letra do Pilar IV diz que o corpo e o ritmo “não são obstáculos ao espírito”, e a negação não cita quem o tenha dito obstáculo; a prisão do *Fédon* tem causa e agente no desejo, e as causas que o Tratado nomeia para o encobrimento da luz (ver 4.2) não incluem o corpo. A diferença está também no termo: “alma” é palavra de Platão (*psyché*), e o cânon a usa duas vezes, só numa prática — “para manter a alma flexível” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, III, “Prática”) —; o cânon diz “espírito” e “pessoa”, e não é a alma que o *Fédon* quer ver solta [leitura do estudo].

Questão aberta (ae): o cânon tem só o templo, ou também a prisão, isto é, admite que o corpo possa esconder a luz? Primeira resposta: só o templo, porque as causas do encobrimento são medo, hábito e expectativas alheias; custa deixar sem palavra o corpo doente ou exausto. Segunda: também uma prisão, em sentido restrito, pois a Disputatio diz que “o dano é real” (Disputatio, 3, “Respondeo”), sem dizer que o corpo esconda a luz; custa uma frase que a letra não traz. Terceira: o corpo dificulta ver, e não esconde; custa a distinção entre dificultar e esconder.

Prisão ou templo, o corpo está no tempo; a pergunta seguinte é o que Platão e o cânon dizem do tempo.

4.6 A Forma e o valor

O que é sempre o mesmo, em Platão, é Forma, e o que é atemporal, no cânon, é a Lux; a seção pergunta se a palavra leva consigo a essência.

Platão diz que o que é sempre o mesmo e sem mudança é o incomposto, e que a alma, quando investiga sozinha, vai para o que é puro e “sempre o mesmo”, por ser-lhe aparentada (*Fédon*, 78c e 79d; ver 2.4) [V-en]. O tempo é “imagem móbil da eternidade” (*Timeu*, 37d; ver 2.8) [V-pt via secundária: P. R. da Silva, 2023]. Heráclito, pela boca de Platão, diz que não se entra duas vezes no mesmo rio (*Crátilo*, 402a), e Platão examina o fluxo como tese de outros e mostra que, levado a sério, impede o dizer (*Teeteto*, 183a–b; ver 2.8) [leitura do estudo]. Daniel Graham nota, na *Stanford Encyclopedia of Philosophy*, que dos fragmentos do rio só o B12 é certificadamente autêntico, e que a leitura do fluxo universal pode vir de Crátilo. O Estudo VII recebeu o rio de Heráclito pela voz de Platão, por Hegel, e disse que o rio de Marco Aurélio e o do cânon “têm, pois, o mesmo avô” (Estudo VII, 2.2).

A palavra do cânon para o que dura é “atemporal”, e ela vem sempre com o rio: “cada pessoa carrega uma luz interior atemporal, e vive imersa num rio — o fluxo do

tempo, das gerações, das civilizações.” (Cânon v1.2, “Origem”). “O eterno dança no tempo.” (Cânon v1.2, “Origem”); a dança é “o que está sempre vindo a ser” (Catecismo, 4). “Essência”, “imortal” e “imortalidade” não ocorrem nas fontes do cânon; sobre o depois do rio, o “silêncio respeitoso” é o da Ficha do Estudo III (ver 3.2) [Ficha, não cânon].

A distância está primeiro na essência [leitura do estudo]. “Atemporal” diz o que a Lux é, e não o que lhe sucede; a Forma é o sempre igual e incomposto de que a alma é aparentada. A letra não diz a Lux Forma nem essência; se a decisão n.º 2 de 23 de outubro (valor, e não capacidade) basta para afastá-la da Forma, a decisão, tomada sobre Ricoeur, não o disse, e o estudo deixa a pergunta onde está. Está depois na imagem: em Platão o tempo é cópia móvel de um modelo que permanece; “o eterno dança no tempo” (Cânon v1.2, “Origem”) junta os dois pela dança, sem dizer que um seja reflexo do outro, e a letra não diz o que é “o eterno”. Está, por fim, no rio: o do cânon é histórico e não cosmológico, em nenhum escrito o rio do cânon é dito o rio de Heráclito, e “tudo flui” não ocorre. Os dois rios só coincidem na palavra: o rio do mito de Er, tal como o estudo o leu, é o do Esquecimento (*República* X, 621a–b; ver 2.9). O silêncio sobre o depois do rio fica como silêncio.

O rio do cânon é história, e a história tem cidades; é aí que passa a fronteira seguinte.

4.7 A cidade e o rio

Platão pensa a vida em comum como cidade que alguém governa, e o cânon como rio que ninguém possui; a seção mede o que cada um deve a quem chega.

Platão diz que não haverá descanso dos males para as cidades enquanto os filósofos não reinarem ou os reis não filosofarem (*República* V, 473c–d). Os que subiram não podem ficar lá (VII, 519c–d); a objeção de Glauco, a de que descer é uma injustiça, tem por resposta que a lei visa a cidade toda (519e–520a; ver 3.6), e o dever é o de descer cada um na sua vez (520c; ver 2.6); quem governa sem ânsia de governar faz a cidade menos dada a discórdias (520d). A *Carta VII* [autenticidade disputada] repete, em primeira pessoa, a fórmula do rei-filósofo e a desilusão que a gerou (326a–b). Hegel vê nesse desenho o limite: o princípio da liberdade subjetiva, que arruinou a Grécia, é por vezes ignorado por Platão (*Lições sobre a história da filosofia*; ver 5.3).

O cânon responde de outro lugar. “O rio do cânon é o fluxo, mais largo e mais humilde que o espaço público, e não é programa político.” (Tratado das Águas Comuns, “Fundamentação”). O nome foi escolhido contra “comunidade, sociedade ou coletivo, palavras que dariam ao rio um dono” (Tratado das Águas Comuns, “Definição”). O devido é dívida de quem navega, “devo ao rio o próprio fluxo” (Cânon v1.2, “As Águas Comuns”; ver 3.6), e a imagem é a lamparina “entregue às águas de todos — e por elas levada mais longe do que qualquer um iria sozinho” (Cânon v1.2, “As Águas Comuns”). “Ninguém

navega um rio privado”, diz o Cânon na mesma seção, e o que se deve é manter as águas passáveis. O Abrigo tem limite, e o limite é a Bússola (decisão n.º 4 de 19 de outubro). E à objeção de que o rio daria a luz: “O que o rio dá é alcance” (Tratado das Águas Comuns, “Objeção provável e resposta breve”). “Cidade”, “governo”, “lei” e “descer” não ocorrem nas fontes do cânon.

O devido, o programa e o retiro separam as duas casas [leitura do estudo]. Em Platão o dever de descer é imposto aos melhores por serem melhores, e isso é uma ordem de valor; no cânon é “devo”, em primeira pessoa, e a decisão n.º 5 de 19 de outubro põe a assimetria “de posição, não de valor” (ver 4.3). Platão tem um programa, o rei-filósofo; o cânon diz que o seu rio não é. E o que em Platão a cidade proíbe, o filósofo que fica, o cânon admite se for discreto e se devolver: “o retiro é discreto, e guarda a luz para devolvê-la ao fluxo” (Cânon v1.2, “As Águas Comuns”; ver 3.6).

Descer ou entregar, o que sobra é o nome do que se entrega, e é aí que Platão e o cânon mais se calam.

4.8 O nome: o Bem, os deuses e a Luz

Platão dá nome ao Bem, aos deuses e ao *daimonion*; o cânon deixa a Luz sem nome por independência confessional; a seção pergunta o que se pode ler ao lado de um e do outro.

Platão diz que Sócrates tem um sinal que só dissuade e nunca impele (*Apologia*, 31c–d; ver 2.2), que no dia do julgamento não se opôs (40a–b) e que no *Teeteto* proíbe a convivência com alguns e a permite com outros (151a). O *daimon* do *Banquete*, Eros, é outro: um intermediário entre mortal e imortal (202d–e). No *Timeu*, o deus deu a cada um, como seu *daimon*, a parte mais alta da alma (90a). Nas *Leis*, almas boas em toda virtude são deuses (X, 899b). O *Fedro* faz da alma uma parelha alada e um cocheiro (246a). O Bem fica sem definição (*República* VI, 506d–e; ver 4.1). Para Buber, o sinal dizia a Sócrates apenas o que não fazer (ver 3.4).

O cânon responde: “Lumen Fluens não pertence a nenhuma religião oficial — e não exclui nenhuma. Para quem crê, a Luz tem nome próprio: para o cristão, é o próprio Deus. Para quem não crê, é a consciência mais funda, o verdadeiro em si. A filosofia não decide isso por ninguém; exige apenas fidelidade à luz, seja qual for o nome que cada um lhe dê.” (Cânon v1.2, “Independência confessional”). A independência é “intocável” (Cânon v1.2, Parte II, “Tom e estilo”), e o padrão para o que é de raiz confessional é “material, não doutrina” (Tratado das Águas Comuns, “Fundamentação”). A Bússola “não escolhe os caminhos por ninguém; ela apenas veta os que exigiriam apagar a luz para percorrê-los” (Cânon v1.2, “A Bússola”; Catecismo, 24), e fala “na gramática de quem escolhe caminho” (Disputatio, 4, “Ad secundum”). “Deuses”, “divino” e “daimonion” não ocorrem nas fontes do cânon, nem “sinal” no sentido de voz. Entre as vozes que o Tratado da Luz Interior

ouve, a única instância interior é o “mestre interior”, a propósito de Agostinho (“Fundamentação”); a letra não liga essa figura à Bússola, nem a Bússola a voz alguma. A Antífona, parte do cânon, não é tratada neste estudo.

Os deuses e o *daimonion* entram como material do pensamento de Platão, com o respeito que o Tratado das Águas Comuns dá à raiz cristã de Mounier e ao Tu eterno de Buber; se o Bem pode ser lido ao lado da Luz sem nome é a questão (aa), em 3.1. O *daimonion* tem de Platão a mesma forma que a Bússola tem do cânon: um veto, sem impulso [leitura do estudo]. Mas o veto de Sócrates vem de uma voz (*Apologia*, 31d; ver 2.2), e o do cânon, de quem caminha; a decisão n.º 5 de 23 de outubro, sobre a voz do outro “em mim”, foi tomada a propósito de Ricoeur, e não do sinal [leitura do estudo].

Questão aberta (af): o veto da Bússola tem fonte, uma voz, como o *daimonion*, ou é a própria pessoa? É a herdada (i), vista por Platão. Primeira resposta: é a própria pessoa, a Luz, como a decisão n.º 5 leu a voz do outro “em mim” para Ricoeur; custa estender uma decisão a um caso que ela não nomeia. Segunda: tem fonte, e o *daimonion* fica como precedente do veto; custa dar à Bússola um interlocutor que a letra não traz. Terceira: fica como a decisão deixou, e (i) segue aberta, com o último juiz solitário; custa adiar.

O capítulo termina onde começou: com o que Platão deu à tradição. O próximo mostra o que cada casa que a série já visitou tomou dele.

5 PLATÃO ANTES DAS CASAS QUE JÁ VISITAMOS

A série visitou sete casas — o budismo, o estoicismo, o cristianismo, o Vedanta, o existencialismo, o taoísmo e Hegel — e, depois delas, Levinas, Ricoeur e, pelo Tratado das Águas Comuns, Buber. Este capítulo pergunta a cada uma não o que Platão diria dela, mas o que ela recebeu dele, ou de Sócrates, que nem sempre é o mesmo homem. Cada seção ouve a casa, junta o que a série já disse dela e põe a letra do cânon ao lado. Dois avisos valem para o capítulo inteiro. Primeiro, boa parte da letra das casas chega por intérpretes nomeados e vem marcada como via secundária; onde a pesquisa de fontes do estudo não abriu passagem, o capítulo diz que não abriu, e não preenche. Segundo, os Estudos anteriores quase não nomeiam Platão; o resto é silêncio, e o capítulo o registra como silêncio [leitura do estudo]. A série visita casas, não as gradua (Estudo VII, 3.3).

5.1 O estoicismo: Sócrates como modelo da Stoa

O estoicismo recebeu a vida de Sócrates, e a letra aberta mostra o laço com Platão passando por outras mãos [leitura do estudo].

Sêneca escreve a Lucílio que “Platão, Aristóteles e toda a multidão de sábios que haviam de seguir cada um o seu caminho tiraram mais proveito do caráter que das palavras de Sócrates” (*Cartas* 6, 6) [V-en]. Na *Carta* 104 aconselha: “Se desejas um modelo, toma Sócrates”, de quem “nenhum homem viu […] demasiado exaltado ou demasiado abatido” (*Cartas* 104, 27–28) [V-en]. Epicteto pergunta “que resta aos homens senão fazer o que Sócrates fez?”, e o que ele fez foi nunca dizer-se ateniense ou coríntio, mas “cidadão do mundo” (*Diatribes* I, 9, 1) [V-en]. E Zenão, fundador da casa, chega a Sócrates por Xenofonte: lendo o segundo livro das *Memoráveis*, perguntou “onde se encontrariam homens como Sócrates” (Diógenes Laércio, *Vidas* VII, 3) [V-en]. Os quatro são leitores antigos de Sócrates e não de uma doutrina de Platão; em Sêneca, Platão aparece como discípulo que aprendeu com o caráter do mestre [leitura do estudo].

A série não trouxe Sócrates a essa casa. A Ficha do Estudo II tocou o estoicismo no rio de Heráclito, no exame noturno de Sêneca, “ancestral do nosso Examinar — tribunal lá, misericórdia aqui”, e no portar o involuntário de Epicteto, e separou-se em “Apatheia vs. celebração” e em “cidadela interior, não; casa de portas abertas” [Ficha, não cânon]; nos Estudos VII, VIII e IX a Stoa foi tratada sem Sócrates (Estudo VII, 4.2; Estudo VIII, 4.5; Estudo IX, 4.4). O cânon pede um “Exame diário ao fim do dia, em duas perguntas: onde minha luz ficou escondida hoje? Onde brilhou?” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I, “Prática”), num gesto que “Não é o exame de um juiz severo” e se responde “em voz baixa ou numa frase escrita” (Meditações Práticas, “O Examinar da noite”). A letra não traz interlocutor, refutação nem Sócrates, e a Ficha fixa um ancestral, Sêneca; o modelo que Sêneca e Epicteto tomam não consta nela [leitura do estudo]. O Sócrates de Epicteto é

“cidadão do mundo”, e a letra do cânon não traz “cidade” nem “cidadão”: seus nomes para o outro são casa e águas (Cânon v1.2, “O Abrigo”; “As Águas Comuns”) [leitura do estudo]. O estudo anota para o fundador (ver 7.3) que a Ficha do Estudo II não registra Sócrates; se ele passa a constar, como parente do Examinar ou só como matéria do interlocutor, é decisão dele.

A Stoa recebeu de Sócrates uma vida; a casa seguinte recebeu livros.

5.2 O cristianismo: Agostinho e os livros dos platônicos

A casa cristã diz, com mais clareza que as outras, o que recebeu do platonismo e o que não achou nele.

Agostinho conta que leu “certos livros dos platônicos, traduzidos do grego para o latim”, e que ali achou, “não com estas palavras, mas inteiramente o mesmo”, que no princípio era o Verbo; “Mas que o Verbo se fez carne e habitou entre nós, isso não li ali” (*Confissões* VII, 9, 13–14) [V-lat]. Os livros o fizeram voltar a si mesmo: “Entrei e vi, com o olho da minha alma […] acima da minha mente, a luz imutável, não esta vulgar e visível a toda carne” (*Confissões* VII, 10, 16) [V-lat]. E o balanço vem adiante: “onde estava aquela caridade que edifica sobre o fundamento da humildade, que é Cristo Jesus?” (*Confissões* VII, 20, 26) [V-lat]. O texto não nomeia Platão nem diz quais livros eram; a identificação com Plotino e Porfírio é tradição de intérpretes [tese a confirmar]. Na *Cidade de Deus*: “É evidente que ninguém chega mais perto de nós que os platônicos” (VIII, 5) [V-en]. A “luz” de Agostinho é Deus e Verdade. Justino separa sem condenar: “não porque as doutrinas de Platão sejam diferentes das de Cristo, mas porque não são em tudo semelhantes” (Justino, *Segunda Apologia* 13) [V-en]. Para Clemente, a filosofia era “um pedagogo (*paidagogos*) para conduzir a mente helênica a Cristo, como a lei para os hebreus” (*Stromata* I, 5) [V-en]. Justino, Clemente e Agostinho leem Platão como quem viu uma parte e não a outra [leitura do estudo].

A Ficha do Estudo III tocou o cristianismo na dignidade anterior ao mérito, na luz de João 1,9 e em Agostinho, e separou-se em “Estrutura vs. revelação: não nomeamos a origem da Luz” [Ficha, não cânon]. O Tratado da Luz Interior deve a Agostinho o “mestre interior” que “ensina antes de qualquer voz externa” e cita o *De magistro*, não as *Confissões* nem os platônicos (“Fundamentação”); que Platão esteja por trás dele, por esses livros, é pergunta do Estudo XII, e a letra do Tratado não o diz [inferência do estudo]. Quanto à luz, o cânon diz: “Para quem crê, a Luz tem nome próprio: para o cristão, é o próprio Deus. […] A filosofia não decide isso por ninguém” (Cânon v1.2, “Independência confessional”); se a luz de Agostinho é a Luz do cânon sob o nome que a fé lhe dá, o cânon não decide (Estudo VII, 4.4). O que Agostinho diz não ter achado nos livros dos platônicos é o esvaziamento do Filho (*Confissões* VII, 9, 14). As decisões do fundador de 19 de outubro de 2026, numeradas como no Prólogo do Estudo VIII, anunciam (n.º 10) a revisão

da Ficha do Estudo III para receber a quenose e a substituição; as de 23 de outubro de 2026, numeradas como no Prólogo do Estudo IX, acrescentam (n.º 12) o material de Ricoeur. O estudo anota para o fundador (ver 7.3) que o esvaziamento do Filho é matéria para essa revisão, que é dele.

Com Hegel, a recepção deixa de ser vida ou livro e passa a ser história da filosofia.

5.3 Hegel: a dialética e a Academia

Com Hegel o platonismo entra pela história da filosofia; a letra aberta está em inglês, sem as páginas do alemão [página a confirmar].

Nas *Lições sobre a história da filosofia*, Hegel chama Platão e Aristóteles de mestres: “Eles, mais que todos os outros, merecem ser chamados mestres do gênero humano” (trad. Haldane e Simson, vol. 2, capítulo sobre Platão e os platônicos). Sobre a dialética: “O que temos de tratar na dialética de Platão é o pensamento puro da razão, que ele distingue com toda clareza do entendimento (*dianoia*)”. Sobre a cidade: “este princípio da liberdade subjetiva é por vezes ignorado por Platão, e por vezes até intencionalmente depreciado, porque se mostrou ter sido o que arruinou a Grécia” [V-en via secundária: Haldane–Simson, 1894]. Da Academia como escola, os passos abertos de Hegel nada trazem além do título do capítulo; que Platão viveu e foi sepultado na Academia, um ginásio fora dos muros, é de Diógenes Laércio (III, 7 e 41) [V-en]. Kwok Kui Wong põe Hegel “na tradição socrática da definição” (2011, citado no Estudo VII, 4.6) [V via secundária: Wong, 2011]. O VII recebeu ainda de Hegel o rio de Heráclito “pela voz de Platão” (Estudo VII, 2.2); a passagem platônica é de Hegel, e o VII não a discute.

A Ficha do Estudo VII separou-se de Hegel em “Sabido vs. revelado”: “o valor só se efetiva quando sabido e formado; para nós a luz é anterior a todo percurso — revelar não é produzir” [Ficha, não cânon]. E o VII recusou tomar a “religião do Bem” e a “religião da luz” persas como apoio, sem decidir se são a Luz sob outro nome (Estudo VII, 3.3). Pela fórmula das decisões do fundador de 17 de outubro de 2026, numeradas como no Prólogo do Estudo VII, o Lumen Fluens aceita a dialética “como método de crescimento doutrinal” e a recusa “como teodiceia” (decisão n.º 1 de 17 de outubro); a decisão n.º 13 de 23 de outubro deu à primeira metade o nome “mediação aberta”, glossário e não mudança. “Dialética”, na letra do cânon, é a de Hegel: a de Platão é outra coisa, e o cânon cala sobre ela. O estudo mantém as duas separadas [leitura do estudo]. A crítica de Hegel à *República* tampouco encontra onde pousar, pois “cidade” não ocorre na letra do cânon, e o rio “não é programa político” (Tratado das Águas Comuns, “Fundamentação”).

De Hegel, que lê a cidade de Platão, passa-se a quem lê o homem Sócrates (5.4).

5.4 O existencialismo: Kierkegaard e Jaspers diante de Sócrates

Da casa existencialista o estudo abriu dois autores que falam de Sócrates, ambos por intérprete; de Heidegger e de Sartre diante de Platão nenhuma passagem foi aberta, e o capítulo não a supre.

Segundo Sylvia Walsh Utterback, "Kierkegaard aceita a tese de Schleiermacher de que Sócrates era o 'fundador da dialética', mas a qualifica, insistindo em que Sócrates introduziu só a 'dialética negativa', na forma da ironia" (*O conceito de ironia*, lido em Utterback). Foi Platão quem deu a Sócrates "a Ideia", e Kierkegaard conclui que Sócrates teve "a ideia da dialética" mas não "a dialética da Ideia": sabia "que o eterno é", mas não "o que é" [V-en via secundária: Utterback]. Em Jaspers, segundo o resenhista Carroll Quigley, Sócrates está entre "os indivíduos paradigmáticos", com Buda, Confúcio e Jesus, e Platão entre "os pensadores seminais, dos quais só há três (Platão, Agostinho e Kant)" (*Os grandes filósofos*) [V-en via secundária: Quigley, 1962]. As obras de Kierkegaard e de Jaspers não foram abertas. Nos dois, Sócrates e Platão se separam: negatividade e conteúdo positivo em Kierkegaard, um tipo de homem e um tipo de pensador em Jaspers [leitura do estudo].

A Ficha do Estudo V tocou os existencialistas em "Bússola e autenticidade: não ir aonde eu precisaria me trair" e em "Kierkegaard, a ponte: querer uma só coisa", e separou-se em "invenção vs. revelação" e "absurdo vs. pertencimento" [Ficha, não cânon]. O Estudo VII leu Kierkegaard no palácio e no celeiro (Estudo VII, 4.5), e o IX leu Jaspers como o "interlocutor silencioso" de Ricoeur (Estudo IX, 4.2); em nenhum deles aparece Sócrates. O cânon responde pela Bússola: "Se a resposta é não, não vou. Porque eu sem a minha luz sou uma mentira" (Cânon v1.2, "A Bússola"), e pela integridade, a "coerência" entre o dentro e o fora (Cânon v1.2, "Os Quatro Pilares", I, "Virtude"; ver 3.5). Se há um Sócrates na casa existencialista, é o que vive o que diz até o fim, o "indivíduo paradigmático" de Jaspers, e não o autor de uma Ideia [leitura do estudo]. Cuidado de palavra: no cânon, "o indivíduo define-se pelo que o separa" (Cânon v1.2, "As Águas Comuns"), e não se sabe se "indivíduo paradigmático" é termo de Jaspers ou do resenhista. Jaspers volta, com Marcel, entre os autores que virão (decisão n.º 11 de 23 de outubro; ver 6.4).

Das casas que falam de Sócrates por intérprete passa-se às duas que já ouviram Platão pelo nome (5.5).

5.5 Levinas e Ricoeur: o Bem e o sol

Nestas duas casas a série já ouviu Platão pelo nome: Levinas o recebeu pelo Bem; Ricoeur, pela luz e pela vida examinada.

Levinas toma a fórmula do Bem "mais além da essência" (*República* VI, 509b; ver 2.6) [V-gr]. Em *Totalidade e Infinito*, a noção de um ser acima do ser, dignificada pela ideia

platônica do Bem, não deve ser reconduzida a nenhuma sabedoria oriental (trad. Lingis, p. 218) [paráfrase; página a confirmar]. O Estudo VIII chamou essa frase e a vizinha, da p. 102, de “reparos sobre a origem de uma ideia, não juízo sobre doutrina alguma” (Estudo VIII, 4.6) e adotou de Levinas a dívida, recusando a eleição (decisão n.º 1 de 19 de outubro); a decisão não fala do Bem além do ser. Segundo Huaiyuan Zhang, Levinas escreve em outro passo que “A justiça consiste em reconhecer no Outro o meu mestre” (p. 72) [V-en via secundária: Zhang, 2026]. Levinas retoma a fórmula do Bem além do ser e a desloca da visão para a obrigação [leitura do estudo].

Ricoeur evoca Platão por duas portas. Pelo *Timeu*, a luz é “mediadora entre o fogo do olho e o fogo do objeto” (*História e verdade*, ed. esp., p. 52) [V-es via secundária: Ricoeur, ed. esp.; Estudo IX, 5.1]. Pela *Apologia*, o si é “o fruto de uma vida examinada, segundo a frase de Sócrates na Apologia” (*Tempo e narrativa* III, ed. pt., p. 425) [V-pt via secundária: Ricoeur, ed. pt.; Estudo IX, 1.3]. O Estudo IX deixou a palavra “luz”, que ali é “de Ricoeur e de Platão”, onde estava (Estudo IX, 5.1). “Vida examinada” é frase de Sócrates (*Apologia*, 38a; ver 2.2) que o IX leu em Ricoeur e pôs como nome possível para o que o Examinar e a Revisão do rio fazem ao longo do tempo (Estudo IX, 2.2); a decisão n.º 4 de 23 de outubro fixou os registros da pessoa e da história (ver 3.3) e não disse sim ao nome, e a expressão não ocorre na letra do cânon [leitura do estudo]. Quanto à reminiscência e ao *Fedro*, o estudo não abriu passagem de Ricoeur; há só uma pista bibliográfica, não aberta (Elgabsi, 2019).

Do lado do cânon, “sol” não ocorre na letra, e o Bem não é princípio nem nome; o Tratado da Luz Interior justifica a escolha da imagem pelo que a luz faz por si (“Definição”; ver 3.1), e não pelo que faz às coisas [leitura do estudo]. Em Levinas e em Ricoeur a imagem platônica dá em coisas diferentes: obrigação em um, mediação em outro [leitura do estudo].

Resta o autor que recebe de Sócrates elogio e recusa: Buber (5.6).

5.6 Buber e o diálogo

Buber, que a série visitou pelo Tratado das Águas Comuns, traz de Sócrates a figura mais ambivalente: o Eu do diálogo, e o mestre cujo método ele recusa.

Segundo Peter Šajda, Buber cita em *Eu e Tu*: “quão belo e adequado é o som do vivo e impressionante Eu de Sócrates! É o Eu do diálogo sem fim” (trad. R. G. Smith, 1958, p. 66). Mas diz também que o homem “socrático” não é o “mosaico”, pois crê que conhecer o reto basta para fazê-lo (escrito de 1934; ver 4.4), e que a voz que Sócrates “ouviu ocasionalmente” — o sinal que só dissuade (ver 2.2) — “sempre lhe dizia apenas o que não devia fazer”, ao passo que a de Jeremias dizia o que fazer e dizer (escrito de 1940; ver 3.4). A Hutchins, confessa: “Conheço pouquíssimos homens na história com quem eu tenha uma relação de tanta confiança e veneração como com Sócrates. Mas, quando se trata

de usar ‘perguntas socráticas’ como método educacional, sou contra” (Buber, 1970, p. 67) [V-en via secundária: Šajda, 2025].

O Tratado das Águas Comuns toma de Buber o encontro e recusa a precedência: “Toma-se de Buber o encontro, não a precedência da relação”, e o Tu eterno “é material confessional” (“Fundamentação”). Os Estudos VIII e IX o revisitaram sem Sócrates (Estudo VIII, 4.4; Estudo IX, 4.5). No Examinar, a letra não nomeia interlocutor (ver 5.1), e o Abrigo “revela e nada exige” (decisão n.º 3 de 19 de outubro) [leitura do estudo]. O cânon cala sobre perguntas e respostas, refutação e maiêutica, e sobre a virtude como saber; o intelectualismo que Buber recusa é matéria de 3.4. Quanto à forma, o estudo lê a Bússola, que “apenas veta os que exigiriam apagar a luz para percorrê-los” (Cânon v1.2, “A Bússola”), ao lado do sinal que só dissuade [hipótese do estudo]. A decisão n.º 5 de 23 de outubro responde a Ricoeur e não foi dada sobre o *daimonion*; o que vai além da forma é de 3.8. Buber ajuda a ver o Sócrates que dialoga e o que só detém; atrapalha se o seu contraste com Moisés e Jeremias, que é confessional, for tomado por critério [leitura do estudo].

Do lado de fora dessas casas, o que o estudo encontrou de Platão é pouco, e importa dizê-lo.

5.7 O que não há: budismo, Vedanta, taoísmo

Aqui o capítulo descreve ausências, na medida do que foi aberto, e só nomeia aproximações de intérpretes nomeados.

Nas fontes que o estudo abriu, não há intérprete nomeado que aproxime a doutrina de Platão do budismo, do Vedanta ou do taoísmo [leitura do estudo]. Há três coisas de natureza diferente. A primeira é uma negação: a de Levinas sobre a origem de um ser acima do ser (ver 5.5). A segunda é a vizinhança de pessoas: Jaspers põe Sócrates entre os paradigmáticos com Buda, Confúcio e Jesus (ver 5.4), e Buber nomeia Sócrates ao lado de Abraão, Moisés, Jesus, Confúcio e Buda, dizendo em 1914 que Sócrates viveu uma religiosidade grega profunda, como Buda a indiana e Jesus a judaica (Šajda). A terceira é o contraste de Wong entre Hegel e Laozi (ver 5.3), que opõe Hegel a Laozi, e não Platão.

As Fichas dos Estudos I, IV e VI separaram-se em “Celebração vs. renúncia” e “Dignidade vs. vacuidade” (I), em “Participação vs. identidade” (IV) e em “Impessoal vs. pessoal” (VI); a IV traz também “Revelar, não fabricar” [Ficha, não cânon]. Nenhuma nomeia Platão ou Sócrates. Hegel gradua, Levinas delimita o horizonte, “os gregos e a Bíblia” (Estudo VIII, 4.6), e Ricoeur declara não ter visitado essas civilizações (Estudo IX, 4.6); nenhum dos três junta Platão a elas. O cânon não responde, porque nada lhe foi perguntado. A Independência confessional não gradua nomes da Luz e dá só dois: Deus, como exemplo cristão, e “a consciência mais funda” (Cânon v1.2, “Independência confessional”). A letra nomeia como causas do encobrimento “por medo, por hábito, por adaptação às expectativas alheias” (Tratado da Luz Interior, “Objeção provável e resposta

breve”), e não a ignorância (ver 4.2); o estudo não faz, pois, da frase da Ficha IV uma ponte com a reminiscência, nem do filosofar como exercício de morrer (*Fédon*, 64a; ver 2.4) uma ponte com a renúncia que a Ficha I recusou. Essas pontes, sem intérprete nomeado, seriam do estudo [hipótese do estudo], e ele não as faz. Duas cautelas: a frase de Levinas é reparo sobre a origem de uma ideia, e não juízo sobre doutrina alguma (ver 5.5); e Jaspers e Buber põem pessoas lado a lado, e não doutrinas [leitura do estudo].

Resta olhar as visitas juntas.

5.8 O padrão

Olhadas juntas, as visitas repetem dois gestos, e o estudo os chama de hipótese.

O primeiro é a forma recebida e o nome decidido. As casas recebem de Platão a forma — o diálogo, a alma, o Bem — e cada uma decide o que fazer com o nome. Agostinho toma o Verbo e marca o que “não li ali”. Levinas toma o Bem além do ser e o desloca da visão para a obrigação. Hegel toma a dialética como pensamento puro e critica a cidade de Platão por ignorar ou depreciar a liberdade subjetiva. Buber toma o Eu do diálogo e recusa o saber que basta. Kierkegaard toma de Sócrates a negatividade e deixa a Ideia a Platão. Ricoeur toma a luz como mediação e a vida examinada como fruto da identidade narrativa [inferência do estudo]. O Tratado da Luz Interior fez gesto vizinho com outras vozes: o ponto comum não é a origem que cada um atribui à luz, que o cânon “deliberadamente deixa em aberto”, mas a estrutura (“Fundamentação”; ver 3.1). A proposta que o Estudo IX deixou ao X (5.1) tem a mesma forma: tomar a imagem como estrutura e deixar a origem onde está [hipótese do estudo].

O segundo gesto é a divisão do homem. Sócrates e Platão se separam mais vezes do que se juntam: a Stoa e Buber ficam com Sócrates, Kierkegaard e Jaspers os repartem em dois papéis, Agostinho e Levinas ficam com o Bem, e Hegel e Ricoeur trazem os dois [inferência do estudo]. Disso o estudo tira uma consequência de método: o toque do cânon com o Sócrates do Examinar e da Bússola e o toque com o Platão da luz e do Bem não são o mesmo toque, e o estudo os trata em seções separadas (capítulos 3 e 4) [leitura do estudo]. O capítulo 4 formula a pergunta (ver 4.1): se o cânon pode fazer com a imagem do sol o que o Tratado fez com Agostinho e Heráclito, tomar a estrutura e deixar a origem, sem que “o Bem” passe a ser nome da Luz.

A volta pelas casas está feita; falta olhar às portas, isto é, aos autores que a série ainda não visitou (capítulo 6).

6 PRÉVIAS: AUTORES QUE VIRÃO

A série passa agora aos clássicos que seguem Platão, na ordem que o fundador decidiu: Aristóteles e Agostinho; depois Arendt, Marcel e Jaspers, Taylor (decisão n.º 11 de 23 de outubro de 2026, numerada como no Prólogo do Estudo IX). As decisões de 17 de outubro (n.º 1 a 7, numeradas como no Prólogo do Estudo VII), de 19 de outubro (n.º 1 a 12, como no Prólogo do Estudo VIII) e de 23 de outubro (n.º 1 a 13) valem como palavra dele e não se reabrem. Nenhuma foi tomada sobre Platão nem sobre os autores que vêm; o que as relaciona a eles é leitura do estudo. Os cinco esboços são marcas de lugar, como nos Estudos VII, VIII e IX: cada um diz o que o autor deve a Platão e o que o estudo seguinte terá de testar. O que se diz de Arendt, Marcel, Jaspers e Taylor não repete o que o Estudo IX (5.2 a 6.6) já disse.

Nota. As passagens dos autores que virão vão pela paginação canônica e, sendo paráfrase sem aspas, levam localização a confirmar; não há aspas sem localização. As passagens de Platão vêm das fontes que o estudo abriu e levam o marcador de cada uma. Salvo onde vem marcado de outro modo, os cinco autores não foram abertos no texto próprio: o que se diz deles é aviso de porta, e não leitura.

6.1 Aristóteles

Aristóteles recebe de Platão a pergunta e responde a partir de outro lugar, e é por essa distância que a porta do Estudo XI se abre. Platão diz, na caverna, que quem sobe precisa de habituação (*República* VII, 516a; ver 4.2) e que a arte da conversão não produz a vista, mas volta quem já a tem (518d; ver 2.6). A vista está dada; a direção e o hábito a formam.

Aristóteles diz que a vida boa é atividade da alma segundo a virtude (*Ética a Nicômaco* I, 7, 1097b–1098a); que a virtude moral é disposição adquirida pelo hábito, nem dada pela natureza nem contrária a ela (II, 1, 1103a–b); que um bem separado, uma só Ideia do Bem, não explica o que se busca no agir humano, porque o bem se diz de muitos modos (I, 6); que a alma é forma do corpo, e não coisa à parte dele (*Da alma* II); e levanta objeções às Formas (*Metafísica* I, 9). A tradição lê os dois juntos: para Hegel, ambos “merecem ser chamados mestres do gênero humano” (ver 5.3), e Sêneca diz que “tiraram mais proveito do caráter que das palavras de Sócrates” (ver 5.1).

Do lado do cânon, o Estudo IX já pôs a virtude ao lado dos Pilares (Estudo IX, 5.2); Platão acrescenta três portas. A primeira é o hábito, palavra de dois sentidos. O Tratado da Luz Interior diz que a luz pode estar “plenamente presente e, ainda assim, encoberta — por medo, por hábito, por adaptação às expectativas alheias” (Tratado da Luz Interior, “Objeção provável e resposta breve”); em Aristóteles, e já na habituação da caverna, o hábito é o que forma. O hábito que encobre e o que forma não são o mesmo. A decisão n.º 2 de 23 de

outubro, tomada a propósito de Ricoeur, disse que “A Lux é valor; a capacidade é poder” e que “o esforço parte da luz”; o estudo não a estende ao hábito de Aristóteles sem medi-lo antes [hipótese do estudo].

A segunda é o corpo. Platão tem duas vozes sobre ele (ver 4.5), e Aristóteles oferece uma terceira, que não é prisão nem templo: a alma como forma do corpo. O cânon usa “alma” duas vezes, numa só prática (“para manter a alma flexível”; Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, III, “Prática”); o que diz do corpo é o Corpus [hipótese do estudo]. A terceira é a crítica às Formas e ao Bem separado: se o bem se diz de muitos modos, a pergunta sobre o sol como estrutura sem que o Bem seja nome da Luz, formulada em 4.1, ganha um interlocutor que já recusa o nome único [hipótese do estudo]. Separam-se, ou se perguntam, a virtude adquirida e a Lux, anterior a qualquer conquista (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I, “Princípio”). Elementos a testar: Lux, Mutatio, Corpus, Abrigo. O Estudo XI terá de medir o hábito que forma contra o que encobre, sem que se diga que o hábito forma a Lux. Aristóteles responde a Platão por dentro; Agostinho o recebe de fora.

6.2 Agostinho

Agostinho é a porta por onde Platão entra na casa que a série mais visitou, e por isso o Estudo XII lerá, antes de tudo, o que ele disse ter achado e não achado nos livros dos platônicos. Agostinho diz que Deus lhe providenciou “certos livros dos platônicos” e que ali leu o Verbo, mas não a carne (*Confissões* VII, 9, 13–14; ver 5.2); que, voltando a si, viu “a luz imutável” (VII, 10, 16; ver 5.2). Clemente de Alexandria lê o mesmo gesto muito cedo, na filosofia como “um pedagogo” (*Stromata* I, 5; ver 5.2). A “luz” de Agostinho é Deus e Verdade; se é a Luz do cânon sob o nome que a fé lhe dá, o cânon não decide (Cânon v1.2, “Independência confessional”; Estudo VII, 4.4).

Platão diz que o tempo é “imagem móbil da eternidade” (*Timeu*, 37d; ver 2.8): o tempo do céu, contado por número. Agostinho diz que o tempo se sabe quando ninguém pergunta e se ignora quando se quer explicá-lo (*Confissões* XI, 14, 17), e que sua extensão é uma distensão da alma (XI, 26, 33): o tempo muda de lugar, do cosmos para dentro. Sobre a vontade, relata que o espírito manda e é obedecido pelo corpo, mas manda a si mesmo e resiste (VIII, 9), o que o intelectualismo de que Platão parte, o mal como ignorância (ver 4.4), não prevê. E a voz que lhe manda tomar e ler (VIII, 12, 29) impele, ao passo que a de Sócrates é o sinal que só dissuade (*Apologia*, 31d; ver 2.2).

Do lado do cânon, a Lux toca o “mestre interior”, que “ensina antes de qualquer voz externa” (Tratado da Luz Interior, “Fundamentação”), figura que o Tratado ouve a propósito de Agostinho, num dos caminhos com que dialoga “sem se filiar a nenhum de modo exclusivo”. Que Platão esteja por trás dele, pelos livros que Agostinho leu, a letra do Tratado não diz; o voltar-se para dentro que Agostinho diz ter aprendido nos platônicos é parente do que o estudo lê na conversão (ver 3.2) [inferência do estudo].

A Mutatio e o Flumen tocam o tempo: a luz é “atemporal”, a pessoa vive “imersa num rio — o fluxo do tempo, das gerações, das civilizações” (Cânon v1.2, “Origem”), e esse rio não é o céu do *Timeu* nem a alma das *Confissões*, mas a história [leitura do estudo]. A Vigília toca o mal: o cânon define o lobo pela autoria, “com ou sem intenção” (Tratado da Vigília, “Definição”; decisão n.º 5 de 17 de outubro; ver 4.4), sem pedir ignorância nem vontade dividida [inferência do estudo], e toma de Agostinho que o mal “não é substância, mas privação do bem” (Disputatio, 2, “Sed contra”). A decisão n.º 5 de 23 de outubro foi tomada sobre a voz que Ricoeur descreve; o estudo não a leva ao mestre interior nem ao *daimonion*. Elementos a testar: Lux, Mutatio, Flumen, Vigília. O Estudo XII terá de testar o mestre interior contra a letra do Tratado, e o tempo que se distende na alma contra o rio do cânon. De Agostinho passa-se a quem pergunta pelo pensar e pelo regresso: Arendt.

6.3 Hannah Arendt

Arendt já foi ouvida duas vezes (Estudo VII, 5.4; Estudo IX, 5.4), e a terceira visita pergunta por Sócrates, pelo pensar e pelo regresso à caverna. Platão diz, pela boca de Sócrates, que a vida não examinada não é vivível para um homem (*Apologia*, 38a; ver 2.2). Na caverna, o filósofo que subiu deve descer, e a cidade será então habitada “em vigília, e não em sonho” (*República* VII, 520c; ver 2.6), com a razão dada de que a lei visa a cidade toda (*República* VII, 519e–520a) [paráfrase].

Arendt diz que pensar é o diálogo silencioso de mim comigo, em que quem pensa é dois-em-um e não pode querer contradizer-se (“Thinking and Moral Considerations”, 1971; *A vida do espírito*); que a irreflexão, e não uma maldade de natureza, esteve na origem de grandes males (*Eichmann em Jerusalém*); e que Platão, ao fazer das ideias medidas para a ação, trocou o agir pelo fazer (*A condição humana*). A expressão “caverna invertida” é pergunta do estudo; a passagem de Arendt que a sustentaria não foi localizada [paráfrase; localização a confirmar].

Do lado do cânon, o Estudo VII ouviu Arendt na natalidade, na Regra da Misericórdia e na irreflexão (Estudo VII, 5.4), e o Tratado das Águas Comuns registrou que a luz dela “é pública e derivada” e que o rio “não é programa político” (Tratado das Águas Comuns, “Fundamentação”). Platão oferece, a partir dela, três portas. A primeira é o Examinar: a Meditação manda responder às duas perguntas “em voz baixa ou numa frase escrita” (Meditações Práticas, “O Examinar da noite”), sem nomear interlocutor, e o olhar do outro “apenas vê” (decisão n.º 3 de 19 de outubro). A conversa de mim comigo cabe nessa letra? [hipótese do estudo]. “Vida examinada” é frase de Sócrates que o Estudo IX leu em Ricoeur como nome possível para o Examinar (Estudo IX, 2.2); a decisão n.º 4 de 23 de outubro fixou os registros, a pessoa e a história, e não disse sim ao nome (ver 3.3), e a letra do cânon não traz a expressão.

A segunda é um triângulo sobre o mal: para Sócrates, ignorância; para Arendt, irreflexão; para o cânon, o lobo é quem inflige, “com ou sem intenção” (Tratado da Vigília, “Definição”; decisão n.º 5 de 17 de outubro; ver 4.4). São três modos de situar o ato, e o estudo não os unifica [inferência do estudo]. A terceira é o regresso. Em Platão, descer é dever de quem subiu; no cânon, a lamparina é posta no rio, e o limite do Abrigo é a Bússola (decisão n.º 4 de 19 de outubro). Há também um homônimo: a vigília de Platão é o estado de quem vê, por oposição ao sonho, e não a Vigília do cânon, que “promete presença, não vitória” (Cânon v1.2, “A Vigília”). Elementos a testar: Examinar, Regra da Misericórdia, Flumen, Águas Comuns. O estudo de Arendt terá de testar se o Examinar, que a letra manda responder em voz baixa, comporta a conversa de mim comigo sem receber o nome de pensar nem de vida examinada. Do pensar passa-se à morte e à transcendência.

6.4 Gabriel Marcel e Karl Jaspers

Marcel e Jaspers entram aqui pela morte e pela transcendência, duas palavras sobre as quais a letra do cânon é breve. Platão diz que os que se dedicam retamente à filosofia não praticam outra coisa senão o morrer e o estar morto (*Fédon*, 64a; ver 2.4) [paráfrase], e que a alma raciocina melhor quando fica só consigo, sem o corpo a perturbá-la (*Fédon*, 65c; ver 2.4) [paráfrase]. Jaspers diz que há situações-limite, que encontramos sempre já aí (*Filosofia*, 1932, lido por intermédio de Ricoeur). A tradição lê Platão e Sócrates em Jaspers por classes: na resenha de Quigley, *Os grandes filósofos* põe Sócrates entre “os indivíduos paradigmáticos” e Platão entre “os pensadores seminais” (ver 5.4). Marcel diz que o ser não é problema posto diante de nós, mas mistério em que estamos implicados (*Ser e ter*, 1935). O estudo não abriu passagem em que Marcel leia Platão [tese a confirmar].

Do lado do cânon, a Vigília poderia tocar a morte, mas a letra diz “a perda, a doença, o acaso que desaba” (Cânon v1.2, “A Vigília”), e as fontes do cânon (Cânon, Tratados, Disputatio, Catecismo, Meditações, Decisões) não trazem “morte” nem “imortalidade” [hipótese do estudo]; é aí que o silêncio pesa. A Ficha do Estudo III, que não é cânon, fixou, sobre o depois do rio, “silêncio respeitoso” (ver 3.2) [Ficha, não cânon]. O Corpus toca a transcendência: o cânon diz que “a transcendência passa pela matéria” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, IV, “Princípio”) e recusa “qualquer transcendência que seja fuga da matéria ferida” (Disputatio, 2, “Sed contra”). A alma só consigo do *Fédon* e a transcendência de Jaspers terão de ser medidas contra essa letra [hipótese do estudo].

Duas advertências. A disponibilidade de Marcel é fidelidade aberta à expectativa de outro, e a do Pilar III é “prontidão interior para o novo” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, III, “Virtude”): mesma palavra, duas coisas, como o Estudo IX já declarou (Estudo IX, 5.5). E o paradigma de Jaspers ordena em classes, enquanto o cânon diz que “cada luz é intrínseca” (ver 4.1); Sócrates como indivíduo paradigmático pode ser reconhecido sem que a classe seja adotada [leitura do estudo]. Elementos a testar: Vigília, Corpus, Mutatio,

Examinar. O estudo de Marcel e Jaspers terá de testar se o “silêncio respeitoso” da Ficha (Estudo III) sobre o depois do rio basta para ouvir a morte como situação-limite sem pedir ao cânon uma palavra que ele não tem. Resta quem lê a razão de Platão como ordem.

6.5 Charles Taylor

Taylor traz a Platão como origem de uma ideia de razão que ordena, e é por essa ordem que a prévia mede o cânon. Platão diz que o comandar cabe à razão, “porque ela é sábia” e “cuida da alma toda” (*República* IV, 441e–442a; ver 2.5), e que a justiça se refere à ação “que se dá em seu íntimo” (443c–d; ver 2.5). Taylor diz que a identidade é moldada em parte pelo reconhecimento e que a dignidade se funda num potencial: “esse potencial, e não o que a pessoa fez dele, é o que garante que cada pessoa mereça respeito” (“A política do reconhecimento”, p. 41) [V via secundária: Taylor, 1994, lido no Estudo VII, 3.1]. Em *As fontes do si* (1989), lê a razão platônica como domínio de si e o Bem como fonte moral.

Do lado do cânon, a Lux toca a dignidade anterior ao que a pessoa fez dela. A hipótese do Estudo VII, que põe a Lux do lado da dignidade e o reconhecimento do lado da identidade, nasceu dessa distinção, e “só o fundador decide se a adota” (Estudo VII, 3.1). O “potencial” de Taylor pede cuidado, porque a decisão n.º 2 de 23 de outubro disse que a capacidade é poder (ver 6.1); ele não é nome da Lux [hipótese do estudo]. O que Platão acrescenta é a ordem. A integridade do cânon é “coerência” entre o que se é por dentro e o que se vive por fora (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I, “Virtude”; ver 3.5), sem partes nomeadas e sem domínio de uma parte sobre as outras, e a Bússola “apenas veta” (Cânon v1.2, “A Bússola”): não governa. Se a razão ordena em Platão, o veto em primeira pessoa é outra figura da ordem, e o estudo de Taylor poderá medir as duas [hipótese do estudo].

Separa-se, ou se pergunta, em dois pontos. O primeiro é a hierarquia dos bens, que ordena, diante de uma luz sem ranking e de uma assimetria “de posição, não de valor” (decisão n.º 5 de 19 de outubro); “bens” aqui é palavra de Taylor, e o cânon não a usa. O segundo é a fonte. O Tratado das Águas Comuns trata a raiz cristã do personalismo de Mounier “como material, não como doutrina” (Tratado das Águas Comuns, “Fundamentação”); o estudo propõe o mesmo padrão para as fontes teístas de Taylor, para quem articular uma fonte é parte de vivê-la [hipótese do estudo]. Elementos a testar: Lux, Bússola, Abrigo. A pergunta sobre o Bem ao lado da Luz sem nome está formulada em 4.1; o estudo de Taylor terá de testar se a articulação das fontes morais cabe ao lado dela, e se a ordem da razão cabe ao lado do veto. Com Taylor a lista termina; o capítulo 7 reúne as perguntas.

7 SÍNTESE, FÓRMULA E QUESTÕES ABERTAS

7.1 O que o estudo encontrou

Platão entra no Lumen Fluens pelo giro da alma e pelo exame. O estudo toma de Platão a imagem mais exata que a série já ouviu de uma luz que não se produz: na caverna, a educação não é “produzir o ver” em olhos que não veem (*República* VII, 518d; ver 2.6) [V-gr], é a arte de voltar a alma inteira, porque a força de aprender já está nela (518b–c) [paráfrase]. O cânon diz, de outro lugar, que a luz “não se acende — ela se revela” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I, “Princípio”). A semelhança é de desenho: nos dois, há algo na pessoa anterior ao que ela faz, e o movimento não cria o que encontra. Ela termina no objeto do giro e no modo. Em Platão a alma se volta para o Bem, com uma arte que outro exerce e por graus; no cânon o sujeito de “se revela” é a luz, e o olhar do outro “apenas vê” (decisões do fundador de 19 de outubro de 2026, numeradas como no Prólogo do Estudo VIII, n.º 3) (3.2, 4.2) [leitura do estudo].

Toma dele também o exame. A vida “não examinada” não vale a pena ser vivida (*Apologia*, 38a; ver 2.2) [V-gr], e o cuidado da alma é a única ocupação que Sócrates defende diante dos juízes (29e; ver 2.2) [paráfrase]. O cânon fecha o dia com duas perguntas — “onde minha luz ficou escondida hoje? Onde brilhou?” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I, “Prática”) — e o toque é de forma, não de método: o *elenchos* se faz com outro, pela refutação; o Examinar é feito com duas perguntas, e a letra não nomeia interlocutor (3.3) [leitura do estudo]. E o sinal: o *daimonion* de Sócrates só dissuade e nunca impele (*Apologia*, 31c–d; ver 2.2) [paráfrase], e a Bússola “apenas veta” (Cânon v1.2, “A Bússola”). A forma é a mesma, um veto sem impulso; a fonte não: o de Sócrates vem de uma voz, o do cânon, de quem caminha (3.4, 4.8).

Mas Platão encontra duas fronteiras. A primeira é a do Bem. Em Platão a luz é um “terceiro gênero” entre a vista e o visível (*República* VI, 507d–e; ver 2.6) [V-gr], o sol é “filho” do Bem (508b–c) [V-gr], e o Bem, causa do ser e do conhecer, está “mais além da essência” (509b) [V-gr]: um só Bem, no alto, de que tudo recebe. No cânon há uma Lux em cada pessoa, “singular” (Tratado das Águas Comuns, “Definição”), e a origem fica fora da letra, “questão que o cânon deliberadamente deixa em aberto” (Tratado da Luz Interior, “Fundamentação”). A fronteira não passa pela imagem, que serve às duas casas, mas pelo que a imagem diz: lá, uma fonte única fora da pessoa; aqui, uma luz em quem a porta, a que cada um dá o nome que tem (4.1) [leitura do estudo].

A segunda é a da escada. A subida da caverna tem graus e esforço, e a escada de Diotima manda “subir sempre, como que servindo-se de degraus” (*Banquete*, 211c; ver 2.7) [V-pt via secundária: Pamplona, 2020]. O cânon diz que “cada luz é intrínseca — não relativa, não comparativa, não sujeita a ranking” (Tratado da Luz Interior, “Fundamentação”), e a assimetria das Águas Comuns é “de posição, não de valor” (decisão

n.º 5 de 19 de outubro). A escada ordena objetos, não pessoas, e nesse ponto estrito as letras não se tocam; o que resta é o guia e o caminho, que supõem quem já subiu (4.3) [leitura do estudo].

Seis fronteiras menores acompanham as duas maiores. A do mal: Platão o mede pelo saber — ser vencido pelo prazer é "a maior ignorância" (*Protágoras*, 357e; ver 2.3) [V-gr] — e faz da pena "medicina" (*Górgias*, 478d; ver 2.3) [V-gr]. O cânon define o lobo pelo ato, "com ou sem intenção" (Tratado da Vigília, "Definição"; decisão n.º 5 das decisões do fundador de 17 de outubro de 2026, numeradas como no Prólogo do Estudo VII), e deixa a justiça devida para um tratado (4.4). A do corpo: o *Fédon* o chama de prisão (*Fédon*, 82e–83a; ver 4.5) [paráfrase], o *Timeu* pede que se cuide dele (*Timeu*, 88b; ver 4.5) [paráfrase], e o Pilar IV diz que o corpo e o ritmo "não são obstáculos ao espírito" (Cânon v1.2, "Os Quatro Pilares", IV, "Princípio"); a fronteira passa pelo *Fédon*, não por Platão inteiro (4.5).

A da Forma: o que é "incomposto" e "sempre o mesmo" em Platão é essência (*Fédon*, 78c–79d; ver 2.4) [V-en], e o "atemporal" do cânon diz o que a Lux é sem a dizer Forma; o rio do cânon é histórico, e "tudo flui" (*Crátilo*, 402a; ver 2.8) [V-gr] não está na letra (4.6). A da cidade: Platão tem o rei-filósofo (*República* V, 473c–d; ver 4.7) [paráfrase] e o dever de descer (VII, 520c; ver 2.6) [V-gr]; o cânon diz que o rio "não é programa político" (Tratado das Águas Comuns, "Fundamentação") (4.7). A do nome: Platão nomeia o Bem, os deuses e o sinal; o cânon não dá nome à Luz e deixa a cada um o seu, e a independência confessional é "intocável" (Cânon v1.2, Parte II, "Tom e estilo") (4.8). E a da noite: a Necessidade do *Timeu* (47e–48a; ver 2.8) [paráfrase] é condição do cosmos, não acontecimento, e não é a noite do cânon (4.4) [hipótese do estudo].

Onde nos tocamos, o toque é de estrutura (capítulo 3): o terceiro que faz ver e a Lux; o giro e "se revela"; a vida examinada e o Examinar; o sinal e a Bússola; a harmonia da alma e a integridade; o regresso à caverna e a lamparina posta no rio; o deus inocente e a recusa da teodiceia. Diante das casas, o capítulo 5 inverteu a pergunta: Platão veio antes de cada uma das casas do capítulo 5, e o que se repete é que cada casa recebe dele a forma — o diálogo, a alma, o Bem — e decide o que fazer com o nome; Sócrates e Platão se separam mais vezes do que se juntam no que as casas tomaram (5.8) [hipótese do estudo]. A leitura abriu cinco portas, e a primeira já está aberta: Aristóteles, o Estudo XI (capítulo 6).

7.2 A fórmula

Daí a fórmula que o estudo propôs ao fundador: **o Lumen Fluens aceita de Platão o giro e recusa a escada.** (Fórmula adotada pelo fundador em 23 de outubro de 2026; ver o Prólogo, "Decisões do fundador", n.º 1.) Aceita o giro: a *periagogé*, o voltar-se da alma inteira, não produz a vista, volta a que já existe (*República* VII, 518d; ver 2.6) [V-gr]. Lido pelo desenho do desvio e não pelo da conquista (4.2) [leitura do estudo], o giro diz que a vista está dada e falta a direção. O cânon já diz a luz dada e revelada. As decisões do

fundador de 23 de outubro de 2026, numeradas como no Prólogo do Estudo IX, tomadas sobre Ricoeur, dizem “a luz é dada e se revela” (n.º 1) e “a Lux é valor; a capacidade é poder” (n.º 2); o estudo pergunta se a distinção serve a Platão, e de que lado ficaria o poder de ver [hipótese do estudo].

Recusa a escada: nenhum degrau entre pessoas, porque “cada luz é intrínseca” e a assimetria é “de posição, não de valor” (decisão n.º 5 de 19 de outubro). “Escada” nomeia aqui o ranking de pessoas, e não a escada do *Banquete*: a escada de Diotima ordena o que se ama, não quem ama (4.3), e a fórmula não a nega. Diz que o cânon não faz da luz de ninguém um degrau. O Bem fica fora da fórmula (aa).

A fórmula tem uma condição e um corolário. A condição é a questão (ab): se o fundador disser que a Lux admite graus de visão — a mesma luz mais ou menos vista, “encoberta” (Tratado da Luz Interior, “Objeção provável e resposta breve”) — sem graus de valor, o giro fica como está, e a escada recusada é só a que ordena pessoas. Se disser que todo grau já é ranking, a fórmula perde a primeira metade, o giro, porque o giro de Platão tem graus, e a segunda passa a alcançá-lo também. O corolário é o Bem. Aceitar o giro sem aceitar a escada deixa o Bem fora da fórmula: a luz que faz ver é tomada como estrutura, e o que está no alto fica onde Platão o pôs, sem virar nome da Luz (4.1); é a questão (aa), e a decisão é do fundador. [Decidida pelo fundador em 23/10/2026 (Estudo X, n.º 2 e 3): a Lux admite graus de visão, nunca de valor, e o giro fica como está; o sol é estrutura e o Bem não é nome da Luz.]

7.3 Questões abertas

O estudo entrega ao fundador um só inventário: onze perguntas que o cânon, tal como está, não responde. Cinco são herdadas — (g), (h), (i), (j) e (k); as de (a) a (f) e de (l) a (z) foram decididas em 17, 19 e 23 de outubro de 2026 e não voltam, e não existe a letra (r). Seis nasceram deste estudo — (aa) a (af); três delas levam dentro uma herdada: (aa) leva (h), (ad) leva (g), (af) leva (i). Nenhuma Questão aberta recomenda uma resposta: diz o que cada resposta custa, e as respostas possíveis estão no capítulo 4.

Sobre a luz. (aa) A imagem do sol pode ser tomada como estrutura, a luz que faz ver, sem que “o Bem” passe a ser nome da Luz — e isso responde à herdada (h) ou a reformula (4.1)? É a pergunta que o Estudo IX fez em nome de Platão e que a letra mostrou ser nova. [Decidida pelo fundador em 23/10/2026 (Estudo X, n.º 3): o sol é estrutura; o Bem não é nome da Luz; (h) respondida — a fonte da Luz continua sem nome.] (ab) A Lux admite graus de visão, a mesma luz mais ou menos vista, sem admitir graus de valor (4.2)? A fórmula de 7.2 depende desta. [Decidida pelo fundador em 23/10/2026 (Estudo X, n.º 2): graus de visão, nunca de valor.] (ac) A escada de Diotima ordena objetos e não pessoas; cabe no cânon um amor que sobe, ou toda escada fere o não ranking (4.3)? A letra não traz “belo”, e “amor” só aparece no Tratado das Águas Comuns, a propósito do afastamento, e

não como subida; a decisão n.º 8 de 23 de outubro, sobre Ricoeur, recusou os degraus da queixa e não trata da escada de Diotima. [Decidida pelo fundador em 23/10/2026 (Estudo X, n.º 4): cabe um amor que sobe; ordenar objetos não é ranquear pessoas.] (j) A Bússola vetaria o monte Moriá? A letra de Platão reunida para o estudo não traz passagem que a toque [tese a confirmar]; fica como estava.

Sobre a voz. (af) O veto da Bússola tem fonte, uma voz, como o *daimonion*, ou é a própria pessoa (4.8)? É a herdada (i), vista por Platão: a decisão n.º 5 de 23 de outubro leu a voz do outro "em mim" como a própria Luz, a propósito de Ricoeur, e o estudo não a estende ao sinal de Sócrates nem ao mestre interior de Agostinho. [Decidida pelo fundador em 23/10/2026 (Estudo X, n.º 7): o veto da Bússola é a própria Luz na pessoa, sem voz externa; (i) respondida.]

Sobre o mal e o corpo. (ad) Se o lobo que não sabe é lobo — inferência do estudo a partir da decisão n.º 5 de 17 de outubro, que fala de intenção e irreflexão, não de saber —, a justiça devida a ele, a herdada (g), é cura, como no *Górgias*, ou outra coisa (4.4)? A decisão n.º 9 de 23 de outubro fez das peças de Ricoeur e de Levinas material do tratado da justiça e não nomeou Platão; a pena-remédio só pode ser proposta. [Decidida pelo fundador em 23/10/2026 (Estudo X, n.º 5): a cura entra como material do tratado da justiça; (g) segue aberta até o tratado.] (ae) O cânon tem só o templo, ou também a prisão — admite que o corpo possa esconder a luz (4.5)? As causas que o Tratado nomeia para o encobrimento são "medo", "hábito" e "adaptação às expectativas alheias", e o corpo não está entre elas. [Decidida pelo fundador em 23/10/2026 (Estudo X, n.º 6): só templo; o corpo não encobre a luz.] (k) O mal estrutural espera Marx e não foi tratado aqui; o estudo não lhe pergunta nada a Platão (2.5, 2.9).

Das onze, seis pediam a palavra do fundador — (aa), (ab), (ac), (ad), (ae) e (af) —, porque são perguntas que a leitura de Platão faz diretamente ao cânon; a fórmula de 7.2 dependia de (ab) e tinha (aa) por corolário. As seis receberam resposta em 23 de outubro de 2026 (Prólogo, "Decisões do fundador", n.º 2 a 7). Três herdadas iam dentro delas: (h) respondida em (aa), (i) respondida em (af); (g) continua aberta até o tratado da justiça, onde a cura de Platão entra como material (7.4). Ficam como estavam (j) e (k).

Três registros não eram de doutrina e o estudo os fez à parte. O fundador decidiu sobre eles em 23 de outubro de 2026 (n.º 8 e 9): Sócrates entra na Ficha do Estudo II, que toca o estoicismo no exame noturno de Sêneca e no portar de Epicteto e não registrava o modelo que os dois tomam (5.1); o esvaziamento do Filho, que Agostinho diz não ter achado nos livros dos platônicos (*Confissões* VII, 9, 14; ver 5.2), não entra na revisão da Ficha do Estudo III; e o Estudo XII não recebe a pergunta sobre se Platão está por trás do "mestre interior" que o Tratado da Luz Interior ouve a propósito de Agostinho (5.2, 6.2).

7.4 O que Platão oferece

Platão não entra no cânon; oferece. À Regra de Vida oferece um precedente e um aviso. O precedente é o exame: a vida examinada como medida de uma vida que vale, e o cuidado da alma como ocupação primeira (*Apologia*, 29e, 38a; ver 2.2) [V-gr]; o cânon já tem o Examinar e a Revisão do rio, e o nome "vida examinada" é fato do Estudo IX, não pergunta (3.3). O aviso é o do giro: voltar a alma inteira, e não um pedaço (*República* VII, 518c; ver 2.6) [paráfrase], é o que a Mutatio, "pequena de propósito" (Catecismo, 16), não pede, e o estudo anota a diferença sem a resolver (4.2).

Ao tratado da justiça oferece uma peça que o fundador ainda não recebeu de ninguém: a pena como cura. "Medicina da maldade" (*Górgias*, 478d; ver 2.3) [V-gr], terapêutica nas *Leis* (IX, 860d, 862c; ver 2.9 e 4.4) [paráfrase], com um resto, os incuráveis, de quem o castigo só tira o exemplo (*Górgias*, 525b–c; ver 4.4) [paráfrase]. A decisão n.º 9 de 23 de outubro nomeou Ricoeur e Levinas como material do tratado; a cura de Platão fica ao lado, oferecida e não adotada. O princípio adotado na decisão n.º 8 de 19 de outubro, sobre Levinas — que justificar a dor do próximo é a fonte de toda imoralidade —, poderia servir de critério para a ler; o estudo o propõe como leitura, e o fundador diz se a decisão se estende (4.4) [leitura do estudo]. Oferece ainda, ao mesmo tratado, a distinção das *Leis* entre o dano e o estado da alma — a injustiça existe "quer cause dano, quer não" (*Leis* IX, 863e; ver 4.4) [V-gr] —, que o cânon não tem; se a fronteira da decisão n.º 10 de 23 de outubro, que passa pelo ato, deixa esse estado da alma fora do tratado, é pergunta do estudo [hipótese do estudo].

Às Fichas oferece o que o capítulo 5 anotou: Sócrates para a do Estudo II, que o fundador adotou, e o esvaziamento do Filho para a do Estudo III, que ele não tomou (7.3; Prólogo, "Decisões do fundador", n.º 8 e 9). E à série oferece o padrão: as casas recebem dele a forma e decidem o nome. Com isso o cânon tem, diante de Platão, o mesmo gesto que o Tratado da Luz Interior tem diante de Agostinho e Heráclito — ouvir "sem se filiar a nenhum de modo exclusivo" (Tratado da Luz Interior, "Fundamentação") —, e o estudo pergunta se esse gesto basta para a imagem do sol (questão (aa)).

7.5 A lamparina

Platão escreveu que ninguém pode pôr vista em olhos que não têm, e que educar é voltar a alma inteira para a luz (*República* VII, 518c–d; ver 2.6) [paráfrase]. A série aprendeu com ele que a luz que faz ver não é a vista nem o visível, e que o caminho até ela tem graus. Depois disse que o Bem está no alto, de que o sol é filho (*República* VI, 508b–c, 509b; ver 2.6) [paráfrase], e que a escada sobe de um belo corpo até o Belo em si (*Banquete*, 210a–211c; ver 2.7) [paráfrase]. O cânon tem a sua palavra, e ela é curta: a luz se revela. Se o fundador adotar a fórmula de 7.2, a lamparina posta no rio será o que não é o sol de ninguém nem um degrau de escada alguma: uma luz que alguém traz, dada antes de

qualquer subida, que o giro não produz e a descida não apaga, e que não se ordena com as outras, porque cada uma é intrínseca [leitura do estudo].

O que o rio faz com ela, e que nome tem o que está no alto, o cânon não disse e não dirá por ninguém. Platão deixa, na porta, a pergunta que o estudo entrega ao fundador: se a imagem do sol pode ser tomada como estrutura, a luz que faz ver, e o nome “Bem” ficar onde Platão o pôs, sem passar à Lux.

REFERÊNCIAS

A bibliografia distingue o que foi lido do que foi apenas nomeado. “Edição de consulta” é a edição em que uma passagem foi lida; “intermediário” é o leitor por cujas páginas uma passagem chegou ao estudo, quando a edição não foi aberta. O grego de Platão foi conferido no texto de Burnet (Oxford Classical Texts), lido na Perseus Digital Library, com o inglês do Loeb à vista. Nenhuma edição brasileira ou portuguesa dos diálogos foi aberta: o português publicado de Platão chegou em fragmentos, por quem o cita, e as páginas dessas edições valem como leitura de quem as cita; quando não há intermediário, a tradução é do estudo. Não se abriu nenhuma edição espanhola de Platão. O que falta completar leva a marca “[dado a completar]”; nada foi completado de memória, e as obras de intérpretes que o estudo só nomeia, sem abrir, levam a nota “não aberto”.

Platão — texto grego (Burnet, Oxford Classical Texts, via Perseus)

1. PLATÃO. *Platonis Opera*. Ed. John Burnet. Oxford: Clarendon Press (Oxford Classical Texts). Vol. I: *Crátilo* e *Teeteto* (1905); *Fédon* (1900, vol. I, a confirmar: o cabeçalho do arquivo não declara a edição). Vol. II: *Fedro* e *Banquete* (1910). Vol. III: *Protágoras*, *Górgias* e *Mênon* (1903). Vol. IV: *República* e *Timeu* (1905). Vol. V: *Leis* e *Cartas* (1914 em uma indicação da pesquisa de fontes do estudo, 1915 em outra). *Apologia*, *Críton*, *Alcibíades I*, *Cármides*, *Laques* e *Sofista*: [volume e ano a completar]. Os anos são os dos metadados dos arquivos, não conferidos na folha de rosto.
2. Perseus Digital Library (repositório PerseusDL/canonical-greekLit, obra tlg0059, edição perseus-grc2), arquivos TEI baixados em 23/10/2026. A numeração é a de Stephanus, com o livro na *República* e nas *Leis*; a numeração dentro de uma citação (por exemplo, [508c]) é a do arquivo.

Platão — tradução inglesa (Loeb, via Perseus)

1. PLATO. *The Republic*. Trad. Paul Shorey. Em *Plato in Twelve Volumes*, vols. 5–6. Cambridge, Mass.: Harvard University Press; London: Heinemann (Loeb Classical Library), 1935–1937.
2. PLATO. *Meno, Symposium, Alcibiades I, Charmides, Laches, Protagoras* e *Gorgias*. Trad. W. R. M. Lamb. Em *Plato in Twelve Volumes* (Loeb). *Protágoras*: vol. 2, 1924; *Górgias*: vol. 3, 1925; [volumes e anos dos demais a completar].
3. PLATO. *Apology, Crito, Phaedo, Phaedrus, Theaetetus, Sophist* e *Cratylus*. Trad. Harold North Fowler. Em *Plato in Twelve Volumes* (Loeb). *Apologia*: Cambridge, Mass.: Harvard University Press; London: Heinemann, 1914 (ficha do arquivo); *Fedro*: vol. 1, 1914; *Crátilo*: vol. 4, 1926; *Teeteto*: vol. 7, 1921; [volumes e anos dos demais a completar].

4. PLATO. *Timaeus*, *Laws* e *Epistles*. Trad. R. G. Bury. Em *Plato in Twelve Volumes* (Loeb). *Timeu*: vol. 9, 1929; *Leis*: vols. 10–11, 1926; *Cartas*: vol. 9, 1929. As datas das edições inglesas (1914–1937) vêm dos metadados da Perseus.

Platão — edições brasileiras e portuguesas (não abertas; citadas por intermediário)

1. PLATÃO. *A República*. Trad. Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian (2001; 2014; a 5.ª ed. é de 1987, segundo Motta, 2024). [Não aberta. Passagens de *República* VI, 509d–511b e VII, 516a por Corbani (2025, ed. 2014), Santos (2024, ed. 2001) e Cigognini (2012, ed. 2001); a mesma passagem de 511b–c aparece com duas grafias, “até àquilo” e “até aquilo”, no artigo de Corbani, e deve ser conferida na edição.]
2. PLATÃO. *A República*. Trad. Anna Lia Amaral de Almeida Prado. São Paulo: Martins Fontes, 2006. [Não aberta; só listada na bibliografia de Bolzani Filho (2022), cujos trechos, porém, têm o aspecto de tradução própria.]
3. PLATÃO. *Apologia de Sócrates*. Trad. André Malta. Porto Alegre: L&PM (2014 em J. W. da Silva, 2016; 2011 em E. J. Silva, 2023, com redação diferente de 38a). [Não aberta. Ver as Conferências pendentes.]
4. PLATÃO. *Teeteto*. Trad. Carlos Alberto Nunes. 3.ª ed. Belém: EDUFPA, 2001. — *Fédon*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Belém: UFPA, 2011. — *Timeu*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Belém: UFPA, 1977. [Não abertas. *Teeteto* 150c por J. B. da Silva (2017); *Fédon* 118a por Silveira, Mascia e Azeredo (2020); *Timeu* 37d por P. R. da Silva (2023).]
5. PLATÃO. *Mênon*. Trad. Maura Iglésias. São Paulo: Loyola; Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2001. [Não aberta. Passagens de 80d, 81c–d e 85d por Corbani (*Prometeus* 46, 2024).]
6. PLATÃO. *Fédon*. Trad. Jorge Paleikat e João Cruz Costa. São Paulo: Abril (Os Pensadores), 1972. [Não aberta. *Fédon* 65c por uma dissertação da UFMG, autoria a confirmar.] — *Fédon*. Trad. provável Maria Teresa Schiappa de Azevedo. Coimbra: Minerva, 2004 [a tradução é conjetura]. [Não aberta. *Fédon* 75d por T. R. Silva (2022).]
7. PLATÃO. *O Banquete*. Trad. José Cavalcante de Souza. São Paulo: Editora 34, 2016. [Não aberta. *Banquete* 210a–211c por Pamplona (2020).]
8. PLATÃO. *Fedro*. Trad. José Cavalcante de Souza, “O amor alado — Platão, *Fedro* 243e–257b”. *Letras Clássicas* 2 (1998), pp. 357–368. [Lido diretamente, em PDF; pode diferir da edição de 2016 (Editora 34). Páginas dos trechos citados não conferidas.]

Platão — edições espanholas

1. Nenhuma edição espanhola de Platão foi aberta. As leituras em espanhol do estudo são de intérpretes (Vigo, Bieda) e de Ricoeur (ver o Estudo IX).

A tradição — intérpretes, em ordem alfabética

1. ANNAS, Julia. *An Introduction to Plato's Republic*. Oxford: Clarendon Press, 1981. [Não aberta; tese e página a confirmar.] — Introdução a PLATÃO, *Alcibíades I*, trad. Celso Vieira. São Paulo: Penguin-Companhia, 2022, 296 p. [Não aberta; a posição de Annas sobre a autenticidade é tese a confirmar.]
2. BARROS, Igor Corrêa de. "O cuidado de si no diálogo *Alcibíades* de Platão: uma análise sob a perspectiva de Michel Foucault". *Primordium* 6/12 (2021), pp. 265–286. [Intermediário de Foucault, *A hermenêutica do sujeito*, pp. 46 e 71.]
3. BIEDA, Esteban. "¿Es la ἀκρασία posible en las *Leyes*? Derivas platónicas en torno a un problema socrático". *Revista de Filosofía* (Universidad Complutense) 43/2 (2018), pp. 183–200.
4. BOLZANI FILHO, Roberto. "Temperança e justiça na cidade e na alma". *Phoînix* 28/2 (2022), pp. 80–100. [Intermediário de *República* IV, 441e–442a e 443c–d; sem indicação de página da tradução usada.]
5. BRISSON, Luc. "La réminiscence dans le *Ménon* (80e–81e) et son arrière-plan religieux". Em SANTOS, José Trindade (org.), *Anamnese e saber*. Lisboa: Imprensa Nacional–Casa da Moeda, 1999. [Não aberto; título e coletânea por T. R. Silva (2022); tese a confirmar.]
6. CARVALHO, Patrick Martins de. *A tripartição da máscara de Sócrates e os exercícios espirituais em Pierre Hadot*. Dissertação, UnB, 2018. [Intermediário de Hadot, *Elogio de Sócrates*, pp. 19–22; lido por extrato (V-extr).]
7. CASERTANO, Giovanni. *Platone. Fedone, o dell'anima. Dramma etico in tre atti*. Napoli: Loffredo, 2015. [Não aberto; pp. 92–93, 360 e 469 por Cornelli (2024).]
8. CIGOGNINI [prenome a completar]. [Título, periódico e páginas a completar], 2012. [Intermediário da trad. de Rocha Pereira (2001), *República* VII, 516a, pp. 62–64.]
9. CORBANI [prenome a completar]. [Título a completar]. *Prometeus* 46 (2024). — [Título a completar]. *Sofia* 14/1 (2025). [Intermediário das trad. de Iglésias (*Mênon*) e de Rocha Pereira (*República*, Introdução, p. XVI, "Ensaio sobre o Bem", e trad. de 509d–511b); Kahn (1998, p. 311) também chega por Corbani (2024).]
10. CORNELLI, Gabriele. "A alma e as sobrancelhas de Gianni: Casertano lê o *Fédon*". *Archai* 34 (2024), e03425. [Lido integralmente.]

11. CORNFORD, Francis M. *The Republic of Plato*. Oxford, 1941. — *Plato's Cosmology*, 1937. [Títulos e anos de memória, a confirmar; não aberto; aparece na discussão da Linha Dividida em Santos (2024).]
12. DIXSAUT, Monique. *Platon: Phédon*. Paris: GF-Flammarion, 1991. [Não aberta; p. 43 por Cornelli (2024).]
13. ELGABSI, N. "Is There a Problem of Writing in Historiography? Plato and the *pharmakon* of the Written Word". *Metodo* 7/2 (2019), pp. 225–264. [Pista bibliográfica; não aberto.]
14. FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*. Trad. Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2006 (3.ª ed., 2010; as paginações podem divergir), p. 46. [Não aberta; por Barros (2021). A página é a conferir no original.]
15. FREDE, Dorothea; LEE, Mi-Kyoung. "Plato's Ethics: An Overview". *Stanford Encyclopedia of Philosophy*, 2023.
16. GRAHAM, Daniel W. "Heraclitus". *Stanford Encyclopedia of Philosophy*, rev. 2023.
17. GUTHRIE, W. K. C. *A History of Greek Philosophy*, vol. IV (1975) e vol. V (1978). Cambridge: Cambridge University Press. [Títulos de memória, a confirmar; não aberto.]
18. HADOT, Pierre. *Elogio de Sócrates*. Trad. Loraine Oliveira e Flávio Fontenelle Loque. São Paulo: Loyola, 2012, pp. 19–22. — *Exercícios espirituais e filosofia antiga*. Trad. Flávio Fontenelle Loque e Loraine Oliveira. São Paulo: É Realizações, 2014. [Não abertos; por Carvalho (2018).]
19. IGLÉSIAS, Maura. Introdução a PLATÃO, *Mênon* (ver o n.º 11), pp. 11–12. [Por Corbani (2024).]
20. JAEGER, Werner. *Paideia: a formação do homem grego*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. [Edição citada em T. R. Silva (2022); não aberta; capítulo e página a confirmar.]
21. KAHN, Charles H. *Plato and the Socratic Dialogue*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996 [Corbani, 2024, cita "1998"; o ano é a conferir]. [Não aberto.]
22. KRÄMER, Hans. "Epekeina tês ousías". [Dados a completar.] [Título conferido por intermediário; não aberto. A escola de Tübingen–Milão (Reale, Krämer, Gaiser, Szlezák) chega só por Valverde (2015).]
23. KRAUT, Richard. "Plato". *Stanford Encyclopedia of Philosophy*, rev. 2026 (24/04/2026). [Também fonte da biografia e da *Carta VII*.]

24. LAUTNER, Peter. Resenha de RENAUD, François; TARRANT, Harold, *The Platonic Alcibiades I: The Dialogue and Its Ancient Reception*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015, 292 p. *Bryn Mawr Classical Review* 2016.12.33. [Livro não aberto; resenha lida por extrato (V-extr).]
25. MORAES AUGUSTO, Maria das Graças de. “Politeía e utopia: o caso platônico”. *Kléos* 16/17 (2012–2013), pp. 103–150. [Não aberto; dado conferido pelo índice; prenome e forma de assinatura a confirmar.]
26. PAMPLONA [prenome a completar]. [Título e periódico a completar], 2020. [Intermediário da trad. de Cavalcante de Souza (Editora 34, 2016), *Banquete* 210a–211c.]
27. PERINE, Marcelo. *Platão não estava doente: ensaio sobre a doutrina platônica*. São Paulo: Loyola, 2014, pp. 11–12, 15–17, 241. [Não aberto; por Valverde (2015). Organizador de *Estudos Platônicos: sobre o ser e o aparecer, o belo e o bem*. São Paulo: Loyola, 2009.]
28. PIMENTA MARQUES, Marcelo. “Contra a teoria de dois mundos na filosofia de Platão (*República* V 476e–478e)”. Em CONTE; BAUSCHWITZ (orgs.), *O que é metafísica?*. Natal: UFRN, 2011, pp. 245–260. — “Aparecer e Imagem no livro VI da *República*”. Em PERINE (org.), *Estudos Platônicos* (n.º 42), 2009. [Não abertos; títulos conferidos por Santos (2024); tese a confirmar.]
29. QUIGLEY, Carroll. Resenha de JASPERS, Karl, *Os grandes filósofos*, vol. I, trad. Manheim, 1962. *The Washington Sunday Star*, 28/3/1962. [Intermediário de Jaspers.]
30. REALE, Giovanni. *Per una nuova interpretazione di Platone*. Milano: Vita e Pensiero. [Título de memória, a confirmar; ano e edição a completar; não aberto. A tese da escola de Tübingen–Milão chega por Valverde (2015).]
31. ROCHA PEREIRA, Maria Helena da. Introdução a PLATÃO, *A República* (n.º 7), p. XVI (“Ensaio sobre o Bem”). [Por Corbani (2025). Sua posição sobre a *Carta VII* é remetida por Corbani, nota 2: tese a confirmar.]
32. ŠAJDA, Peter. [Título a completar]. *Filozofia* 80/4 (2025), pp. 574–587 (acesso aberto). [Intermediário de Buber; as passagens citadas estão entre as pp. 575 e 580, página exata a confirmar.]
33. SANTOS, G. V. dos. [Título a completar]. *Educação e Filosofia* 38 (2024). [Intermediário de Rocha Pereira (ed. 2001) na Linha Dividida, *República* VI, 509d–511b; usa Pimenta Marques.]
34. SANTOS, José Trindade. *Para ler Platão*, tomo III. São Paulo: Loyola, 2009, p. 78. — “O tempo na narrativa platônica da criação: o *Timeu*”. *Hypnos* 12/18 (2007), pp. 42–55. [Não abertos; por T. R. Silva (2022) e P. R. da Silva (2023); a tese não foi

reproduzida. Organizador de *Anamnese e saber* (n.º 20). O sobrenome aparece como “Santos” ou “Trindade Santos”; a posição sobre a *Carta VII* é tese a confirmar.]

35. SILVA, Everton de Jesus. “A felicidade como cuidado de si e do outro na *Apologia de Sócrates*”. *Agon* 3/8 (2023). [Lido por extrato (V-extr); intermediário de Malta (L&PM, 2011, p. 102).]
36. SILVA, Janaina Barbosa da. *A maiêutica socrática no Teeteto de Platão*. TCC, UEPB, 2017. [Lido por extrato (V-extr); intermediário de Nunes, *Teeteto* 150c.]
37. SILVA, José Wilson da. “Vida, Morte e totalidade do tempo na *Apologia de Sócrates* de Platão”. *Revista de Estudos de Filosofia e História da Antiguidade* (Campinas) 30 (2016) (DOI 10.53000/cpa.v21i30.2680). [Lido por extrato (V-extr); intermediário de Malta (L&PM, 2014), *Apologia* 38a.]
38. SILVA, P. R. da [prenome a completar]. [Título e periódico a completar], 2023. [Intermediário de Nunes (UFPA, 1977), *Timeu* 37d.]
39. SILVA, T. R. [prenome a completar]. [Título e periódico a completar], 2022. [Intermediário de Schiappa de Azevedo, *Fédon* 75d (p. 97), de Brisson, de Jaeger (Martins Fontes, 2001), de Kahn (“Platão e a reminiscência”, em BENSON (org.), *Platão*. Porto Alegre: Artmed, 2011) e de Trindade Santos, *Para ler Platão* III.]
40. SILVEIRA, Carlos Roberto da; MASCIA, Márcia Aparecida Amador; AZEREDO, Luciana Aparecida Silva de. “Filosofia e Educação como ‘Modo de vida’: o cuidado de si, do outro e o agradecimento a Asclépio”. *Educação e Filosofia* 34/70 (2020), pp. 279–306. [Lido por extrato (V-extr); intermediário de Nunes, *Fédon* 118a.]
41. UTTERBACK, Sylvia Walsh. “Kierkegaard’s Inverse Dialectic”. *Kierkegaardiana* [volume e ano a completar]. [Intermediário de Kierkegaard, *O conceito de ironia*, que remete a *Samlede Værker* (1.ª ed.), vol. 1; a obra de Hong não foi aberta.]
42. VALVERDE [prenome a completar]. Resenha de PERINE, *Platão não estava doente*. *Aurora* 27/41 (2015), pp. 619–627.
43. VIGO, Alejandro G. “La conciencia errónea. De Sócrates a Tomás de Aquino”. *Signos Filosóficos* 29 (vol. XV) (2013), pp. 9–37. [Página a confirmar.]
44. VLASTOS, Gregory. “The Individual as an Object of Love in Plato”. Em *Platonic Studies*. Princeton: Princeton University Press, 1973. — *Socrates, Ironist and Moral Philosopher*. Ithaca: Cornell University Press; Cambridge: Cambridge University Press, 1991. — “The Socratic Elenchus”. *Oxford Studies in Ancient Philosophy* 1 (1983), pp. 27–58. [Não abertos; títulos de memória, a confirmar; a divisão cronológica dos diálogos lhe é atribuída pela *Stanford Encyclopedia* (Kraut).]
45. WONG, Kwok Kui. [Título e periódico a completar], 2011. [Lido no Estudo VII, 4.6; sobre Hegel e Laozi.]

46. ZHANG, Huaiyuan. “Desiring the Good for the Other…” [título completo a completar]. *Human Studies* 49 (2026), pp. 453–467 (acesso aberto). [Intermediário de Levinas, *Totalidade e Infinito*, p. 72.]

As casas e os autores que virão

1. SÊNECA. *Cartas a Lucílio* 6, 6 e 104, 27–28. Trad. R. M. Gummere. Loeb, 1917, via Wikisource. [Em inglês; latim não aberto; páginas do Loeb a confirmar.]
2. EPICTETO. *Diatribes* I, 9, 1. Trad. Long (Perseus). [Ano e prenome do tradutor a completar; em inglês.]
3. DIÓGENES LAÉRCIO. *Vidas* III.1–7, 18, 41, 46 (Perseus) e VII, 2–3 (Wikisource). Trad. R. D. Hicks. Loeb, 1925. [Em inglês; a numeração por parágrafo não foi conferida uma a uma. Fonte da biografia de Platão (429/428/427; 348/347).]
4. AGOSTINHO. *Confissões* VII, 9, 13–14; VII, 10, 16; VII, 20, 26. Latim: thelatinlibrary.com (edição de base não identificada); inglês: Pusey, via New Advent. — *Cidade de Deus* VIII, 5. Trad. Dods, via New Advent; latim não aberto. — *Confissões* III, 6, 11; VIII, 9; VIII, 12, 29; XI, 14, 17; XI, 20, 26; XI, 26, 33 [paráfrase; localização a confirmar].
5. JUSTINO. *Segunda Apologia* 13. *Ante-Nicene Fathers*, via New Advent (tradutor não conferido). — CLEMENTE DE ALEXANDRIA. *Stromata* I, 5. Mesma coleção.
6. HEGEL. *Lições sobre a história da filosofia*. Trad. Haldane e Simson, 1894, vol. 2, “Plato and the Platonists”, via marxists.org. [Em inglês, sem as páginas do alemão (*Werke* 19), a confirmar.]
7. KIERKEGAARD. *O conceito de ironia*. [Só por Utterback (n.º 56); a obra não foi aberta.]
8. JASPERS, Karl. *Os grandes filósofos*, vol. I, trad. Manheim, 1962. [Só pela resenha de Quigley (n.º 44).] — *Philosophie* (1932). [Por Ricoeur, *La mémoire, l’histoire, l’oubli*, p. 596; paráfrase; localização a confirmar.]
9. LEVINAS, Emmanuel. *Totalidade e Infinito*. Trad. Lingis, pp. 72 (por Zhang, n.º 61), 102 e 218 (conforme o Estudo VIII, 4.6, notas 32–33). [Página a confirmar.]
10. RICOEUR, Paul. *Historia y verdad*. Trad. A. Ortiz García. Madrid: Ediciones Encuentro, 1990, 3.ª ed., p. 52. — *Tempo e narrativa* III. Trad. Roberto Leal Ferreira. Campinas: Papirus, 1997, p. 425. — *La mémoire, l’histoire, l’oubli*. Paris: Seuil, 2000, p. 596. [Dados conforme a bibliografia do Estudo IX; passagens conforme o Estudo IX, 1.3 e 5.1; páginas não reabertas.]
11. BUBER, Martin. *Eu e Tu*. Trad. R. G. Smith, 1958, p. 66. — “Die Lehre und die Tat” (1934), em *Werkausgabe* 8, p. 260. — “Falsche Propheten” (1940), em *Israel*

and the World, 1948, p. 114. — Conversa com R. M. Hutchins (1970), p. 67. — “Eine Feststellung” (1914). [Todos só por Šajda (n.º 47); “Die Lehre und die Tat” é citada também pela edição de 2005, e a obra a confirmar.]

12. ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco* I, 6; I, 7, 1097b–1098a; II, 1, 1103a–b (Bekker a confirmar). — *Da alma* II. — *Metafísica* I, 9. [Paráfrase; localização a confirmar.]
13. ARENDT, Hannah. “Thinking and Moral Considerations” (1971). — *A vida do espírito*. — *Eichmann em Jerusalém*. — *A condição humana*. [Paráfrase; localização a confirmar; por intermédio do Estudo VII, 5.4 e do Estudo IX, 5.4.]
14. MARCEL, Gabriel. *Ser e ter* (1935). [Paráfrase; localização a confirmar.]
15. TAYLOR, Charles. “The Politics of Recognition”. Em GUTMANN, Amy (org.), *Multiculturalism*. Princeton: Princeton University Press, 1994, p. 41 [por intermédio do Estudo VII, 3.1]. — *Sources of the Self*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1989 [paráfrase; localização a confirmar].

O cânon e os escritos

1. *Cânon do Lumen Fluens*, v1.2 (texto publicado), citado por seção: “Os Quatro Pilares” (I a IV), “Origem”, “A Vigília”, “O Abrigo”, “As Águas Comuns”, “A Bússola”, “Independência confessional”, “Tom e estilo” (Parte II).
2. *Tratado da Luz Interior*, por seção (“Definição”, “Fundamentação”, “Objeção provável e resposta breve”).
3. *Tratado da Vigília*, por seção (“Definição”).
4. *Tratado das Águas Comuns*, por seção (“Definição”, “Fundamentação”).
5. *Disputatio: A luz interior é compatível com a experiência do mal?*, por parte (2, “Sed contra”).
6. *Catecismo*, pelo número da pergunta (1, 16).
7. *Meditações Práticas*, pelo título da meditação (“O Examinar da noite”, “O Acender da manhã”).
8. *Estudo Comparado VII: Lumen Fluens e Hegel*, versão integral, por seção.
9. *Estudo Comparado VIII: Lumen Fluens e Levinas*, versão integral, por seção.
10. *Estudo Comparado IX: Lumen Fluens e Ricoeur*, versão integral, por seção.
11. *Decisões do fundador*, 17 de outubro de 2026, n.º 1 a 7, numeradas como no Prólogo do Estudo VII.
12. *Decisões do fundador*, 19 de outubro de 2026, n.º 1 a 12, numeradas como no Prólogo do Estudo VIII.
13. *Decisões do fundador*, 23 de outubro de 2026, n.º 1 a 13, numeradas como no Prólogo do Estudo IX.

14. Fichas dos Estudos I a VII (resumos de estudo, não cânon), nas versões publicadas.

APÊNDICE A — FONTES CITADAS, POR CAPÍTULO

Nos apêndices, as seções são numeradas como na edição de leitura (Prólogo e capítulos 1 a 6); nesta edição, some-se 1 ao número do capítulo (1.8 da edição de leitura = 2.8 desta).

Prólogo

Platão

1. Prólogo · *República* VII, 518d, ed. Burnet (Perseus) · “produzir o ver” · «ἐμποιῆσαι αὐτῷ τὸ ὁρᾶν» · [V-gr; V-en; tradução do estudo] (ver 1.6)
2. Prólogo · *República* VII, 518b–c · a força de aprender · [V-gr; V-en] [paráfrase] (ver 1.6, 3.2)
3. Prólogo · *Apologia*, 38a · “não examinada” · «ἀνεξέταστος βίος» · [V-gr; V-en; tradução do estudo] (ver 1.2)
4. Prólogo · *República* VI, 507d–e · “terceiro gênero” · «γένος τρίτον» · [V-gr; V-en; tradução do estudo] (ver 1.6)
5. Prólogo · *República* VI, 508b–c · “filho” · «ἔκγονον» · [V-gr; V-en; tradução do estudo] (ver 1.6, 3.1)
6. Prólogo · *República* VI, 509b · “mais além da essência” · «ἔτι ἐπέκεινα τῆς οὐσίας» · [V-gr; V-en; tradução do estudo] (ver 1.6)
7. Prólogo · *República* VII, 515c; 516a · “de repente” · «ἐξαίφνης» · [V-gr; V-en; tradução do estudo] (ver 1.6)
8. Prólogo · *Banquete*, 210e · “de repente” · «ἐξαίφνης» · [V-gr; V-en; tradução do estudo] (ver 1.7)

O cânon e os escritos

1. Prólogo · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I, “Princípio” · “A luz não se acende — ela se revela”
2. Prólogo · Tratado da Luz Interior, “Fundamentação” · “cada luz é intrínseca — não relativa, não comparativa, não sujeita a ranking”
3. Prólogo · Cânon v1.2, “Origem” · “O eterno dança no tempo”
4. Prólogo · Decisões do fundador de 23 de outubro de 2026, n.º 11 · a ordem dos clássicos
5. Prólogo · Estudo IX, 5.1 · a prévia de Platão · [leitura do estudo]

Capítulo 1 — Platão em sua melhor forma

Platão

1. 1.1 · *Fédon*, 59b; *Carta VII*, 324a, ed. Burnet (Oxford Classical Texts) · “estava doente”; “quarenta anos” · «ἠσθένει»; «ἔτη τετταράκοντα» · [V-gr; V-en]; *Carta VII* [autenticidade disputada]
2. 1.2 · *Apologia*, 21a; 21d · “mais sábio”; “julgo saber” · «μηδένα σοφώτερον»; «οὐδὲ οἴομαι εἰδέναι» · [V-gr; V-en; tradução do estudo]

3. 1.2 · *Apologia*, 29e; 38a · “da tua alma”; “não examinada” · «τῆς ψυχῆς ὅπως ὡς βελτίστη»; «ἀνεξέταστος βίος» · [V-gr; V-en; tradução do estudo]; 29e, os três verbos [paráfrase]
4. 1.2 · *Apologia*, 38a, trad. André Malta (Porto Alegre: L&PM, 2014) · “não vale a pena” · «οὐ βιωτός» · [V-pt via secundária: J. W. da Silva, 2016]
5. 1.2 · *Críton*, 48b; *Apologia*, 31d · “viver bem”; “nunca me impele” · «τὸ εὖ ζῆν»; «προτρέπει δὲ οὔποτε» · [V-gr; V-en; tradução do estudo]; *Apologia*, 40a–b, e *Teeteto*, 151a [paráfrase]
6. 1.2 · *Alcibíades I*, 130e; 133a · “conhecer a alma”; “a si mesmo” · «ψυχὴν … γνωρίσαι»; «αὐτὸν ἴδοι» · [V-gr; V-en; tradução do estudo; autenticidade disputada]; 130c [paráfrase]
7. 1.2 · *Sofista*, 230d · “purificações” · «καθάρσεων» · [V-gr; V-en; tradução do estudo]; *Cármides*, 164d–165a, e *Laques*, 187e–188a [paráfrase]
8. 1.2 · *Teeteto*, 150c, trad. C. A. Nunes (Belém: EDUFPA, 3.ª ed., 2001) · “estéril” · «ἄγονός εἰμι σοφίας» · [V-pt via secundária: J. B. da Silva, 2017]
9. 1.2 · *Fédon*, 118a, trad. C. A. Nunes (Belém: UFPA, 2011) · “um galo” · «ἀλεκτρυόνα» · [V-pt via secundária: Silveira, Mascia e Azeredo, 2020]
10. 1.3 · *Protágoras*, 345d–e; 352c; 357e; 358a–b; 358c–d · “involuntariamente”; “governar”; “maior ignorância”; “agradável é bom”; “julga ser mau” · «ἄκοντες»; «ἄρχειν»; «ἀμαθία»; «τὸ ἡδὺ ἀγαθόν»; «οἴεται κακά» · [V-gr; V-en; tradução do estudo]
11. 1.3 · *Górgias*, 469b; 469c; 477a; 478d; 480a–c · “maior dos males”; “sofrê-la”; “coisas boas”; “medicina”; “acusar” · «μέγιστον τῶν κακῶν»; «ἀδικεῖσθαι»; «ἀγαθὰ πάσχει»; «ἰατρικὴ»; «κατηγορεῖν» · [V-gr; V-en; tradução do estudo]
12. 1.3 · *Górgias*, 509d–e; 509e; 525b–c; 527b · “arte (*techne*)”; “querendo”; “exemplo”; “pagar a pena” · «τέχνην»; «βουλόμενον»; «παραδείγματι»; «κολαστέος» · [V-gr; V-en; tradução do estudo]; 523a [paráfrase]
13. 1.4 · *Mênon*, 80d; 81c; 81d; 85d, trad. Maura Iglésias (São Paulo: Loyola, 2001) · “uma rememoração” · «ἀνάμνησις» · [V-pt via secundária: Corbani, *Prometeus* 46, 2024]; 82e–84c, 86b–c [paráfrase]
14. 1.4 · *Fédon*, 75d, trad. a confirmar (provável Schiappa de Azevedo, Coimbra: Minerva, 2004) · “segurar […] conhecimento” · «ἐπιστήμην ἔχειν» · [V-pt via secundária: T. R. Silva, 2022]
15. 1.4 · *Fédon*, 65c, trad. Paleikat e Cruz Costa (Os Pensadores, 1972) · “raciocina melhor” · «κάλλιστα» · [V-pt via secundária: dissertação da UFMG, autoria a confirmar]
16. 1.4 · *Fédon*, 79d · “cessa seu errar” · o grego do trecho não foi conferido · [V-en; tradução do estudo]
17. 1.4 · *Fédon*, 67d–e · “libertação e separação” · «λύσις καὶ χωρισμός» · [V-gr; V-en; tradução do estudo]; 64a, 66b–c, 82e–83a [paráfrase]
18. 1.5 · *República* IV, 441e–442a; 443c–d · “cuida da alma toda”; “íntimo” · «προμήθειαν»; «τὴν ἐντός» · [V-pt via secundária: Bolzani Filho, *Phoînix* 28(2), 2022; os trechos têm o aspecto de tradução própria]; 435b, 436b, 439d, 443e, 444b, 444d–e [paráfrase]
19. 1.5 · *República* IV, 443d–e; IX, 589a–b · “um só”; “lavrador” · «ἕνα … ἐκ πολλῶν»; «γεωργός» · [V-gr; V-en; tradução do estudo]
20. 1.5 · *Fedro*, 246a, trad. J. Cavalcante de Souza, *Letras Clássicas* 2 (1998) · “alado jugo” · «ὑποπτέρου ζεύγους» · [V-pt; página a confirmar]
21. 1.6 · *República* VI, 505d–e; 507d–e · “alma persegue”; “terceiro gênero” · «διώκει μὲν ἅπασα ψυχή»; «γένος τρίτον» · [V-gr; V-en; tradução do estudo]; 506d–e, 507e, 508b–c,

508e–509a, 509c [paráfrase]

22. 1.6 · *República* VI, 509b · “mais além (*epekeina*)” · «ἔτι ἐπέκεινα τῆς οὐσίας» · [V-gr; V-en; tradução do estudo]
23. 1.6 · *República* VI, 509d; 510b; 511b, trad. Rocha Pereira (Lisboa: Gulbenkian, 2001; 2014) · “partes desiguais”; “pontos de apoio” · «δίχα»; «ἐπιβάσεις» · [V-pt via secundária: Santos, 2024; Corbani, *Sofia* 14(1), 2025]
24. 1.6 · *República* VII, 514a, 515a; 517b · “como nós”; “Deus sabe” · «ὁμοίους ἡμῖν»; «θεὸς … οἶδεν» · [V-gr; V-en; tradução do estudo]; 515c, 516a, 516b, 517b–c, 518b–c, 518e–519a [paráfrase]
25. 1.6 · *República* VII, 518d · “produzir o ver” · «ἐμποιῆσαι αὐτῷ τὸ ὁρᾶν» · [V-gr; V-en; tradução do estudo]
26. 1.6 · *República* VII, 520c · “em vigília” · «ὕπαρ … οὐκ ὄναρ» · [V-gr; V-en; tradução do estudo]; 519c–d, 519e–520a [V-gr; V-en; paráfrase]; 519d, objeção de Glauco [V-en; paráfrase]
27. 1.7 · *Banquete*, 206b · “segundo o corpo” · «κατὰ τὸ σῶμα» · [V-gr; V-en; tradução do estudo]; 202d–e, 204a–b, 211a, 211d [paráfrase]
28. 1.7 · *Banquete*, 210a–211c; 210e–211b, trad. J. Cavalcante de Souza (São Paulo: Editora 34, 2016) · “súbito perceberá” · «ἐξαίφνης κατόψεταί» · [V-pt via secundária: Pamplona, 2020]
29. 1.7 · *Fedro*, 247c; 249c; 249d, trad. Cavalcante de Souza (1998) · “sem cor”; “reminiscência” · «ἀχρώματος»; «ἀνάμνησις» · [V-pt; página a confirmar]
30. 1.8 · *Timeu*, 37d–e, trad. C. A. Nunes (Belém: UFPA, 1977) · “imagem móbil” · «κινητόν τινα … εἰκόνα» · [V-pt via secundária: P. R. da Silva, 2023]
31. 1.8 · *Timeu*, 48a; *Crátilo*, 402a · “persuadindo-a”; “no mesmo rio” · «τῷ πείθειν»; «πάντα χωρεῖ» · [V-gr; V-en; tradução do estudo]; *Timeu*, 47e–48a [paráfrase]
32. 1.8 · *Teeteto*, 152e; 183a–b · “sempre vem a ser”; “não têm palavras” · «ἀεὶ δὲ γίγνεται»; «οὐδὲ … κινοῖτο» · [V-gr; V-en; tradução do estudo]
33. 1.8 · *Crátilo*, 400c · “túmulo” · «σῆμα» · [V-gr; V-en; tradução do estudo]; *Górgias*, 493a; *Timeu*, 88b, 87c–d, 90a–d [paráfrase]
34. 1.9 · *República* II, 357a–b; 379b; 379c; 380b · “de verdade”; “sem culpa”; “não o deus”; “permitir” · «πεῖσαι»; «ἀναίτιον»; «οὐ τὸν θεόν»; «ἐατέον» · [V-gr; V-en; tradução do estudo]
35. 1.9 · *República* X, 617e; 619b–c · “o deus é inocente”; “os *daimones*” · «θεὸς ἀναίτιος»; «δαίμονας» · [V-gr; V-en; tradução do estudo]; 621a–c [paráfrase; leitura parcial do mito]
36. 1.9 · *Leis* IX, 860d; 862c; 862e · “contra a vontade”; “curar”; “melhor viver” · «ἄκοντες»; «ἰᾶσθαι»; «ζῆν ἄμεινον» · [V-gr; V-en; tradução do estudo]; 863b–e [paráfrase]
37. 1.9 · *Leis* X, 896e · “a benfeitora” · «εὐεργέτιδος» · [V-gr; V-en; tradução do estudo]; 898c, 899b [paráfrase]
38. 1.10 · *Fedro*, 275a–b; 275d–e; 276a · “remédio (*pharmakon*)”; “calam-se”; “vivo” · «φάρμακον»; «σιγᾷ»; «ζῶντα» · [V-gr; V-en; tradução do estudo]; 276e–277a [paráfrase]
39. 1.10 · *Górgias*, 523a · “julgarás mito” · «ἡγήσῃ μῦθον» · [V-gr; V-en; tradução do estudo]; *Timeu*, 37c [paráfrase]

A tradição

1. 1.1 · Diógenes Laércio, *Vidas* III.1–7, 41, trad. Hicks (Loeb/Perseus) · “88.ª Olimpíada” · [V-en]
2. 1.1 · *Stanford Encyclopedia of Philosophy*, “Plato” (R. Kraut), rev. 2026 · “429?–347” · [V-en]
3. 1.1, 1.10 · Marcelo Perine, *Platão não estava doente* (São Paulo: Loyola, 2014), na resenha de Valverde, *Aurora* 27(41), 2015 · [V via secundária]
4. 1.2 · Peter Lautner, resenha de Renaud e Tarrant, *The Platonic Alcibiades I* (2015), *Bryn Mawr Classical Review* 2016.12.33 · [V-extr]
5. 1.2 · Michel Foucault, *A hermenêutica do sujeito* (São Paulo: Martins Fontes, 2006), p. 46 · “cuidado de si” · [V-pt via secundária: I. C. de Barros, *Primordium* 6(12), 2021; página a confirmar]
6. 1.2 · Vlastos; Hadot; Jaeger · [tese a confirmar; obras e páginas a confirmar]
7. 1.2 · Silveira, Mascia e Azeredo, *Educação e Filosofia* 34(70), 2020 · [V-extr]
8. 1.3 · Alejandro G. Vigo, “La conciencia errónea”, *Signos Filosóficos* 29, 2013 · [V-es; página a confirmar]
9. 1.3 · Frede e Lee, “Plato’s Ethics: An Overview”, *Stanford Encyclopedia of Philosophy*, 2023 · [V-en; paráfrase]
10. 1.4 · Gabriele Cornelli, “A alma e as sobrancelhas de Gianni”, *Archai* 34 (2024) · “terceira via” · [V-pt]
11. 1.5, 1.6 · Julia Annas, *An Introduction to Plato’s Republic* (Oxford, 1981) · [tese a confirmar; página a confirmar]
12. 1.6 · Maria Helena da Rocha Pereira, Introdução à *República*, p. XVI · “Ensaio sobre o Bem” · [V-pt via secundária: Corbani, 2025]
13. 1.6, 1.10 · Escola de Tübingen–Milão (Reale, Krämer) · [tese a confirmar; via Valverde, 2015]
14. 1.7 · Gregory Vlastos, “The Individual as an Object of Love in Plato”, em *Platonic Studies* (Princeton, 1973) · [tese a confirmar; página a confirmar]
15. 1.8 · Daniel W. Graham, “Heraclitus”, *Stanford Encyclopedia of Philosophy*, 2023 · [V-en; paráfrase]
16. 1.9 · Esteban Bieda, “¿Es la ἀκρασία posible en las Leyes?”, *Revista de Filosofía* 43(2), 2018 · [V-es; paráfrase]
17. 1.10 · Richard Kraut, “Plato”, *Stanford Encyclopedia of Philosophy*, sobre a *Carta VII* · [V via secundária]

O cânon e os escritos

1. Abertura · Decisões do fundador, 23/10/2026, n.º 11, “A ordem dos clássicos”
2. 1.11 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I, “Princípio”; “A Bússola”; IV, “Princípio”
3. 1.11 · Tratado da Luz Interior, “Fundamentação”; Tratado das Águas Comuns, “Fundamentação”
4. 1.11 · Tratado da Vigília, “Definição”; decisões do fundador, 17/10/2026, n.º 5
5. 1.11 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, III, “Prática”; Catecismo, 16 · “para manter a alma flexível”

6. 1.11 · Cânon v1.2, “Origem” · “viver bem”; Disputatio, 2, “Sed contra” · “privação do bem”
7. 1.11 · Estudo VII, 3.4 · “bens” · [leitura do estudo]

Capítulo 2 — Onde nos tocamos

Platão

1. 2.1 · *República* VI, 506d–e · [V-gr; V-en; paráfrase]
2. 2.1 · *República* VI, 507d–e · Burnet (Oxford Classical Texts); Shorey (Loeb) · “terceiro gênero” · «γένος τρίτον» · [V-gr; V-en; tradução do estudo]
3. 2.1 · *República* VI, 507e · [V-gr; V-en; paráfrase]
4. 2.1 · *República* VI, 508b–c · [V-gr; V-en; paráfrase]
5. 2.1 · *República* VI, 508e · [V-gr; V-en; paráfrase]
6. 2.1 · *República* VI, 509b · Burnet; Shorey · “mais além da essência” · «ἔτι ἐπέκεινα τῆς οὐσίας» · [V-gr; V-en; tradução do estudo]
7. 2.2 · *República* VII, 518b–c · [V-gr; V-en; paráfrase]
8. 2.2 · *República* VII, 518d · [V-gr; V-en; paráfrase]
9. 2.2 · *República* VII, 518e–519a · [V-gr; V-en; paráfrase]
10. 2.2 · *República* VII, 516a · [V-gr; V-en; paráfrase]
11. 2.2 · *Mênon* 81c–d · [V-gr; V-en; paráfrase]
12. 2.3 · *Apologia*, 38a · Burnet; Fowler (Loeb) · “não examinada” · «ἀνεξέταστος βίος» · [V-gr; V-en; tradução do estudo]
13. 2.3 · *Apologia*, 30a–b · [V-gr; V-en; paráfrase]
14. 2.3 · *Apologia*, 29e · [V-gr; V-en; paráfrase]
15. 2.3 · *Laques* 187e–188a · [V-gr; V-en; paráfrase]
16. 2.3 · *Alcibíades I* 133a [autenticidade disputada] · Burnet; Lamb (Loeb) · “O olho, portanto, que contempla um olho e olha para o que há de melhor nele, aquilo com que vê, assim se verá a si mesmo” · «ὀφθαλμὸς ἄρα ὀφθαλμὸν θεώμενος, καὶ ἐμβλέπων εἰς τοῦτο ὅπερ βέλτιστον αὐτοῦ καὶ ᾧ ὁρᾷ, οὕτως ἂν αὐτὸν ἴδοι» · [V-gr; V-en; tradução do estudo]
17. 2.4 · *Apologia*, 31d · Burnet; Fowler · “nunca me impele” · «προτρέπει δὲ οὔποτε» · [V-gr; V-en; tradução do estudo]
18. 2.4 · *Apologia*, 40a–b · [V-gr; V-en; paráfrase]
19. 2.4 · *Teeteto* 151a · [V-gr; V-en; paráfrase]
20. 2.5 · *República* IV, 435b–c · [V-gr; V-en; paráfrase]
21. 2.5 · *República* IV, 439d · [V-gr; V-en; paráfrase]
22. 2.5 · *República* IV, 441e · [V-gr; V-en; paráfrase]
23. 2.5 · *República* IV, 443c–d · R. Bolzani Filho, “Temperança e justiça na cidade e na alma”, *Phoînix* 28(2), 2022, pp. 80–100 · “à ação que se dá em seu íntimo” · «ἀλλὰ περὶ τὴν ἐντός» · [V-pt via secundária: Bolzani Filho, 2022]
24. 2.5 · *República* IV, 443d–e · Burnet; Shorey · “um só a partir de muitos” · «ἕνα γενόμενον ἐκ πολλῶν» · [V-gr; V-en; tradução do estudo]
25. 2.5 · *República* IV, 444b · [V-gr; V-en; paráfrase]
26. 2.6 · *República* VII, 519c–d · [V-gr; V-en; paráfrase]

27. 2.6 · *República* VII, 519d · Shorey · “Quer dizer que vamos fazer-lhes esta injustiça, obrigá-los a viver pior quando podem viver melhor?” · o grego do trecho não foi conferido · [V-en; tradução do estudo]
28. 2.6 · *República* VII, 520c · Burnet; Shorey · “em vigília, e não em sonho” · «ὕπαρ ἀλλ’ οὐκ ὄναρ» · [V-gr; V-en; tradução do estudo]
29. 2.7 · *República* II, 379b · [V-gr; V-en; paráfrase]
30. 2.7 · *República* II, 380b · [V-gr; V-en; paráfrase]
31. 2.7 · *República* X, 617e · Burnet; Shorey · “o deus é inocente” · «θεὸς ἀναίτιος» · [V-gr; V-en; tradução do estudo]
32. 2.7 · *República* X, 619c · [V-gr; V-en; paráfrase]
33. 2.7 · *Leis* X, 896e · Burnet; Bury (Loeb) · “duas” · «δυοῖν μέν γέ που ἔλαττον μηδὲν τιθῶμεν» · [V-gr; V-en; tradução do estudo]
34. 2.7 · *República* X, 621b–c · [V-gr; V-en; paráfrase]
35. 2.7 · *Timeu* 47e–48a · [V-gr; V-en; paráfrase]

A tradição

1. 2.2 · Luc Brisson, “La réminiscence dans le *Ménon* (80e–81e) et son arrière-plan religieux”, em J. Trindade Santos (org.), *Anamnese e saber* (Lisboa: INCM, 1999) · via T. R. Silva, 2022 · [tese a confirmar]
2. 2.3 · Pierre Hadot, *Elogio de Sócrates* (São Paulo: Loyola, 2012), pp. 19–22 · “atópica” · [V-extr, via P. M. de Carvalho, dissertação UnB, 2018]
3. 2.4 · Martin Buber, “Falsche Propheten” (1940), em *Israel and the World* (1948), p. 114 · “ouviu ocasionalmente a voz do Daimonion, mas ela sempre lhe dizia apenas o que não devia fazer” · [V via secundária: Peter Šajda, *Filozofia* 80(4), 2025; tradução do estudo]
4. 2.5 · Julia Annas, *An Introduction to Plato's Republic* (Oxford: Clarendon, 1981) · [tese a confirmar; capítulo e páginas a confirmar]
5. 2.6 · Maria das Graças de Moraes Augusto, “Politeía e utopia: o caso platônico”, *Kléos* 16/17 (2012–2013), pp. 103–150 · [tese a confirmar; artigo não aberto]
6. 2.7 · Esteban Bieda, “¿Es la ἀκρασία posible en las Leyes?”, *Revista de Filosofía* (Complutense) 43(2), 2018, pp. 183–200 · [V-es]

O cânon e os escritos

1. 2.1 · Tratado da Luz Interior, “Definição” · “escolha filosófica precisa”; “ilumina sem se consumir no objeto iluminado”
2. 2.1 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I, “Princípio” · “A luz não se acende — ela se revela”
3. 2.1 · Tratado da Luz Interior, “Fundamentação” · “não é a origem […] mas a estrutura”
4. 2.1 · Decisões do fundador, 23/10/2026, n.º 6 · “ao lado da Luz sem nome, sem opor nem reduzir uma coisa à outra, e sem que isso seja nomear”
5. 2.2 · Tratado da Luz Interior, “Definição” · “Revelar supõe presença anterior a qualquer olhar — inclusive ao olhar de quem a possui”
6. 2.2 · Tratado da Luz Interior, “Fundamentação” · “o que se busca não está adiante, no futuro do mérito, mas dentro, anterior a toda busca”

7. 2.2 · Decisões do fundador, 23/10/2026, n.º 1 · “a luz é dada e se revela”
8. 2.2 · Decisões do fundador, 23/10/2026, n.º 2 · “A Lux é valor; a capacidade é poder. […] A Lux não se conquista; o esforço parte da luz”
9. 2.2 · Catecismo, 16 · “pequena de propósito”
10. 2.2 · Meditações Práticas, “A mudança deliberada da semana” · “não precisa ser mudança de vida”
11. 2.3 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I, “Prática” · “onde minha luz ficou escondida hoje? Onde brilhou? Cinco minutos bastam”
12. 2.3 · Cânon v1.2, “Regra de Vida”, “Ritmo diário” · “com gratidão a alguém do passado”
13. 2.3 · Meditações Práticas, “O Examinar da noite” · “em voz baixa ou numa frase escrita”
14. 2.3 · Tratado da Luz Interior, “Objeção provável e resposta breve” · “O exame diário não acende a luz nem a produz: revela onde ela ficou coberta e onde apareceu sem obstáculo”
15. 2.3 · Catecismo, 9 · “Como se cuida da luz no dia a dia?” — “Com o exame diário”
16. 2.3 · Cânon v1.2, “Regra de Vida”, “Ritmo de estação” · “o que mudou em mim, o que resisti em vão, o que entreguei bem”
17. 2.3 · Decisões do fundador, 23/10/2026, n.º 4 · “A pessoa e a história, em registros distintos”
18. 2.3 · Decisões do fundador, 17/10/2026, n.º 3 · “o olhar do outro não a fabrica, mas pode ser o primeiro a vê-la”
19. 2.3, 2.6 · Decisões do fundador, 19/10/2026, n.º 3 · “o Abrigo revela e nada exige”
20. 2.4 · Cânon v1.2, “A Bússola” · “a luz está lá? […] Se a resposta é não, não vou”; “apenas veta”
21. 2.4 · Catecismo, 24 · “A decisão é sempre de quem caminha”
22. 2.4 · Catecismo, 25 · “passa a viver o que não é”
23. 2.4 · Decisões do fundador, 23/10/2026, n.º 5 · “A voz do outro ‘em mim’ é a própria Luz”
24. 2.4 · Tratado da Luz Interior, “Fundamentação” · “mestre interior”
25. 2.5 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, III, “Prática” · “para manter a alma flexível”
26. 2.5 · Cânon v1.2, “A Vigília” · “deve-se justiça”
27. 2.5 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I, “Virtude” · “Integridade: coerência entre o que se é por dentro e o que se vive por fora”
28. 2.5 · Catecismo, 8 · “vive dividido”
29. 2.5 · Cânon v1.2, “A Bússola” · “Posso estar lá inteiro, sem me trair?”
30. 2.6 · Tratado das Águas Comuns, “Definição” · “de museu […]; guardada do vento, na margem; posta no rio”
31. 2.6 · Cânon v1.2, “As Águas Comuns” · “entregue às águas de todos”; “o retiro é discreto”; “devo ao rio o próprio fluxo”
32. 2.6 · Decisões do fundador, 19/10/2026, n.º 4 · “O Abrigo não vai até a substituição”
33. 2.6 · Decisões do fundador, 19/10/2026, n.º 5 · “de posição, não de valor”
34. 2.7 · Decisões do fundador, 17/10/2026, n.º 1 · “a recusa como teodiceia”
35. 2.7 · Tratado da Vigília, “Fundamentação” · “não lê a noite de cima nem do fim”; “nem adota nem combate”
36. 2.7 · Decisões do fundador, 17/10/2026, n.º 2 · “uma luz acesa dentro da noite, que não precisa do fim para valer”

37. 2.7 · Decisões do fundador, 19/10/2026, n.º 8 · “justificar a dor do próximo é a fonte de toda imoralidade”
38. 2.1, 2.2 · Estudo IX, 5.1 · a imagem como estrutura; a alma que se volta · [leitura do estudo]
39. 2.3 · Estudo IX, 2.2 · “vida examinada” como nome possível · [leitura do estudo]
40. 2.4 · Estudo IX, 3.3 · a injunção da consciência em Ricoeur · [leitura do estudo]
41. 2.6 · Estudo VII, 3.4 · a verificação do retiro pelo Examinar · [leitura do estudo]
42. 2.2 · Ficha do Estudo III · “sobre o depois do rio, silêncio respeitoso” · [Ficha, não cânon]
43. 2.7 · Ficha do Estudo VII · “a justiça é devida agora, não no desfecho” · [Ficha, não cânon]

Capítulo 3 — Onde nos separamos

Platão

1. 3.1 · *República* VI, 505d–506e (Burnet, Oxford Classical Texts; Shorey) · [paráfrase; V-gr; V-en]
2. 3.1 · *República* VI, 506d–e · [paráfrase; V-gr; V-en]
3. 3.1 · *República* VI, 507d–e (Burnet; Shorey) · “terceiro gênero” · «γένος τρίτον» · [V-gr; V-en; tradução do estudo]
4. 3.1 · *República* VI, 508b–c (Burnet; Shorey) · “filho” · «ἔκγονον» · [V-gr; V-en; tradução do estudo]
5. 3.1 · *República* VI, 509b (Burnet; Shorey) · “mais além da essência” · «ἔτι ἐπέκεινα τῆς οὐσίας» · [V-gr; V-en; tradução do estudo]
6. 3.2 · *República* VII, 516a (Rocha Pereira, Gulbenkian, 2001) · “precisava de se habituar, julgo eu, se quisesse ver o mundo superior” · «συνηθείας δὴ οἶμαι δέοιτ’ ἄν, εἰ μέλλοι τὰ ἄνω ὄψεσθαι» · [V-pt via secundária: Cigognini, 2012; V-gr]
7. 3.2 · *República* VII, 517b–c · [paráfrase; V-gr; V-en]
8. 3.2 · *República* VII, 518b–c · [paráfrase; V-gr; V-en]
9. 3.2 · *República* VII, 518d · [paráfrase; V-gr; V-en]
10. 3.2 · *República* VII, 518e–519a · [paráfrase; V-gr; V-en]
11. 3.3 · *Banquete* 210a–c · [paráfrase; V-gr; V-en]
12. 3.3 · *Banquete* 211c (Cavalcante de Souza, Editora 34, 2016) · “subir sempre, como que servindo-se de degraus” · [V-pt via secundária: Pamplona, 2020; o grego do trecho não foi conferido]
13. 3.3 · *Banquete* 210a e 210e–211b · [paráfrase; V-gr; V-en]
14. 3.3 · *Banquete* 204a · [paráfrase; V-gr; V-en]
15. 3.3 · *Banquete* 210a–211c · [paráfrase; V-gr; V-en]
16. 3.3 · *República* VI, 509d–511e · [paráfrase; V-gr; V-en]
17. 3.4 · *Protágoras* 345d–e · [paráfrase; V-gr]
18. 3.4 · *Protágoras* 357e (Burnet) · “a maior ignorância (*amathia*)” · «ἀμαθία ἡ μεγίστη» · [V-gr; tradução do estudo]
19. 3.4 · *Protágoras* 358a–b · [paráfrase; V-gr]
20. 3.4 · *Górgias* 509d–e (Burnet) · “preparar algum poder e alguma arte (*techne*)” · «δεῖ δύναμίν τινα καὶ τέχνην παρασκευάσασθαι» · [V-gr; tradução do estudo]

21. 3.4 · *Górgias* 478d (Burnet) · “medicina da maldade” · «ἰατρικὴ γίγνεται πονηρίας ἡ δίκη» · [V-gr; tradução do estudo]
22. 3.4 · *Górgias* 525b–c · [paráfrase; V-gr]
23. 3.4 · *Leis* IX, 860d e 862c · [paráfrase; V-gr]
24. 3.4 · *Leis* IX, 863e (Burnet) · “quer cause dano, quer não” · «ἐάντε τι βλάπτῃ καὶ ἐὰν μή» · [V-gr; tradução do estudo]
25. 3.4 · *Timeu* 47e–48a · [paráfrase; V-gr; V-en]
26. 3.4 · *República* II, 379b e X, 617e · [paráfrase; V-gr; V-en]
27. 3.4 · *Leis* X, 896e · [paráfrase; V-gr]
28. 3.5 · *Fédon* 64a, 65c, 66b–c e 82e–83a · [paráfrase; V-gr; V-en]
29. 3.5 · *Crátilo* 400c e *Górgias* 493a · [paráfrase; V-gr]
30. 3.5 · *Fedro* 250c (Cavalcante de Souza, 1998) · [paráfrase; V-pt: Cavalcante de Souza, 1998; página a confirmar]
31. 3.5 · *Timeu* 88b, 88a e 87c–d · [paráfrase; V-gr; V-en]
32. 3.6 · *Fédon* 78c · [paráfrase; V-gr; V-en]
33. 3.6 · *Fédon* 79d (Fowler) · “sempre o mesmo” · [V-en; tradução do estudo; o grego do trecho não foi conferido]
34. 3.6 · *Timeu* 37d (Nunes, UFPA, 1977) · “imagem móbil da eternidade” · «εἰκὼ … κινητόν τινα αἰῶνος» · [V-pt via secundária: P. R. da Silva, 2023; V-gr]
35. 3.6 · *Crátilo* 402a · [paráfrase; V-gr]
36. 3.6 · *Teeteto* 183a–b · [paráfrase; V-gr]
37. 3.6 · *República* X, 621a–b · [paráfrase; V-gr; V-en; leitura parcial do mito]
38. 3.7 · *República* V, 473c–d · [paráfrase; V-gr; V-en]
39. 3.7 · *República* VII, 519c–d · [paráfrase; V-gr; V-en]
40. 3.7 · *República* VII, 519e–520a · [paráfrase; V-gr; V-en]
41. 3.7 · *República* VII, 520c–d · [paráfrase; V-gr; V-en]
42. 3.7 · *Carta VII* 326a–b (Burnet; Bury) · a fórmula do rei-filósofo · [autenticidade disputada; paráfrase; V-gr; V-en]
43. 3.8 · *Apologia* 31c–d · [paráfrase; V-gr; V-en]
44. 3.8 · *Apologia* 40a–b · [paráfrase; V-gr; V-en]
45. 3.8 · *Apologia* 31d · [paráfrase; V-gr; V-en]
46. 3.8 · *Teeteto* 151a · [paráfrase; V-gr]
47. 3.8 · *Banquete* 202d–e · [paráfrase; V-gr; V-en]
48. 3.8 · *Timeu* 90a (Bury) · [paráfrase; V-en]
49. 3.8 · *Leis* X, 899b · [paráfrase; V-gr]
50. 3.8 · *Fedro* 246a · [paráfrase; V-gr; V-en]

A tradição

1. 3.3 · Gregory Vlastos, “The Individual as an Object of Love in Plato”, em *Platonic Studies* (Princeton, 1973) · o amor ama as propriedades, não a pessoa · [tese a confirmar; edição e página a confirmar]

2. 3.4 · Martin Buber, “Die Lehre und die Tat”, 1934, em Peter Šajda, 2025 (obra a confirmar) · “Não o homem mosaico” · [V via secundária: Šajda, 2025; tradução do estudo; página a confirmar]
3. 3.5 · Gabriele Cornelli, *Archai* 34 (2024), e03425, sobre Casertano · o *Fédon* não define a alma · [V-pt: Cornelli, 2024; paráfrase]
4. 3.6 · Daniel Graham, “Heraclitus”, *Stanford Encyclopedia of Philosophy*, rev. 2023 · o fragmento B12 · [V-en; paráfrase]
5. 3.7 · Hegel, *Lectures on the History of Philosophy*, trad. Haldane–Simson, 1894 · a liberdade subjetiva · [V-en via secundária: Haldane–Simson, 1894; paráfrase; página a confirmar]
6. 3.8 · Martin Buber, “Falsche Propheten”, 1940, em Šajda, 2025 · o sinal que só dizia o que não fazer · [V via secundária: Šajda, 2025; paráfrase; página a confirmar]

O cânon e os escritos

1. 3.1 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I, “Princípio” · “A luz não se acende — ela se revela.”
2. 3.1 e 3.3 · Tratado da Luz Interior, “Fundamentação” · “cada luz é intrínseca — não relativa, não comparativa, não sujeita a ranking”; a origem deixada em aberto; a estrutura
3. 3.1 · Tratado das Águas Comuns, “Definição” · “singular, e é por isso que há algo a entregar”
4. 3.1 · Cânon v1.2, “O Abrigo” · “não é só para ver — é para aquecer”
5. 3.1 · Decisões do fundador, 23/10/2026, n.º 6 · “pode ser lido ao lado da Luz sem nome”
6. 3.2 · Decisões do fundador, 23/10/2026, n.º 1 e n.º 2 · “a luz é dada e se revela”; “A Lux é valor; a capacidade é poder.”
7. 3.2 · Tratado da Luz Interior, “Objeção provável e resposta breve” · “plenamente presente e, ainda assim, encoberta”
8. 3.2 e 3.3 · Decisões do fundador, 19/10/2026, n.º 3 · o olhar do outro “apenas vê”
9. 3.2 · Catecismo, 16 · a Mutatio “pequena de propósito”
10. 3.3 · Decisões do fundador, 19/10/2026, n.º 5 · “assimétricas no Abrigo e recíprocas no rio”; “de posição, não de valor”
11. 3.3 · Catecismo, 6 · o recém-nascido
12. 3.3 · Decisões do fundador, 23/10/2026, n.º 8 · “os degraus da queixa”
13. 3.4 · Cânon v1.2, “A Vigília” · “A noite é o mal que ninguém causou […]”
14. 3.4 · Tratado da Vigília, “Definição”; Decisões do fundador, 17/10/2026, n.º 5 · “é lobo quem o inflige, com ou sem intenção; a irreflexão não é noite”
15. 3.4 · Decisões do fundador, 23/10/2026, n.º 10, n.º 3 e n.º 9 · a fronteira pelo ato; “depois da sanção e da reabilitação”; “material do tratado da justiça”
16. 3.4 · Tratado da Vigília, “Síntese” · a justiça devida ao lobo “não está formulada”
17. 3.4 · Disputatio, 3, “Respondeo” · a Regra da Misericórdia é reflexiva
18. 3.4 · Tratado da Vigília, “Fundamentação” · Boécio; “a Vigília não lê a noite de cima nem do fim”
19. 3.4 · Decisões do fundador, 19/10/2026, n.º 8 e n.º 6 · “justificar a dor do próximo”; “condição em Levinas, acontecimento no cânon”

20. 3.5 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, IV, “Princípio” e “Virtude” · “A transcendência passa pela matéria”; “estar inteiro onde o corpo está”
21. 3.5 · Disputatio, 2, “Sed contra” · “qualquer transcendência que seja fuga da matéria ferida”
22. 3.5 · Meditações Práticas, “A celebração maior” · “O templo também dança.”
23. 3.5 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, III, “Prática” · “para manter a alma flexível”
24. 3.5 · Disputatio, 3, “Respondeo” · “o dano é real”
25. 3.6 · Cânon v1.2, “Origem” · “luz interior atemporal”; “O eterno dança no tempo.”
26. 3.6 · Catecismo, 4 · a dança “sempre vindo a ser”
27. 3.7 · Tratado das Águas Comuns, “Fundamentação” · “não é programa político”
28. 3.7 · Tratado das Águas Comuns, “Definição” · “comunidade, sociedade ou coletivo”
29. 3.7 · Cânon v1.2, “As Águas Comuns” · “devo ao rio o próprio fluxo”; a lamparina; “Ninguém navega um rio privado”; “o retiro é discreto”
30. 3.7 · Decisões do fundador, 19/10/2026, n.º 4 · o Abrigo e a Bússola
31. 3.7 · Tratado das Águas Comuns, “Objeção provável e resposta breve” · “O que o rio dá é alcance”
32. 3.8 · Cânon v1.2, “Independência confessional” · “seja qual for o nome que cada um lhe dê”
33. 3.8 · Cânon v1.2, Parte II, “Tom e estilo” · “intocável”
34. 3.8 · Tratado das Águas Comuns, “Fundamentação” · “material, não doutrina”
35. 3.8 · Cânon v1.2, “A Bússola”; Catecismo, 24 · “apenas veta”
36. 3.8 · Disputatio, 4, “Ad secundum” · “gramática de quem escolhe caminho”
37. 3.8 · Tratado da Luz Interior, “Fundamentação” · o “mestre interior”, a propósito de Agostinho
38. 3.8 · Decisões do fundador, 23/10/2026, n.º 5 · “A voz do outro ‘em mim’ é a própria Luz”
39. 3.2 · Ficha do Estudo IV · “Revelar, não fabricar: a ignorância encobre” · [Ficha, não cânon]
40. 3.3 · Ficha do Estudo VII · “Sem escada de religiões” · [Ficha, não cânon]
41. 3.4 · Ficha do Estudo II · “involuntário” · [Ficha, não cânon]
42. 3.6 · Ficha do Estudo III · “silêncio respeitoso” · [Ficha, não cânon]
43. 3.1 · Estudo VII, 4.4 · “o cânon não decide qual luz, em outras casas, é a Luz” · [leitura do estudo]
44. 3.6 · Estudo VII, 2.2 · “têm, pois, o mesmo avô” · [leitura do estudo]

Capítulo 4 — Platão antes das casas que já visitamos

Platão

1. 4.5 · *República* VI, 509b; grego: Burnet, Oxford Classical Texts (Perseus); inglês: Shorey, Loeb · “mais além da essência” · «ἔτι ἐπέκεινα τῆς οὐσίας πρεσβείᾳ καὶ δυνάμει ὑπερέχοντος» · [V-gr; V-en; tradução do estudo]; trecho inteiro em 1.6
2. 4.7 · *Fédon*, 64a (Burnet; Fowler, Loeb) · [V-gr; V-en; paráfrase]

A tradição

1. 4.1 · Sêneca, *Cartas a Lucílio* 6, 6, trad. Gummere, Loeb, 1917, via Wikisource · “tiraram mais proveito do caráter que das palavras de Sócrates” · [V-en; tradução do estudo; páginas do Loeb a confirmar]
2. 4.1 · Sêneca, *Cartas* 104, 27–28, mesma edição · “Se desejas um modelo, toma Sócrates” · [V-en; tradução do estudo; latim não aberto]
3. 4.1 · Epicteto, *Diatribes* I, 9, 1, trad. Long (Perseus) · “cidadão do mundo” · [V-en; tradução do estudo]
4. 4.1 · Diógenes Laércio, *Vidas* VII, 3, trad. Hicks, Loeb, 1925, via Wikisource · “onde se encontrariam homens como Sócrates” · [V-en; tradução do estudo]
5. 4.2 · Agostinho, *Confissões* VII, 9, 13–14; latim: thelatinlibrary.com (edição de base não identificada); inglês: Pusey, via New Advent · “certos livros dos platônicos” · [V-lat; V-en; tradução do estudo]
6. 4.2 · *Confissões* VII, 9, 14, mesmas edições · [V-lat; V-en; paráfrase]
7. 4.2 · *Confissões* VII, 10, 16, mesma edição latina · “a luz imutável” · [V-lat; tradução do estudo]
8. 4.2 · *Confissões* VII, 20, 26, mesmas edições · “aquela caridade que edifica sobre o fundamento da humildade” · [V-lat; V-en; tradução do estudo]
9. 4.2 · Agostinho, *Cidade de Deus* VIII, 5, trad. Dods, via New Advent; latim não aberto · “ninguém chega mais perto de nós que os platônicos” · [V-en; tradução do estudo]
10. 4.2 · Justino, *Segunda Apologia* 13, *Ante-Nicene Fathers*, via New Advent (tradutor não conferido) · “não são em tudo semelhantes” · [V-en; tradução do estudo]
11. 4.2 · Clemente de Alexandria, *Stromata* I, 5, mesma coleção · “um pedagogo (*paidagogos*)” · [V-en; tradução do estudo]
12. 4.3 · Hegel, *Lições sobre a história da filosofia*, trad. Haldane e Simson, 1894, vol. 2, via marxists.org · “mestres do gênero humano”; “liberdade subjetiva” · [V-en via secundária: Haldane–Simson, 1894; tradução do estudo; páginas da edição alemã (*Werke* 19) a confirmar]
13. 4.3 · Diógenes Laércio, *Vidas* III, 7 e 41, trad. Hicks, Loeb (Perseus) · [V-en]
14. 4.3 · Kwok Kui Wong (2011), lido em Estudo VII, 4.6 · “na tradição socrática da definição” · [V via secundária: Wong, 2011]
15. 4.4 · Kierkegaard, *O conceito de ironia*, por Sylvia Walsh Utterback, “Kierkegaard’s Inverse Dialectic”, *Kierkegaardiana* (volume e ano a confirmar) · “dialética negativa” · [V-en via secundária: Utterback; tradução do estudo; página a confirmar]
16. 4.4 · Jaspers, *Os grandes filósofos*, vol. I, trad. Manheim, 1962, por Carroll Quigley, resenha em *The Washington Sunday Star*, 28/3/1962 · “os indivíduos paradigmáticos” · [V-en via secundária: Quigley, 1962; tradução do estudo]
17. 4.5 · Levinas, *Totalidade e Infinito*, trad. Lingis, p. 218, conforme Estudo VIII, 4.6 · [paráfrase; página a confirmar]
18. 4.5 · Levinas, mesma obra, p. 72, por Huaiyuan Zhang, *Human Studies* 49 (2026), pp. 453–467 · “reconhecer no Outro o meu mestre” · [V-en via secundária: Zhang, 2026; tradução do estudo]
19. 4.5 · Ricoeur, *História e verdade*, ed. espanhola, p. 52, conforme Estudo IX, 5.1 · “mediadora entre o fogo do olho e o fogo do objeto” · [V-es via secundária: Ricoeur, ed.

esp.; página não reaberta]

20. 4.5 · Ricoeur, *Tempo e narrativa* III, Papirus, 1997, p. 425, conforme Estudo IX, 1.3 · “o fruto de uma vida examinada” · [V-pt via secundária: Ricoeur, ed. pt.; página não reaberta]
21. 4.5 · N. Elgabsi, *Metodo* 7 (2), 2019, pp. 225–264 · pista bibliográfica, não aberta · [localização a confirmar]
22. 4.6 · Buber, *Eu e Tu*, trad. R. G. Smith, 1958, p. 66, por Peter Šajda, *Filozofia* 80 (4), 2025, pp. 574–587 · “o Eu do diálogo sem fim” · [V-en via secundária: Šajda, 2025; tradução do estudo; página exata a confirmar]
23. 4.6 · Buber, “Die Lehre und die Tat” (1934), *Werkausgabe* 8, p. 260, por Šajda · “socrático”; “mosaico” · [V-en via secundária: Šajda, 2025; tradução do estudo]; trecho inteiro em 3.4
24. 4.6 · Buber, “Falsche Propheten” (1940), em *Israel and the World*, 1948, p. 114, por Šajda · “ouviu ocasionalmente” · [V-en via secundária: Šajda, 2025; tradução do estudo]; trecho inteiro em 2.4
25. 4.6 · Buber, conversa com R. M. Hutchins (1970), p. 67, por Šajda · “Conheço pouquíssimos homens na história […]” · [V-en via secundária: Šajda, 2025; tradução do estudo]
26. 4.7 · Buber, “Eine Feststellung” (1914), por Šajda · [paráfrase; V-en via secundária: Šajda, 2025, pp. 574–587; página a confirmar]

O cânon e os escritos

1. 4.1 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I, “Prática” · “Exame diário ao fim do dia, em duas perguntas”
2. 4.1 · Meditações Práticas, “O Examinar da noite” · “Não é o exame de um juiz severo”; “em voz baixa ou numa frase escrita”
3. 4.1 · Cânon v1.2, “O Abrigo” e “As Águas Comuns” · “cidade” e “cidadão” não ocorrem
4. 4.2 · Tratado da Luz Interior, “Fundamentação” · “ensina antes de qualquer voz externa”
5. 4.2 e 4.7 · Cânon v1.2, “Independência confessional” · “A filosofia não decide isso por ninguém”; “a consciência mais funda”
6. 4.3 · Decisões do fundador, 17/10/2026, n.º 1 · “como método de crescimento doutrinal”
7. 4.3 e 4.6 · Tratado das Águas Comuns, “Fundamentação” · “não é programa político”; “Toma-se de Buber o encontro, não a precedência da relação”
8. 4.3 · Decisões do fundador, 23/10/2026, n.º 13 · “mediação aberta”
9. 4.4 e 4.6 · Cânon v1.2, “A Bússola” · “Se a resposta é não, não vou”; “apenas veta os que exigiriam apagar a luz para percorrê-los”
10. 4.4 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I, “Virtude” · “coerência entre o que se é por dentro e o que se vive por fora”
11. 4.4 · Cânon v1.2, “As Águas Comuns” · “o indivíduo define-se pelo que o separa”
12. 4.4 · Decisões do fundador, 23/10/2026, n.º 11 · a ordem dos clássicos
13. 4.5 · Decisões do fundador, 19/10/2026, n.º 1 · dívida sim, eleição não
14. 4.5 · Decisões do fundador, 23/10/2026, n.º 4 · a pessoa e a história, em registros distintos
15. 4.6 · Decisões do fundador, 19/10/2026, n.º 3 · “nada exige”
16. 4.6 · Decisões do fundador, 23/10/2026, n.º 5 · a voz do outro “em mim”

17. 4.7 · Tratado da Luz Interior, “Objeção provável e resposta breve” · “por medo, por hábito, por adaptação às expectativas alheias”
18. 4.8 · Tratado da Luz Interior, “Fundamentação” · “deliberadamente deixa em aberto”
19. 4.2 · Decisões do fundador, 19/10/2026, n.º 10, e 23/10/2026, n.º 12 · a revisão da Ficha do Estudo III
20. 4.1 · Ficha do Estudo II · “ancestral do nosso Examinar — tribunal lá, misericórdia aqui” · [Ficha, não cânon]
21. 4.2 · Ficha do Estudo III · “Estrutura vs. revelação” · [Ficha, não cânon]
22. 4.3 · Ficha do Estudo VII · “Sabido vs. revelado” · [Ficha, não cânon]
23. 4.4 · Ficha do Estudo V · “Bússola e autenticidade”; “Kierkegaard, a ponte” · [Ficha, não cânon]
24. 4.7 · Ficha do Estudo I · “Celebração vs. renúncia”; “Dignidade vs. vacuidade” · [Ficha, não cânon]
25. 4.7 · Ficha do Estudo IV · “Participação vs. identidade”; “Revelar, não fabricar” · [Ficha, não cânon]
26. 4.7 · Ficha do Estudo VI · “Impessoal vs. pessoal” · [Ficha, não cânon]
27. 4.1 · Estudos VII, 4.2; VIII, 4.5; IX, 4.4 · a Stoa sem Sócrates · [leitura do estudo]
28. 4.2 · Estudo VII, 4.4 · o cânon não decide qual luz, em outras casas, é a Luz · [leitura do estudo]
29. 4.3 · Estudo VII, 2.2 e 3.3 · Heráclito “pela voz de Platão”; a “religião do Bem” · [leitura do estudo]
30. 4.3 e 4.7 · Estudo VII, 4.6 · Wong sobre Hegel e Laozi · [leitura do estudo]
31. 4.4 · Estudos VII, 4.5, e IX, 4.2 · Kierkegaard no palácio e no celeiro; Jaspers, “interlocutor silencioso” · [leitura do estudo]
32. 4.5 e 4.7 · Estudo VIII, 4.6 · “reparos sobre a origem de uma ideia”; “os gregos e a Bíblia” · [leitura do estudo]
33. 4.5 · Estudo IX, 1.3, 2.2 e 5.1 · “vida examinada”; “de Ricoeur e de Platão” · [leitura do estudo]
34. 4.6 e 4.7 · Estudos VIII, 4.4, e IX, 4.5 e 4.6 · Buber sem Sócrates; Ricoeur e as civilizações não visitadas · [leitura do estudo]
35. 4.8 · Estudo IX, 5.1 · a imagem como estrutura · [leitura do estudo]

Capítulo 5 — Prévias: autores que virão

Platão

1. 5.1 · *República* VII, 516a; 518d · *Platonis Opera*, ed. Burnet (Oxford Classical Texts, 1900–1907), via Perseus; Shorey (Loeb) · [V-gr; V-en; paráfrase]
2. 5.2 · *Timeu*, 37d · trad. Carlos Alberto Nunes (Belém: UFPA, 1977), lida em P. R. da Silva, 2023 · “imagem móbil da eternidade” · «εἰκὼ δ’ ἐπενόει κινητόν τινα αἰῶνος ποιῆσαι» · [V-pt via secundária: P. R. da Silva, 2023] [V-gr]
3. 5.2 · *Apologia*, 31d · Burnet; Fowler (Loeb) · [V-gr; V-en; paráfrase]
4. 5.3 · *Apologia*, 38a · Burnet; Fowler · [V-gr; V-en; paráfrase]

5. 5.3 · *República* VII, 520c · Burnet; Shorey · “em vigília, e não em sonho” · «ὕπαρ … ἀλλ’ οὐκ ὄναρ» · [V-gr; V-en; tradução do estudo]
6. 5.3 · *República* VII, 519e–520a · Burnet; Shorey · [V-gr; V-en; paráfrase]
7. 5.4 · *Fédon*, 64a · Burnet; Fowler · [V-gr; V-en; paráfrase]
8. 5.4 · *Fédon*, 65c · Burnet; Fowler · [V-gr; V-en; paráfrase]
9. 5.5 · *República* IV, 441e–442a · trad. de R. Bolzani Filho em Bolzani Filho, “Temperança e justiça na cidade e na alma”, *Phoînix* 28(2), 2022, pp. 80–100 · “porque ela é sábia”; “cuida da alma toda” · «σοφῷ ὄντι καὶ ἔχοντι τὴν ὑπὲρ ἁπάσης τῆς ψυχῆς προμήθειαν» · [V-pt via secundária: Bolzani Filho, 2022] [V-gr]
10. 5.5 · *República* IV, 443c–d · trad. de R. Bolzani Filho, ibid. · “que se dá em seu íntimo” · «περὶ τὴν ἐντός» · [V-pt via secundária: Bolzani Filho, 2022] [V-gr]

A tradição

1. 5.1 · Aristóteles, *Ética a Nicômaco* I, 7, 1097b–1098a (a vida boa) · [paráfrase; localização a confirmar]
2. 5.1 · Aristóteles, *Ética a Nicômaco* II, 1, 1103a–b (a virtude pelo hábito) · [paráfrase; localização a confirmar]
3. 5.1 · Aristóteles, *Ética a Nicômaco* I, 6 (a crítica a um Bem separado) · [paráfrase; localização a confirmar; Bekker a confirmar]
4. 5.1 · Aristóteles, *Da alma* II (a alma como forma do corpo) · [paráfrase; localização a confirmar]
5. 5.1 · Aristóteles, *Metafísica* I, 9 (objeções às Formas) · [paráfrase; localização a confirmar]
6. 5.1 · Hegel, *Lições sobre a história da filosofia* · “merecem ser chamados mestres do gênero humano” · ver 4.3
7. 5.1 · Sêneca, *Cartas a Lucílio* 6, 6 · “tiraram mais proveito do caráter que das palavras de Sócrates” · ver 4.1
8. 5.2 · Agostinho, *Confissões* VII, 9, 13–14 · “certos livros dos platônicos” · ver 4.2
9. 5.2 · Agostinho, *Confissões* VII, 10, 16 · “a luz imutável” · ver 4.2
10. 5.2 · Clemente de Alexandria, *Stromata* I, 5 · “um pedagogo” · ver 4.2
11. 5.2 · Agostinho, *Confissões* XI, 14, 17 e 26, 33 (o tempo; a distensão da alma) · [paráfrase; localização a confirmar]
12. 5.2 · Agostinho, *Confissões* VIII, 9 (a vontade que manda a si mesma e resiste) · [paráfrase; localização a confirmar]
13. 5.2 · Agostinho, *Confissões* VIII, 12, 29 (tomar e ler) · [paráfrase; localização a confirmar]
14. 5.3 · Hannah Arendt, “Thinking and Moral Considerations” (1971) e *A vida do espírito* (o pensar como diálogo silencioso de mim comigo) · [paráfrase; localização a confirmar]
15. 5.3 · Hannah Arendt, *Eichmann em Jerusalém* (a irreflexão) · [paráfrase; localização a confirmar]
16. 5.3 · Hannah Arendt, *A condição humana* (as ideias como medidas; agir e fazer) · [paráfrase; localização a confirmar]
17. 5.4 · Karl Jaspers, *Os grandes filósofos*, vol. I (1957), na resenha de Carroll Quigley, *The Washington Sunday Star*, 28/3/1962 · “os indivíduos paradigmáticos”; “os pensadores seminais” · ver 4.4

18. 5.4 · Karl Jaspers, *Filosofia* (1932), via Ricoeur, *La mémoire, l’histoire, l’oubli*, p. 596 (as situações-limite) · [paráfrase; localização a confirmar; V via secundária: Ricoeur]
19. 5.4 · Gabriel Marcel, *Ser e ter* (1935) (problema e mistério) · [paráfrase; localização a confirmar]
20. 5.5 · Charles Taylor, “The Politics of Recognition”, em Amy Gutmann (org.), *Multiculturalism* (Princeton: Princeton University Press, 1994), p. 41 · “esse potencial, e não o que a pessoa fez dele, é o que garante que cada pessoa mereça respeito” · [V via secundária: Taylor, 1994, lido no Estudo VII, 3.1]
21. 5.5 · Charles Taylor, *Sources of the Self* (Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1989) (a razão como domínio de si; o Bem como fonte moral) · [paráfrase; localização a confirmar]

O cânon e os escritos

1. 5 (abertura) · Decisões do fundador de 23/10/2026, n.º 11 · a ordem dos clássicos
2. 5.1 · Tratado da Luz Interior, “Objeção provável e resposta breve” · “plenamente presente e, ainda assim, encoberta — por medo, por hábito, por adaptação às expectativas alheias”
3. 5.1 · Decisões do fundador de 23/10/2026, n.º 2 · “A Lux é valor; a capacidade é poder”; “o esforço parte da luz”
4. 5.1 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, III, “Prática” · “para manter a alma flexível”
5. 5.1 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I, “Princípio” · “anterior a qualquer conquista ou circunstância”
6. 5.2 · Cânon v1.2, “Independência confessional” · a Luz de quem crê, que a filosofia não decide por ninguém
7. 5.2 · Tratado da Luz Interior, “Fundamentação” · “mestre interior”; “ensina antes de qualquer voz externa”; “sem se filiar a nenhum de modo exclusivo”
8. 5.2 · Cânon v1.2, “Origem” · “atemporal”; “imersa num rio — o fluxo do tempo, das gerações, das civilizações”
9. 5.2 e 5.3 · Tratado da Vigília, “Definição”; Decisões do fundador de 17/10/2026, n.º 5 · “com ou sem intenção”
10. 5.2 · Disputatio, 2, “Sed contra” · “não é substância, mas privação do bem”
11. 5.2 · Decisões do fundador de 23/10/2026, n.º 5 · a voz do outro “em mim” é a própria Luz
12. 5.3 · Tratado das Águas Comuns, “Fundamentação” · “é pública e derivada”; “não é programa político”
13. 5.3 · Meditações Práticas, “O Examinar da noite” · “em voz baixa ou numa frase escrita”
14. 5.3 · Decisões do fundador de 19/10/2026, n.º 3 · “O olhar do outro apenas vê”
15. 5.3 · Decisões do fundador de 23/10/2026, n.º 4 · “A pessoa e a história, em registros distintos”
16. 5.3 · Decisões do fundador de 19/10/2026, n.º 4 · “O limite é a Bússola”
17. 5.3 e 5.4 · Cânon v1.2, “A Vigília” · “promete presença, não vitória”; “a perda, a doença, o acaso que desaba”
18. 5.4 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, IV, “Princípio” · “A transcendência passa pela matéria”
19. 5.4 · Disputatio, 2, “Sed contra” · “qualquer transcendência que seja fuga da matéria ferida”
20. 5.4 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, III, “Virtude” · “prontidão interior para o novo”

21. 5.4 · Tratado da Luz Interior, “Fundamentação” · “cada luz é intrínseca — não relativa, não comparativa, não sujeita a ranking”
22. 5.5 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I, “Virtude” · “coerência entre o que se é por dentro e o que se vive por fora”
23. 5.5 · Cânon v1.2, “A Bússola” · “apenas veta”
24. 5.5 · Decisões do fundador de 19/10/2026, n.º 5 · “de posição, não de valor”
25. 5.5 · Tratado das Águas Comuns, “Fundamentação” · “como material, não como doutrina”
26. 5.1 · Estudo IX, 5.2 · a prévia anterior de Aristóteles · [leitura do estudo]
27. 5.2 · Estudo VII, 4.4 · o padrão para a luz de outras casas · [leitura do estudo]
28. 5.3 · Estudo VII, 5.4 · Arendt: natalidade, Misericórdia, irreflexão · [leitura do estudo]
29. 5.3 · Estudo IX, 5.4 · a prévia anterior de Arendt · [leitura do estudo]
30. 5.3 · Estudo IX, 2.2 · “vida examinada” como nome possível · [leitura do estudo]
31. 5.4 · Ficha do Estudo III · “sobre o depois do rio, silêncio respeitoso” · [Ficha, não cânon]
32. 5.4 · Estudo IX, 5.5 · a homonímia da disponibilidade · [leitura do estudo]
33. 5.5 · Estudo VII, 3.1 · “só o fundador decide se a adota” · [leitura do estudo]

Capítulo 6 — Síntese, fórmula e questões abertas

Platão

1. 6.1 · *República* VII, 518d, ed. Burnet (Perseus) · “produzir o ver” · «ἐμποιῆσαι αὐτῷ τὸ ὁρᾶν» · [V-gr; V-en; tradução do estudo]; 518b–c [V-gr; V-en] [paráfrase] (ver 1.6)
2. 6.1 · *Apologia*, 38a · “não examinada” · «ἀνεξέταστος βίος» · [V-gr; V-en; tradução do estudo]; 29e [V-gr; V-en] [paráfrase] (ver 1.2)
3. 6.1 · *Apologia*, 31c–d · o sinal que só dissuade · [V-gr; V-en] [paráfrase] (ver 1.2)
4. 6.1 · *República* VI, 507d–e · “terceiro gênero” · «γένος τρίτον» · [V-gr; V-en; tradução do estudo] (ver 1.6)
5. 6.1 · *República* VI, 508b–c · “filho” · «ἔκγονον» · [V-gr; V-en; tradução do estudo] (ver 1.6, 3.1)
6. 6.1 · *República* VI, 509b · “mais além da essência” · «ἔτι ἐπέκεινα τῆς οὐσίας» · [V-gr; V-en; tradução do estudo] (ver 1.6)
7. 6.1 · *Banquete*, 211c, trad. J. Cavalcante de Souza (São Paulo: Editora 34, 2016) · “subir sempre, como que servindo-se de degraus” · [V-pt via secundária: Pamplona, 2020] (ver 1.7, 3.3)
8. 6.1 · *Protágoras*, 357e · “a maior ignorância” · «ἀμαθία» · [V-gr; V-en; tradução do estudo] (ver 1.3)
9. 6.1, 6.4 · *Górgias*, 478d · “medicina” · «ἰατρικὴ» · [V-gr; V-en; tradução do estudo] (ver 1.3)
10. 6.1 · *Fédon*, 82e–83a; *Timeu*, 88b · a prisão; o cuidado do corpo · [V-gr; V-en] [paráfrase] (ver 3.5)
11. 6.1 · *Fédon*, 78c–79d · “incomposto” (78c); “sempre o mesmo” (79d) · «τὰ ἀσύνθετα» (78c) · [V-gr; V-en; tradução do estudo] (78c); [V-en; tradução do estudo] (79d) (ver 1.4)
12. 6.1 · *Crátilo*, 402a · “tudo flui” · «πάντα χωρεῖ» · [V-gr; V-en; tradução do estudo] (ver 1.8)

13. 6.1 · *República* V, 473c–d; VII, 520c · o rei-filósofo; “em vigília” · «ὕπαρ … οὐκ ὄναρ» (520c) · 473c–d [V-gr; V-en] [paráfrase]; 520c [V-gr; V-en; tradução do estudo] (ver 1.6, 3.7)
14. 6.1 · *Timeu*, 47e–48a · a Necessidade · [V-gr; V-en] [paráfrase] (ver 1.8, 3.4)
15. 6.4 · *República* VII, 518c · voltar a alma inteira · [V-gr; V-en] [paráfrase] (ver 1.6)
16. 6.4 · *Leis* IX, 860d; 862c; *Górgias*, 525b–c · a pena terapêutica; os incuráveis · [V-gr; V-en] [paráfrase] (ver 1.9, 3.4)
17. 6.4 · *Leis* IX, 863e · “quer cause dano, quer não” · [V-gr; V-en; tradução do estudo] (ver 3.4)
18. 6.5 · *República* VII, 518c–d; VI, 508b–c, 509b; *Banquete*, 210a–211c · olhos que não têm vista; o sol filho do Bem; a escada até o Belo em si · [V-gr; V-en] [paráfrase] (ver 1.6, 1.7)

A tradição

1. 6.1 · Pamplona, 2020 · intermediário da trad. Cavalcante de Souza do *Banquete*, 211c · [V-pt] (ver 1.7)
2. 6.3 · Agostinho, *Confissões* VII, 9, 14 · o esvaziamento do Filho · [paráfrase] (ver 4.2)

O cânon e os escritos

1. 6.1 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I, “Princípio” · “A luz não se acende — ela se revela”
2. 6.1 · Decisões do fundador de 19 de outubro de 2026, n.º 3 · “apenas vê”
3. 6.1 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I, “Prática” · “onde minha luz ficou escondida hoje? Onde brilhou?”
4. 6.1 · Cânon v1.2, “A Bússola” · “apenas veta”
5. 6.1 · Tratado das Águas Comuns, “Definição” · “singular”
6. 6.1, 6.4 · Tratado da Luz Interior, “Fundamentação” · “questão que o cânon deliberadamente deixa em aberto”; “cada luz é intrínseca — não relativa, não comparativa, não sujeita a ranking”; “sem se filiar a nenhum de modo exclusivo”
7. 6.1, 6.2 · Decisões do fundador de 19 de outubro de 2026, n.º 5 · “de posição, não de valor”
8. 6.1, 6.3 · Tratado da Vigília, “Definição”; decisões do fundador de 17 de outubro de 2026, n.º 5 · “com ou sem intenção”
9. 6.1 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, IV, “Princípio” · “não são obstáculos ao espírito”
10. 6.1 · Tratado das Águas Comuns, “Fundamentação” · “não é programa político”
11. 6.1 · Cânon v1.2, Parte II, “Tom e estilo” · “intocável”
12. 6.2 · Decisões do fundador de 23 de outubro de 2026, n.º 1; n.º 2 · “a luz é dada e se revela”; “A Lux é valor; a capacidade é poder”
13. 6.2 · Tratado da Luz Interior, “Objeção provável e resposta breve” · “encoberta”
14. 6.3 · Tratado das Águas Comuns · “o amor dura”, a propósito do afastamento
15. 6.3, 6.4 · Decisões do fundador de 23 de outubro de 2026, n.º 5; n.º 8; n.º 9; n.º 10; n.º 12 · as decisões tomadas sobre Ricoeur e Levinas
16. 6.3, 6.4 · Decisões do fundador de 19 de outubro de 2026, n.º 8; n.º 10 · o princípio de Levinas; a revisão da Ficha do Estudo III

17. 6.3 · Tratado da Luz Interior, “Objeção provável e resposta breve” · “medo”; “hábito”; “adaptação às expectativas alheias”
18. 6.4 · Catecismo, 16 · “pequena de propósito”
19. 6.3 · Estudo VII, 6.3 · questões (g), (h), (i), (j), (k) · [leitura do estudo]
20. 6.4 · Estudo IX, 2.2 · “vida examinada” · [leitura do estudo]
21. 6.3 · Ficha do Estudo II; Ficha do Estudo III · [Ficha, não cânon] (ver 4.1, 4.2)

APÊNDICE B — CONFERÊNCIAS PENDENTES

O texto tem 59 marcas com “confirmar” e 438 marcas de verificação ao todo. O grego de Platão foi conferido no texto de Burnet (Oxford Classical Texts), lido na Perseus Digital Library, com o inglês do Loeb à vista; nenhuma edição brasileira ou portuguesa de Platão foi aberta, e o português de Platão é, quase sempre, tradução do estudo, ou fragmento lido por intermediário. As passagens do Cânon, dos Tratados, da Disputatio, do Catecismo, das Meditações, dos Estudos VII, VIII e IX e das Decisões do fundador foram conferidas contra os textos. Agrupadas por tipo de conferência, para quem for fechar o aparato (os itens de cada bloco vão numerados entre parênteses):

Tipo	O que falta
Edições não abertas	(1) *A República*, trad. Maria Helena da Rocha Pereira (Lisboa: Gulbenkian, 2001; 2014; a 5.ª ed. é de 1987): as passagens de *República* VI, 509d, 510b, 511b–c e VII, 516a chegam por Corbani (*Sofia* 14/1, 2025), Santos (2024) e Cigognini (2012); a grafia de 511b–c varia no próprio Corbani (“até àquilo” e “até aquilo”); (2) *A República*, trad. Anna Lia Amaral de Almeida Prado (São Paulo: Martins Fontes, 2006): só listada por Bolzani Filho (*Phoînix* 28/2, 2022), cujos trechos de IV, 441e–442a e 443c–d parecem tradução própria; (3) *Apologia de Sócrates*, trad. André Malta (Porto Alegre: L&PM): 38a (“não vale a pena”) por J. W. da Silva (2016); a edição exata (2011 ou 2014) é a conferir; (4) *Teeteto*, *Fédon* e *Timeu*, trad. Carlos Alberto Nunes (EDUFPA, 3.ª ed., 2001; UFPA, 2011; UFPA, 1977): *Teeteto* 150c por J. B. da Silva (2017), *Fédon* 118a por Silveira, Mascia e Azeredo (2020), *Timeu* 37d por P. R. da Silva (2023); (5) *Mênon*, trad. Maura Iglésias (Loyola, 2001): 80d, 81c–d e 85d por Corbani (*Prometeus* 46, 2024); (6) *Fédon*, trad. Paleikat e Cruz Costa (Os Pensadores, 1972): 65c por uma dissertação da UFMG de autoria não identificada; e a tradução provável de Schiappa de Azevedo (Minerva, 2004): 75d por T. R. Silva (2022), a tradução é conjetura; (7) *O Banquete*, trad. Cavalcante de Souza (Editora 34, 2016): 210a–211c por Pamplona (2020); (8) *Fedro*, trad. Cavalcante de Souza: lida no artigo de *Letras Clássicas* 2 (1998), não na edição de 2016, que pode diferir; (9) nenhuma edição espanhola de Platão foi aberta; (10) edições impressas de Sêneca, Epicteto, Diógenes Laércio, Agostinho (latim só nas *Confissões*; *Cidade de Deus* só em inglês), Justino, Clemente e Hegel não foram abertas: leitura em inglês (Gummere, Long, Hicks, Pusey, Dods, Haldane–Simson), via Wikisource, New Advent, Perseus e marxists.org, sem as páginas do alemão de Hegel (*Werke* 19).
Passagens com [página a confirmar], [localização a confirmar], [tese a confirmar] e “o grego do trecho não foi conferido”	**Capítulo 1.** 1.2: Foucault, p. 46, via Barros (2021) [página a confirmar]; Vlastos, Hadot e Jaeger [tese a confirmar; obras e páginas a confirmar]; 1.3: Vigo, “La conciencia errónea” (*Signos Filosóficos* 29, 2013) [página a confirmar]; 1.4: *Fédon* 75d, trad. de Schiappa de Azevedo [trad. a confirmar] e *Fédon* 65c, por uma dissertação da UFMG [autoria a confirmar]; 1.4: *Fédon* 79d [o grego do trecho não foi conferido]; 1.5: *Fedro* 246a [página a confirmar]; Annas, justiça como harmonia [tese a confirmar]; 1.5, 1.6: Annas, o Bem como ponto fraco [tese a confirmar; página a confirmar]; 1.6: a escola de Tübingen–Milão (Reale, Krämer) [tese a confirmar; via Valverde, 2015]; 1.7: *Fedro* 247c, 249c, 249d [página a confirmar]; Vlastos, “The Individual as an Object of Love in Plato” [tese a confirmar; página a confirmar]; 1.8: o corpo como parceiro em proporção no *Timeu* [tese a confirmar no *Timeu*]. **Capítulo 2.** 2.2: Brisson, a reminiscência do *Mênon* [tese a confirmar]; 2.5: Annas [tese a confirmar; capítulo e páginas a confirmar]; 2.6: *República* VII, 519d [o grego do trecho não foi conferido]; Moraes Augusto, “Politeía e utopia: o caso platônico” (*Kléos* 16/17, 2012–2013) [tese a confirmar; artigo não aberto]. **Capítulo 3.** 3.3: *Banquete* 211c [o grego do trecho não foi conferido]; Vlastos [tese a confirmar; edição e página a confirmar]; 3.4: Buber, “Die Lehre und die Tat” (1934), em Šajda (2025) [obra e página a confirmar]; 3.5: *Fedro* 250c [página a confirmar]; 3.6: *Fédon* 79d [o grego do trecho não foi conferido]; 3.7: Hegel, Haldane–Simson, 1894 [página a confirmar]; 3.8: Buber, “Falsche Propheten”, em Šajda [página a confirmar]. **Capítulo 4.** 4.1: Sêneca, *Cartas* 6, 6 [páginas do Loeb a confirmar]; 4.2: a identificação dos “livros dos platônicos” com Plotino e Porfírio [tese

Tipo	O que falta
	a confirmar]; 4.3: as páginas do alemão de Hegel [página a confirmar] (*Werke* 19 a confirmar); 4.4: Utterback, "Kierkegaard's Inverse Dialectic", *Kierkegaardiana* [volume, ano e página a confirmar]; 4.5: Levinas, *Totalidade e Infinito*, p. 218 [paráfrase; página a confirmar]; Elgabsi, *Metodo* 7/2 (2019) [localização a confirmar]; 4.6: Buber, *Eu e Tu*, p. 66, por Šajda [página exata a confirmar]; 4.7: Buber, "Eine Feststellung" (1914), por Šajda [página a confirmar]. **Capítulo 5.** 5.1: Aristóteles, *Ética a Nicômaco* I, 7; II, 1; I, 6 (Bekker a confirmar); *Da alma* II; *Metafísica* I, 9 [localização a confirmar]; 5.2: Agostinho, *Confissões* XI, 14, 17 e 26, 33; VIII, 9; VIII, 12, 29 [localização a confirmar]; 5.3: Arendt, "Thinking and Moral Considerations", *A vida do espírito*, *Eichmann em Jerusalém*, *A condição humana* [localização a confirmar]; a "caverna invertida" é pergunta do estudo, e a passagem de Arendt que a sustentaria não foi localizada [paráfrase; localização a confirmar]; 5.4: Jaspers, *Filosofia* (1932), via Ricoeur, *La mémoire, l'histoire, l'oubli*, p. 596; Marcel, *Ser e ter* (1935) [localização a confirmar]; o estudo não abriu passagem em que Marcel leia Platão [tese a confirmar]; 5.5: Taylor, *Sources of the Self* [localização a confirmar]. **Capítulo 6.** 6.3 (j): a Bússola e o monte Moriá; a letra de Platão reunida para o estudo não traz passagem que a toque [tese a confirmar].
Passagens de Platão lidas em parte ou só em inglês	(1) o mito de Er lido em parte: *República* X, 621a–c (1.9) e 621a–b (3.6) levam [leitura parcial do mito], 621b–c (2.7) é paráfrase, e 614b–617d e 619d–620d, o resto do mito, não foram lidos; (2) *Fedro* 274c–e (abertura do mito de Teute) só em inglês; *Leis* X, 899d lido só até o início; *Górgias* 523a–525a e 526d–527a só nas passagens citadas; *Protágoras* 339a–347a e 351b–357c lidos em parte; *Teeteto* 179d–183c em amostra; (3) *Apologia* 20e–23c e 28b–31c não abertas por inteiro (usadas 20e–21a, 21d, 23a–b, 28b, 29d–31d); *Críton* só 47d–48b; *República* IV 435a–445e e IX 588b–592b em amostras, e IV 441a–c, 442c–d, 444a, IX 589c–590c não copiadas; (4) *Cármides* 165b: só o inglês; (5) o português de *República* VI 505d–509b (exceto 509d–511b), VII 517b–c, 518b–519d, 519c–521b; *Fédon* 64a, 82e–83a, 79d; *Timeu* 47e–48a, 88b, 90a–d; *Banquete* 202d–206c é tradução do estudo, sem português publicado conferido; (6) "o poder de ver já está na alma" é paráfrase: a letra é de 518c e 518d, e o capítulo 3 (3.2) deve citar essas, não a paráfrase corrente.
Intérpretes lidos só por intermediários ou só em resumo	(1) Marcelo Perine, *Platão não estava doente* (2014): só pela resenha de Valverde (*Aurora* 27/41, 2015), pp. 11–12, 15–17 e 241; (2) Gianni Casertano, *Fedone* (2015): só pela recensão de Cornelli (*Archai* 34, 2024), pp. 92–93, 360 e 469; (3) Maria Helena da Rocha Pereira (Introdução, p. XVI) por Corbani (2025); Maura Iglésias (Introdução, pp. 11–12) por Corbani (2024); Marcelo Pimenta Marques e José Trindade Santos por Santos (2024), T. R. Silva (2022) e P. R. da Silva (2023), sem reproduzir a tese; (4) a escola de Tübingen–Milão (Reale, Krämer, Gaiser, Szlezák): só por Valverde (2015); a obra de Reale, de memória; (5) Foucault, *A hermenêutica do sujeito*, pp. 46 e 71: só por Barros (2021); Hadot, só pelo resumo de Carvalho (UnB, 2018), em extrato (V-extr); Renaud e Tarrant, *The Platonic Alcibiades I*, só pela resenha de Lautner (V-extr); J. W. da Silva, E. J. Silva, J. B. da Silva e Silveira, Mascia e Azeredo, em extrato; (6) só nomeados, sem tese verificável [tese a confirmar]: Jaeger, Cornford, Vlastos, Annas (inclusive a introdução ao *Alcibíades I* da Penguin-Companhia, 2022), Kahn, Dixsaut, Brisson, Guthrie; Moraes Augusto (*Kléos* 16/17), só pelo índice; (7) Kierkegaard só por Utterback (*Kierkegaardiana*, volume e ano a confirmar); Jaspers só pela resenha de Quigley (1962) e por Ricoeur, p. 596; Levinas pelo Estudo VIII e por Zhang (*Human Studies* 49, 2026); Ricoeur pelo Estudo IX (*História e verdade*, p. 52, e *Tempo e narrativa* III, p. 425, não reabertos); Buber só por Šajda (*Filozofia* 80/4, 2025), e nada se achou em *Eu e Tu* inteiro nem em *O caminho do homem*; Wong pelo Estudo VII, 4.6; Hegel só em inglês; (8) Aristóteles, Agostinho (*Confissões* VIII e XI), Arendt, Marcel e Taylor (*Sources of the Self*): sem edição aberta, só paráfrase; Taylor, p. 41, só pelo Estudo VII, 3.1; Orígenes e os demais Padres não foram abertos; (9) o Oriente: nenhum intérprete nomeado aproxima Platão do budismo, do Vedanta ou do taoísmo; Levinas nega origem oriental da ideia do Bem, e Buber e Jaspers põem Sócrates ao lado de Buda e Confúcio, sem tratar de Platão.

Tipo	**O que falta**
Divergências entre fontes	(1) o nascimento de Platão: Laércio III.2 (Apolodoro) dá a 88.ª Olimpíada, sétimo dia de Targélion; a glosa de Hicks traz 427–347; a *Stanford Encyclopedia* (rev. abr. 2026), "429?–347"; o próprio Laércio fala do arcontado de Améinias, o ano da morte de Péricles (429 na glosa de Hicks), que não bate com a Olimpíada; a morte: Hermipo, primeiro ano da 108.ª Olimpíada, no octogésimo primeiro ano, e Neantes, oitenta e quatro anos; o estudo escreve "c. 428/427–348/347" e não escolhe (429/428/427 e 348/347); (2) as viagens a Siracusa (c. 367 e c. 361/360), a data de c. 388/387 para a primeira (inferência do estudo a partir de *Carta VII* 324a) e a fundação da Academia (c. 387) são as correntes e não foram conferidas em fonte aberta; (3) *Apologia* 38a em duas redações de Malta: "a vida sem inspeção não vale a pena ser vivida pelo homem" (L&PM, 2014, em J. W. da Silva, 2016) e "uma vida sem o questionamento de si não é digna de ser vivida por um homem" (L&PM, 2011, p. 102, em E. J. Silva, 2023), com "melhor dos homens, você…" e "Nobre homem, sendo ateniense…" em passos vizinhos; provável revisão entre as edições; o capítulo 1 (1.2) usa "não vale a pena"; (4) *República* II (379b, 380b: o deus é causa só do bem, "sem culpa") × *Leis* X (896e: a alma, causa do bem e do mal, ao menos duas almas; 899b) e *Leis* IX (863e: "quer cause dano, quer não"), a tensão do corpus que os capítulos 1 (1.9), 2 (2.7) e 3 (3.4) não apagam; como os intérpretes a resolvem (cronologia, mito, sentido de "alma má") não foi estudado, e Bieda (2018) lê nas *Leis* uma revisão do intelectualismo socrático; (5) a autenticidade do *Alcibíades I*: Renaud e Tarrant não pretendem defendê-la e o veem como "revisão do período tardio" (Lautner, 2016); Foucault diz que não há especialista que a ponha seriamente em questão (*A hermenêutica do sujeito*, p. 71, via Barros, 2021); Dittmar (espúrio, 340–330 a.C.), Smith (incoerência com outras doutrinas) e Giannantoni (possível autenticidade), via Pentassuglio (*Archai* 12, 2014); o parecer de Annas não foi aberto; as passagens (130e, 133a) levam [autenticidade disputada]; (6) a autenticidade da *Carta VII*: Kraut, citando Burnyeat e Frede (2015), tem as cartas como "quase certamente não dele"; Rocha Pereira e Trindade Santos a tratam como utilizável (Corbani, nota 2) [tese a confirmar]; 324a ("quarenta anos") e 326a–b (o rei-filósofo) levam [autenticidade disputada]; (7) o mito de Er lido em parte (ver o bloco anterior), o que limita o que o capítulo 1 (1.9) e o capítulo 3 (3.6) podem dizer da escolha e da culpa; (8) "tudo flui": a forma *pánta rhei* não aparece nas passagens lidas, e o *Crátilo* 402a traz *pánta chorei*; Graham (SEP) tem só B12 como fragmento do rio certificadamente genuíno, e a leitura do fluxo universal pode vir de Crátilo; (9) a edição grega do *Fédon* (Burnet, vol. I, 1900) é suposta, e o ano de *Leis* e *Cartas* varia (1914 e 1915); (10) o ano de Kahn (1996 × 1998, em Corbani, 2024) e a edição de Foucault (Martins Fontes, 2006 × 2010; as paginações podem divergir); (11) a tradução de Rocha Pereira, *República* VII, 511b–c, em duas grafias no mesmo artigo ("até àquilo" e "até aquilo"); (12) entre o plano do estudo e a letra: "alma" ocorre no cânon duas vezes (Pilar III, Prática; Catecismo, 16), embora o plano diga que não; a decisão n.º 4 de 23/10 é "A pessoa e a história, em registros distintos" e não nomeia a "vida examinada", que vem do Estudo IX (2.2 e 6.3, questão (w)); o arquivo de 19/10 não traz Platão (o n.º 12 anuncia Ricoeur), e Platão como Estudo X está na decisão n.º 11 de 23/10, embora o Estudo IX (cap. 5, abertura) diga "já decidido em 19 de outubro"; a pergunta do sol não está em 6.3 (h) do Estudo IX e é nova, (aa); "bens" das Águas Comuns é palavra do Estudo VII (3.4), não do cânon; "o rio não é programa político" é do Tratado das Águas Comuns, não do Cânon; o "sim" da decisão n.º 5 de 17/10 é sobre intenção e irreflexão, não sobre saber, e "o lobo que não sabe é lobo" é inferência do plano.
Cruzamentos entre as quatro frentes da pesquisa de fontes	(1) as mesmas passagens aparecem em vários capítulos e levam remissões ("ver 1.6", "ver 3.4") que devem apontar para a numeração final: *República* VII, 520c–d (o regresso: 1.6, 2.6, 3.7, 5.3, 6.4); VI, 508b–509b (o Bem além do ser: Prólogo, 1.6, 2.1, 3.1, 4.5, 6.1); *Timeu* 37d e 47e–48a (1.8, 2.7, 3.4, 3.6, 5.2); *Apologia* 38a, 29e, 31c–d, 40a–b (Prólogo, 1.2, 2.3, 2.4, 3.8, 5.2, 5.3, 6.1); *Fédon* sobre o corpo, 64a, 65c, 67d–e, 82e–83a (1.4, 3.5, 4.7, 5.4); *Fedro* 249c–d (1.7, 3.5); convém conferir a mesma tradução do estudo para a mesma letra em todos os pontos (por exemplo, o 509b longo do capítulo 4, 4.5, e o curto dos demais); (2) "sempre o mesmo" é atribuído a *Fédon*

Tipo	O que falta
	78c (3.6, e 6.1 [V-en]) e a 79d (3.6, [o grego do trecho não foi conferido]); o marcador [79c] não foi localizado no arquivo grego do *Fédon*, e a pesquisa cita o inglês de 79c–d: fixar o passo; (3) *Crátilo* 400c e *Górgias* 493a (*sôma–sêma*): a primeira frente os registra como não abertos; a terceira os traz como [V-gr; paráfrase] (3.5, 1.8): conferir o que foi aberto; (4) *Banquete* 211c: no capítulo 3 (3.3) o grego do trecho não foi conferido, no capítulo 6 (6.1) a passagem vem sem essa marca, e no capítulo 1 (1.7) 210e–211b tem o grego; harmonizar; (5) Buber, "Die Lehre und die Tat" (1934): o capítulo 3 (3.4) traz "obra a confirmar" e o capítulo 4 (4.6) traz *Werkausgabe* 8, p. 260; "Falsche Propheten" (*Israel and the World*, p. 114) está nos capítulos 2 (2.4), 3 (3.8) e 4 (4.6); as páginas de Šajda (pp. 575–580) são a confirmar; (6) Jaspers e os "indivíduos paradigmáticos" (Quigley): capítulos 4 (4.4) e 5 (5.4), com remissão cruzada; Hegel, "mestres do gênero humano": 4.3 e 5.1; Sêneca, *Cartas* 6, 6: 4.1 e 5.1; (7) Ricoeur, *História e verdade*, p. 52, e *Tempo e narrativa* III, p. 425, citados no capítulo 4 (4.5) só pelo Estudo IX (1.3, 2.2, 5.1); (8) a decisão n.º 4 de 23/10 e a "vida examinada": capítulos 4 (4.5), 5 (5.3) e 6 (6.4) devem usar a letra da decisão e atribuir o nome ao Estudo IX; (9) a *Carta VII* 324a (1.1) e 326a–b (3.7), ambas [autenticidade disputada]; (10) a revisão da Ficha do Estudo III (decisões de 19/10, n.º 10, e de 23/10, n.º 12) citada nos capítulos 4 (4.2) e 6 (6.3).

APÊNDICE C — PAINEL DE VERIFICAÇÃO

Contagem, feita sobre o texto final, das marcas entre colchetes que acompanham citações e leituras. “Corpo” é o texto do Prólogo e dos capítulos; “Aparato” são as fontes por capítulo. Neste estudo as passagens de Platão foram conferidas no grego de Burnet (Perseus), com o inglês à vista (ver o Prólogo, “Como ler este estudo”); nenhuma edição brasileira ou portuguesa dos diálogos foi aberta, e o português de Platão é, quase sempre, tradução do estudo.

Marca	Total	Corpo	Aparato
[leitura do estudo]	93	67	26
[paráfrase]	84	18	66
[v-gr; v-en; tradução do estudo]	56	0	56
[V-pt]	48	23	25
[V-en]	30	22	8
[hipótese do estudo]	28	28	0
[tese a confirmar]	20	12	8
[V-en; tradução do estudo]	19	0	19
[paráfrase; … a confirmar]	19	2	17
[V via secundária]	11	4	7
[inferência do estudo]	8	8	0
[V-es]	7	3	4
[v-gr; tradução do estudo]	4	0	4
[… a confirmar]	4	3	1
[v-lat; v-en; tradução do estudo]	2	0	2
[hipótese do estudo; estudo ix, 5.1]	2	2	0
[V-pt; conferido no digitalizado]	1	0	1
[v-gr; v-en; tradução do estudo; autenticidade disputada]	1	0	1
[v-lat; tradução do estudo]	1	0	1

Citações entre aspas e palavras, por capítulo:

Capítulo	Citações	Palavras
Prólogo — O estado da questão e o método	17	2317
1. Platão em sua melhor forma	97	5020
2. Onde nos tocamos	80	3701
3. Onde nos separamos	91	5251
4. Platão antes das casas que já visitamos	89	3569
5. Prévias: autores que virão	53	2694
6. Síntese, fórmula e questões abertas	38	3004
Total	465	25556

Toda citação do corpo foi conferida, fragmento a fragmento, contra a pesquisa de fontes do estudo e contra o Cânon v1.2, os três Tratados, a Disputatio, o Catecismo, as Meditações, as decisões do fundador e os Estudos VII, VIII e IX; nenhuma foi inventada. As que não puderam ser conferidas numa edição levam marca. Dentro das aspas fica a grafia da edição citada.